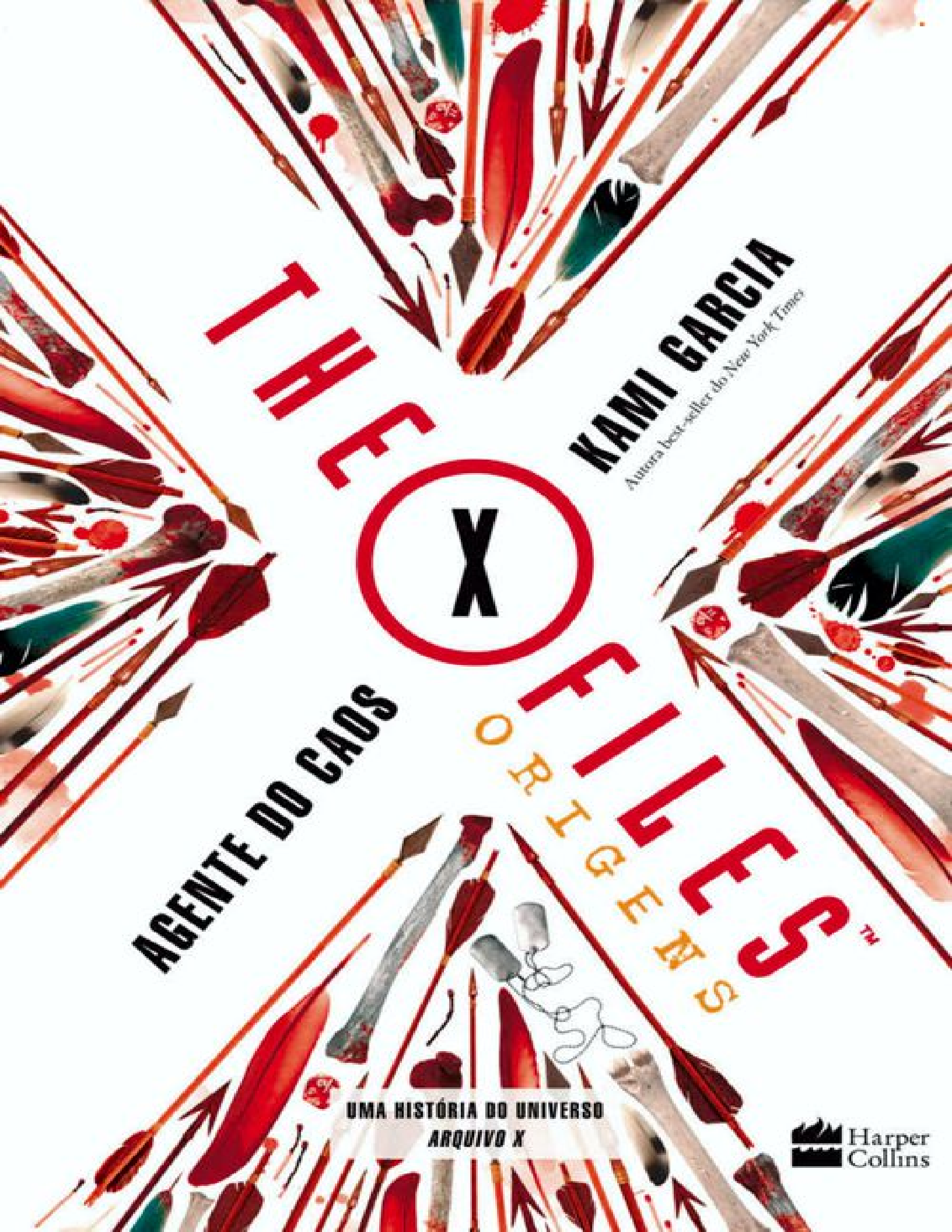

THE X FILES™
ORIGENS
KAMI GARCIA
Autora best-seller do New York Times
AGENTE DO CAOS
UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO
ARQUIVO X
Harper Collins

67-Wfo-72016

AGÊNCIA DE FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO — FBI

Data 1° de abril de 1979

Relatório de Campo

30 de março de 1979

Seguindo realocação de Martha's Vineyard para Washington, BILL MULDER e o filho estão sob vigilância para garantir obediência. O trabalho de Mulder no projeto [redacted] é crítico a esta altura. Trabalho na DE, no QG, no Pentágono e no [redacted].

FOX WILLIAM MULDER, 17 anos de idade, apresenta memória fotográfica e alto nível de inteligência. Ele não tem conhecimento das circunstâncias em torno do desaparecimento de [redacted] — o agente pode [redacted] para mantê-lo desinformado, a seu critério. Avaliar futuro recrutamento para [redacted] dentro da DE.

Observar também seu relacionamento com [redacted]; pai [redacted] trabalhou na Base Aérea de [redacted]. Esposa foi [redacted].

A esposa/mãe TEENA MULDER permanece na antiga casa da família e não está sob vigilância.
— X

Relatório de campo
1º de abril de 1979

CAPITÃO SCULLY recentemente foi realocado com a família da Base Naval de Miramar de volta para Annapolis, MD. Possível promoção para almirante em discussão. Transferência foi iniciada pelo [redacted]. Filha mais nova, DANA KATHERINE, nascida em 23 de fevereiro de 1964. Vacina contra [redacted] no 29510 administrada em [redacted].

Aos 15 anos, exibe sinais de ver [redacted] e/ou pós-morte. Considerar observação e teste pelo departamento de pesquisa e inovação. Tais [redacted] podem ajudar departamentos a se comunicarem com [redacted] com que firmamos acordo em 13 de outubro de 1973, na Base Aérea de [redacted].

Prosseguir com vigilância. Testar usando protocolo de [redacted].

— Agente Gerlach

Data 1° de abril de 1979 Em Washington, Maryland Arquivo n°

Agentes X Data do arquivo

THE X FILES™
ORIGENS

AGENTE DO CAOS

KAMI GARCIA

Tradução de Mariana Kohnert



Harper Collins

Rio de Janeiro, 2017



Título original: Agent of Chaos
The X Files (TM) & (c) 2017 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os direitos reservados.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G199a

Garcia, Kami
Agente do caos: the X files: origens / Kami Garcia; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.
320 p. ; il.

Tradução de: The X-files origins: agent of chaos

ISBN 9788595080966

1. Ficção americana. I. Kohnert, Mariana. II. Título.
17-39400

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Agradecimentos

Não perca a história de Dana Scully

Ficha técnica

"Para Stella, Nick e Alex,
espero que jamais deixem de acreditar."

Para Erin Stein e Derek Racca,
vocês acreditam de verdade. Deixem um rastro de sementes de girassol para que o restante de nós possa seguir.



CAPÍTULO 1

Washington, DC

30 de março de 1979, 15:32

Bandos de adolescentes, agitados por conta do início oficial do recesso de primavera, passaram correndo pelo sedan preto estacionado do outro lado da rua do colégio, alheios ao fato de que eram observados por trás das janelas fumê do carro. Atletas usando casacos da Wilson High carregavam belas líderes de torcida nos ombros, aproveitando a chance de finalmente tocar em uma ou outra coxa. Outros caras faziam palhaçadas na rua, se exibindo para garotas que usavam jeans apertados e fingiam não reparar neles.

A maioria dos adolescentes não olhou duas vezes para o carro. Veículos pretos com janelas fumê eram tão comuns quanto pombos em Washington, DC — base do Serviço Secreto, da CIA e do FBI.

O homem no assento do passageiro observava o rosto de cada garoto que atravessava a rua fora da faixa, procurando por um em particular.

— Nenhum sinal dele, ainda — disse o homem, direcionando o comentário para o homem mais velho ao volante.

— Uma observação poderosa, Reginald — debochou o chefe. Ele soava como o avô de alguém e, comparado a Reggie, se parecia com um.

A pele marrom-escura de Reggie era lisa como a de um bebê recém-nascido, e os cabelos crespos curtos enfiados sob uma boina de tweed apenas salientavam a beleza jovial dele. O bigode farto e o estilo sofisticado — como a camisa branca justa, o blazer de camurça bege e a calça preta boca de sino que usava naquele dia — evitavam que fosse confundido com um universitário.

Mesmo que o chefe abandonasse a camisa engomada, a gravata larga e o corte de cabelo conservador dividido para o lado, não conseguiria esconder as rugas sulcadas na pele pálida como se fossem cicatrizes, ou a expressão cansada por trás dos olhos frios.

Reggie voltou a atenção para os adolescentes. Ainda eram movidos a adrenalina e à ilusão de liberdade que a juventude oferece. Reggie os observou com uma pontada de inveja.

— É como se achassem que nada pudesse tocá-los. Lembra dessa sensação?

— Não. Eu nunca fui um idiota. — O chefe tamborilou o polegar no volante sem agitar o volume de cinzas na ponta do cigarro que

tinha na mão. — As pessoas veem o que querem ver, o que em geral não é nada importante.

E lá se vai a conversa fiada, pensou Reggie, enquanto continuava observando a horda de jovens.

— Impossível termos deixado o moleque passar.

— Seus poderes de dedução jamais me desapontam. — O chefe fumou um trago do Morley e exalou devagar.

A nuvem de fumaça fez os olhos de Reggie se encherem d'água, mas ele ignorou isso e se concentrou nas cinzas, esperando que caíssem.

— Surge o filho pródigo. — O chefe apontou o cigarro para o outro lado da rua, para dois meninos caminhando pela calçada com mochilas jogadas por cima dos ombros.

Fox Mulder era um garoto bonito — esguio como um nadador, com uma aparência que era o equilíbrio perfeito entre arrumadinho e desleixado. Os cabelos castanho-escuros chegavam até logo abaixo do colarinho da camisa listrada, e a franja era longa o suficiente para cobrir um pouco os olhos do garoto. As garotas ficavam caidinhas por esse tipo de coisa. Fox tinha o olhar perdido conforme caminhava arrastando os pés, segurando um papel amassado.

O segundo garoto era outra história. Era trinta centímetros mais baixo do que Fox, e os cabelos loiros lisos tapavam o rosto, como se estivesse deixando crescer um corte tigelinha malfeito. A camisa marrom suja estampava uma imagem desbotada de uma cena de *Guerra nas Estrelas*, e a calça jeans era tão longa que a bainha desfiada se arrastava pela calçada.

O menino falava sem parar, com gestos espalhafatosos e movimentando-se em torno de Fox como uma mosca. Pelo jeito, seria útil a Fox um pedaço de fita adesiva para tapar a boca do jovem.

Reggie não era fã de tagarelas. Eram um risco.

— Quem é o menino com o filho de Bill Mulder?

— Está familiarizado com o conceito de pesquisa? — O chefe finalmente bateu o cigarro na borda do cinzeiro e a cinza se partiu em um pedaço, como se por uma ordem. Ele amassou a guimba e concentrou os olhos azuis marejados em Reggie. — Permita-me

esclarecer. É uma prática que profissionais usam para obter informações sem depender de *suposições*.

Reggie se sentiu tentado a disparar de volta uma observação engraçadinha própria, mas o chefe o faria se arrepender mais tarde. A organização para a qual trabalhavam tinha sido erguida por homens e mulheres com gelo correndo nas veias — indivíduos dispostos a fazer o que fosse preciso, independentemente do custo —, e o fumante ao lado dele era um desses indivíduos.

— Qual é meu trabalho? — Reggie queria partir para a ação. — Quer que eu recolha o filho de Bill?

Recolher parecia mais civilizado do que *sequestrar*.

— Levar Samantha Mulder foi, em parte, uma garantia para evitar que o pai dela falasse. — O chefe abriu um novo maço de cigarros e com um gesto do pulso liberou um. — E todos precisamos fazer sacrifícios. Mas Bill ficaria arrasado se levássemos o filho também e, no momento, precisamos do homem. O Projeto está em um estágio crítico que requer pessoas com habilidades específicas, e Bill Mulder é uma dessas pessoas.

O chefe acendeu o Morley e continuou falando, com o cigarro preso no canto da boca.

— Então precisamos ficar de olho em Bill e no filho dele. Siga o menino e me informe se fizer algo interessante. Também estamos avaliando Fox para potencial recrutamento.

Seguir um adolescente durante o recesso de primavera era uma bosta de serviço, mas Reggie ainda não estava suficientemente no topo da cadeia alimentar profissional para reclamar. Então perguntou:

— Quem diabos batiza o filho de Fox? Os pais devem odiá-lo.

— Bill e Teena estão ocupados demais odiando um ao outro. Mal se falavam quando Bill saiu de casa, no outono. — O chefe olhou pela janela, acompanhando o caminhar de Fox Mulder pela rua. — O momento foi perfeito, na verdade. Nós nos intrometemos e realocamos Bill de Martha's Vineyard para a capital, para que pudesse trabalhar no Projeto em tempo integral. Fox veio com ele.

— Fico surpreso que a mãe do garoto tenha permitido — disse Reggie. — Minha tia e meu tio se divorciaram quando eu era novo e brigavam por tudo.

— Se eu dei a impressão de que queria trocar memórias de infância, me deixe esclarecer. Não quero. — O chefe deu um longo trago no cigarro e um novo volume de cinzas começou a se formar. — O interessante é que mandar Fox para morar com o pai foi ideia de Teena.

— Isso não parece estranho? — perguntou Reggie, ignorando o insulto.

— Parece. — O chefe exalou e uma nuvem de fumaça rodopiou até Reggie, que finalmente tossiu e levou a mão à maçaneta da janela. O chefe estalou os dedos e apontou para o vidro. — A janela fica fechada.

Reggie ignorou a queimação na garganta. Ele se recusava a parecer fraco diante de um homem que certa vez se referira à fraqueza como uma doença durante uma reunião de instruções.

— Acha que a mãe de Fox sabe de alguma coisa?

— Isso ainda não foi definido. Mas, quando for, lidarei com Teena Mulder pessoalmente. — Mais um rastro de fumaça serpenteou dos lábios rachados do chefe. — Você se concentra em Fox. Passe as novidades diretamente para mim, apenas para mim.

— Então nada de relatórios?

— Se atenha ao mínimo. Não queremos deixar nenhum rastro. Então, de agora em diante, você não tem mais um nome. Assine seus relatórios como X.

CAPÍTULO 2

Colégio Woodrow Wilson

15:47

Fox Mulder encarava o *C* escrito no topo da prova de história enquanto caminhava pela calçada com Gimble. O amigo não tinha parado de falar desde o toque do sinal no fim do sexto tempo, oficialmente sinalizando o início do recesso de primavera. Essa era uma característica de Gimble — nada perturbava o cara. Ele jamais desperdiçaria tempo se preocupando com uma nota péssima, mas Mulder não conseguia esquecer.

Depois de três provas que seguiram o mesmo formato — trinta questões de múltipla escolha tiradas diretamente do livro-texto e vinte questões de respostas curtas —, a professora de história tinha saído do padrão e mudado para perguntas dissertativas.

— Não entendo. — Gimble olhou para a prova de Mulder. — Não leu os capítulos?

— Sim.

— Então qual o problema? — perguntou Gimble. — Com esse seu superpoder, era para você ter gabaritado a prova.

— Uma memória fotográfica não é um superpoder. É uma anomalia. — *E uma maldição social*, pensou Mulder.

O fato de que Mulder conseguia se lembrar de cada palavra que lia irritava as pessoas da escola — os colegas de turma porque, mesmo que gastassem dias estudando para um teste, Mulder ainda assim tiraria uma nota mais alta; e os professores, porque odiavam o fato de que Mulder sabia mais do que eles.

Então Mulder não contava a ninguém sobre isso se pudesse evitar. Mas ficou difícil esconder de Gimble depois que se tornaram amigos. Depois que Mulder recitou páginas inteiras da revista *Starlog*, palavra por palavra, ele se entregou.

Mas a memória fotográfica não poderia ter ajudado naquele dia. Mulder amassou a prova e a enfiou no bolso de trás da calça jeans.

Gimble reparou e pareceu tomar aquilo como um sinal de que Mulder estava estressado com a nota.

— Talvez tenha sido um dia ruim e você entrou em curto-circuito?

— Não tenho dias ruins. — *Pelo menos não por causa da memória*, pensou Mulder. — Não é assim que funciona. Lembro de tudo que li.

— Então como acabou tirando C?

— Livros-texto de história americana são parciais — falou Mulder. — Muitas informações neles são imprecisas.

Gimble deu um tapa na própria testa.

— Cara? Diz que não escreveu isso na prova?

— Quando os delegados do Congresso Continental assinaram a Declaração de Independência? — perguntou Mulder, sem hesitar. — Diga uma data.

— Isso é obviamente uma pegadinha. — Gimble franziu a testa. — Estamos falando *da* Declaração de Independência… Daquela assinada por 56 homens, com a famosa assinatura de John Hancock?

— Essa mesma.

— Fácil. Quatro de julho de 1776 — disse Gimble, confiante.

— Não faça teste para participar do *Jeopardy!* tão cedo, porque está errado — disse Mulder. — O Congresso Continental votou pela independência no dia dois de julho. Quatro de julho é a data em que a Declaração foi *adotada* pelo Congresso e assinada por John Hancock.

— Como isso é diferente do que eu disse? Perguntou quando os delegados *assinaram*, não quando *votaram*.

Mulder concordou.

— Verdade. Mas Hancock foi o único delegado que assinou em quatro de julho.

— Agora você está de brincadeira comigo. — Gimble não acreditava. — Já vi a verdadeira Declaração de Independência, no Arquivo Nacional. A parte de baixo está cheia de assinaturas.

— Cinquenta e seis — disse Mulder. — E a maioria delas assinada em dois de julho. Pode pesquisar; só não no nosso livro de história.

Gimble coçou a cabeça.

— Nosso livro é uma droga. Saquei. Mas por que não escreveu o que diz nele e saiu com um A?

Mulder deu de ombros.

— Porque a informação está errada.

— Quem se importa?

Eu me importo.

Mulder estava de saco cheio de pessoas lhe dizendo mentiras. Precisava engoli-las em casa, mas se recusava a fazer isso na escola também.

— Seu pai vai ficar puto com a nota? — perguntou Gimble.

Mulder riu com escárnio.

— Ele nem sabe que tive uma prova.

— Sortudo. O Major está sempre me fazendo perguntas. Não ficaria surpreso se tivesse uma cópia da ementa da aula.

Mulder não conhecia o pai de Gimble, mas pelo que o amigo contava, o homem parecia intenso. A maioria dos pais não obrigaria os filhos a chamarem-nos de “o Major”.

— Seu pai não pode ser tão ruim assim — falou Mulder. — Poucas pessoas têm um telescópio refletor de campo de visão amplo em casa.

Gimble sorriu.

— Tudo bem… o telescópio é bem irado. Um amigo do Major da força aérea conseguiu para ele. Nem se compara aos modelos amadores vendidos nas lojas.

— Sério? Eu não fazia ideia. — Mulder persistiu no sarcasmo. — Não estou nada familiarizado com telescópios newtonianos de eixo infinito.

— Exibido.

Mulder riu.

— Seria ótimo fazer algo de bom com a minha insônia e conseguir que um asteroide ou uma cratera marciana receba meu nome, como George Hale. Tem certeza de que seu pai não vai se importar se eu experimentar?

— Já falei, ele disse que não tinha problema. — Gimble inclinou a cabeça para o lado apenas o bastante para tirar os cabelos longos dos olhos, algo que fazia no mínimo cinquenta vezes por dia. — Vamos ver o cara do telescópio.

Mulder apressou o passo. Na infância, queria ser um astronauta quando crescesse. Tinha dez anos quando o pai disse a ele que isso jamais aconteceria. Astronautas precisavam passar em um teste de visão, e Mulder tinha protanopia — um tipo de daltonismo de verde e vermelho. A maioria das pessoas achava que significava que ele não podia distinguir entre vermelho e verde, mas protanopia

só afetava a habilidade de Mulder de enxergar vermelho. Uma cor. Tudo o que foi preciso para esmagar o sonho dele.

— Tem um monte de outras coisas que quero mostrar a você também. — Gimble seguiu à frente e se virou para andar de costas, encarando Mulder. — Tenho 48 cartões de *Jornada nas Estrelas*, sem contar os repetidos. Ninguém conta os repetidos, né? E tenho o cartão do Dr. “Bones” McCoy que saiu há três anos, ainda novo.

— Legal. — Mulder estava acostumado com níveis épicos de devoção a *Jornada nas estrelas*. Phoebe, a melhor amiga dele em Martha’s Vineyard, colecionava os cartões também, junto com tudo mais relacionado ao programa de TV ou ao filme.

— Tenho uma coisa ainda mais legal. — Gimble tropeçou em uma rachadura na calçada, mas conseguiu se equilibrar. — Bem, talvez não *mais legal*, mas quase tão legal. Ou igualmente legal — corrigiu ele, como se os deuses de *Jornada nas estrelas* o tivessem feito tropeçar pelo comentário.

— Tipo o quê?

Gimble virou em uma rua residencial ao longo de pequenos prédios de tijolinhos. Em vez de responder à pergunta, ele parou diante da segunda casa.

— É aqui.

— Espero que tenha um monte de porcaria para comer. — Mulder seguiu o amigo pelos degraus. — Tudo o que tem na casa do meu pai é semente de girassol.

Gimble hesitou à porta.

— O Major é meio estranho. Eu já contei, não é?

— Pelo menos umas cem vezes — disse Mulder. — Inclusive trinta segundos atrás. E que pai não é?

— “Meio” é provavelmente um eufemismo. E todas as notícias sobre o menino perdido estão fazendo ele piorar.

Billy Christian — era o nome do menininho.

Por um momento, Mulder não conseguiu tomar fôlego. Parecia que alguém estava espremendo o ar para fora dos pulmões dele, então a sensação passou, como sempre passava. Gimble ainda estava falando.

— A morte da minha mãe ferrou muito com ele, sabe?

— Sei como é.

A mãe de Mulder jamais fora a mesma depois que a caçula, Samantha, desaparecera, cinco anos e meio antes. Toda noite ela colocava o avental e preparava uma das suas especialidades culinárias, bolo de carne ou uma caçarola, na tentativa de fazer parecer que a família não estava desmoronando. Ela se sentava à mesa da cozinha e lia uma revista ou cortava cupons enquanto esperava o timer do forno apitar. Depois da terceira vez que Mulder encontrou a mãe encarando o vazio, enquanto o timer do forno apitava e uma caçarola queimava até virar carvão a três metros de distância, aprendeu a prestar atenção ao apito.

Certa noite ele cometeu o erro de entrar no banho antes que disparasse. Quando chegou à cozinha, o alarme de incêndio estava aos berros e um véu de fumaça preta preenchera a cozinha. A mãe de Mulder permaneceu sentada em meio a tudo aquilo, com as bochechas manchadas de lágrimas.

O garoto engoliu em seco e afastou a memória.

— Vamos entrar ou não?

— Acho que sim. — Gimble pegou as chaves e abriu as cinco trancas da porta.

Mulder o seguiu para dentro, mas parou subitamente logo além do corredor da entrada. Ele se abria para o que Mulder presumiu que deveria ser a sala de estar, mas não tinha certeza, porque cada centímetro quadrado do local — exceto por um sofá, uma poltrona reclinável e um pequeno trecho de carpete em frangalhos no centro — estava coberto de quinquilharias.

Não era surpreendente que Gimble não o tivesse convidado antes. A maioria das pessoas teria dado meia volta assim que entrasse, mas Mulder achou a casa do amigo estranhamente fascinante.

— O Major guarda tudo. — Gimble foi até a televisão e pegou um walkie-talkie que estava sobre ela. O garoto apertou o botão lateral e falou contra o aparelho. — Sou eu. Estou em casa.

Estática estalou pelo receptor, seguida pela voz grave de um homem.

— Esta é uma linha segura. Senha?

Gimble revirou os olhos.

— Agente do Caos.

O rádio estalou de novo.

— Me encontre no ponto de extração a mil e seiscentos.

— Ele quer dizer quatro horas — explicou Gimble a Mulder antes de desligar. — Entendi. Desligando. — Ele devolveu o walkie-talkie para o lugar original em cima da televisão e deu de ombros. — Desculpe. Se eu não "relatar a entrada" quando chego em casa, o Major vai pensar que sou um intruso.

— Isso seria interessante. — Mulder sorriu para mostrar ao amigo que não estava julgando.

Gimble se animou.

— Você definitivamente não quer ser a cobaia nesse experimento. Confie em mim.

Mulder achou a coisa toda de senha meio legal, como todo o resto na sala. Mas visitar uma vez depois da escola não era o mesmo que morar ali. Ele olhou com mais atenção ao redor.

Além de livros, uma fileira de prateleiras continha caixas pequenas de papelão com rótulos de fita adesiva, fitas VHS numeradas, dois rádios de frequência curta, algum tipo de transceptor ou rádio amador, um sextante, tigelas com rochas e caixas de bolinhos recheados com creme. Mulder pegou uma pedra cinza do tamanho de um punho e rolou entre os dedos, como se fosse uma bola de beisebol. Nada especial a respeito dela, até onde ele podia ver.

Mulder seguiu para os livros, verificando os títulos em algumas das pilhas: *A enciclopédia de fenômenos inexplicáveis*, *Decifrando o código dos círculos nas plantações*, *Evolução do cérebro humano*, *A verdade sobre o assassinato de Abraham Lincoln*, *Segredos do sistema solar* e *Astrofísica aplicada*. Havia alguns títulos que ele reconhecia — como *O guia do mochileiro das galáxias*, *1984* e *As crônicas marcianas* —, pelo menos meia dúzia de cópias de brochuras de um livro do qual Mulder jamais ouvira falar, chamado *A espada diabólica*. A julgar pelo guerreiro albino de cabelos longos na capa, era um romance de fantasia.

A sala estava entulhada, mas Mulder percebeu que o Major tinha criado o próprio sistema de organização. Jornais e revistas estavam empilhados junto às paredes de acordo com publicação e ano, e as torres de livros ao lado deles estavam separadas por categoria,

como física, exploração do espaço, desastres naturais, presidentes americanos e… alienígenas?

Mas o gosto do Major pela leitura não era sequer tão interessante quanto o revestimento que ele colocou nas paredes da sala. Recortes de jornais e fotografias do que pareciam ser círculos em plantações e óvnis obscureciam a maior parte da tinta azul, e um imenso mapa cobria a parede mais afastada, com trechos de barbante amarelo entrecruzando os alfinetes coloridos.

— O que é tudo isso? — Mulder encarou as paredes, hipnotizado.

— O Major está sempre acompanhando alguma coisa: desastres naturais, meteoros, padrões meteorológicos incomuns, transmissões de rádio de curta frequência. Mil coisas. — As bochechas de Gimble ficaram vermelhas e ele virou o rosto. — Vamos para meu quarto antes que ele suba do porão. É lá que guarda os arquivos.

— Que tipo de arquivos? — Depois de ver as paredes, Mulder ficou curioso.

— Quem sabe? Talvez esteja guardando as "mensagens secretas" que decodifica do verso de nossas caixas de cereal. — Gimble manteve o tom de voz despreocupado enquanto levava Mulder pela cozinha até uma escada nos fundos. Ele parecia cansado e um pouco envergonhado, então Mulder fingiu não reparar em um cadeado de bicicleta prendendo os puxadores da geladeira.

O quarto de Gimble ficava no alto da escada.

— É aqui — disse o amigo, com orgulho, quando abriu a porta.

Quando Mulder entrou, o primeiro pensamento foi o quanto o quarto de Gimble lembrava a ele do de Phoebe. Livros transbordavam das prateleiras, e um modelo em miniatura da *Enterprise* estava pendurado acima de uma pequena escrivaninha. Listas e mapas feitos à mão estavam presos com fita adesiva em uma parede, perto de um pôster do filme *Guerra nas Estrelas* que ainda tinha as marcas das dobras.

Outro pôster cobria a parte de trás da porta de Gimble — Farrah Fawcett, usando o maiô vermelho que tinha feito todas as garotas da escola comprarem maiôs vermelhos. Mulder tinha o mesmo pôster na parede do quarto em casa.

Ele apontou para Farrah.

— Agora sei por que nos entendemos.

— Acha que ela é uma *trekkie?* — perguntou Gimble, esperançoso.

— Duvido. — Mulder olhou com mais atenção para a miniatura da *Enterprise*. O modelo era meticulosamente pintado à mão, exatamente como o de Phoebe, embora Gimble tivesse acrescentado um *G* na parte traseira da nave dele.

Gimble suspirou, ainda olhando para Farrah.

— Você deve estar certo. Ninguém é perfeito.

Farrah Fawcett chega bem perto.

— Espere até ver isso. — Gimble correu para o criado-mudo e abriu a gaveta. Ele se virou devagar, com uma das mãos às costas, então fez um espetáculo dramático ao revelar o que segurava.

Um panfleto.

— É uma zine original de Lorde Manhammer.

Mulder deu de ombros.

— Eu deveria saber quem é?

— Não ensinei *nada* a você nos últimos três meses? Lorde Manhammer… o rei de D&D?

— *Dungeons and Dragons*? — perguntou Mulder.

A maior parte do que sabia sobre o jogo de RPG tinha aprendido ouvindo Gimble falar a respeito. Até mesmo o apelido de Gimble, pelo qual todos, inclusive os professores, o chamavam vinha do jogo.

— Só existe um D&D.

— Não é verdade — respondeu Mulder. — Pode querer dizer Delinquente e Depravado ou Deutério-Deutério.

— Como pude me esquecer de deutério-deutério? — Resmungou Gimble com um tapa exagerado na cabeça. — Quando a maioria das pessoas ouve “D&D”, as mentes delas *definitivamente* pensam “fusão nuclear”. — Ele ergueu um panfleto, inabalado. — Esta é uma cópia do *Guia da estratégia secreta de PE de Lorde Manhammer.* Ele descreve a estratégia de Manhammer para acumular pontos de experiência. Só imprimiu quatrocentas cópias, e tenho uma delas.

— Posso dar uma olhada? — perguntou Mulder.

Gimble era seu único amigo verdadeiro em Washington. O mínimo que podia fazer era fingir um pouco de interesse no que parecia ser

o mais valioso bem dele.

Gimble entregou o panfleto impresso em papel-jornal a Mulder.

— Cuidado. O papel é fino.

Mulder pegou o guia e folheou. Muitas referências a *classe de armadura* e *objetivos da missão*. Coisas seriamente geeks. Phoebe amaria.

— Interessante, né? — Gimble inclinou o pescoço para ver que página Mulder estava lendo. — Temos uma vaga em nosso grupo.

— D&D não é bem minha praia. Joguei uma vez e mandei mal. — Mulder entregou o panfleto de volta.

— Pelo menos pense a respeito. Nosso mestre, Theo, gosta de sangue novo, e você tem a mim. Sou o melhor professor na área.

— Vou pensar a respeito.

E então dizer que não.

Gimble devolveu o texto sagrado de Lorde Manhammer para a mesa de cabeceira.

— Quer ver minhas cartas de *Jornada nas Estrelas* antes de vermos o telescópio? Elas vão lhe dar um assunto caso seja detido para conhecer o Major mais tarde, o que provavelmente vai acontecer, pois ele assiste *Projeto U.F.O.: Contatos imediatos* na sala todo dia às quatro.

— O programa sobre alienígenas? — Mulder assistira a alguns episódios com Phoebe.

— Mais sobre as pessoas que acreditam neles.

— Eu não sabia que passava todo dia.

— Não passa — falou Gimble. — Temos em VHS. O Major grava os episódios e assiste um todo dia às quatro horas, até no Natal. Ele costuma me obrigar a assistir junto.

Mulder tentou imaginar o próprio pai gravando um programa para assistirem juntos. Mas foi difícil demais, porque jamais aconteceria.

— Na verdade, é um programa legalzinho, se quiser assistir um pouco — sugeriu Gimble. — Algumas das filmagens de óvnis parecem reais.

— Talvez sejam. O *Ames Research Center*, da NASA, ainda não encontrou uma forma de explicar o sinal Wow!

— Engraçadinho. — Gimble virou a cabeça para o lado para tirar os cabelos dos olhos. — Não diga nada assim perto do Major. Ele já

é louco o bastante sem ser encorajado.

— Sempre foi assim?

— Não. Começou logo depois que mamãe morreu. O carro dela caiu da lateral de uma ponte. O Major não aguentou a perda. Refez todos os movimentos dela naquele dia. Comeu cereal no café da manhã exatamente como ela fez naquela manhã. Esfregou a banheira e usou as luvas floridas de borracha dela quando lavou a louça. Até encontrou o romance de fantasia que ela estava lendo na mesa de cabeceira, *A espada diabólica*, e leu de cabo a rabo. Foi de onde o Major tirou a ideia da senha: *agente do caos*. — Gimble tirou do bolso um dado octogonal que usava para jogar D&D e girou entre os dedos, nervoso. — Foi quando começou a falar sobre Caos e Lei, conspirações governamentais e danos colaterais. Alguém na base deve ter descoberto, porque ele foi dispensado logo depois disso.

— Foi mal, cara. Eu não sabia.

Gimble deu de ombros.

— Ninguém sabe. É o tipo de coisa que a gente esconde.

Mulder sabia como era guardar segredos sobre a própria vida. Não tinha contado a Gimble sobre a irmã — ou sequer mencionado que tinha uma. Transferir-se para uma nova escola no último ano deu a Mulder a chance de caminhar pelos corredores com pessoas que desconheciam a história que o perseguia em sua antiga casa.

Quando Samantha desapareceu, todos na ilha ouviram a mesma versão dos eventos. Em um minuto a irmã estava vendo televisão na sala com Mulder… e no seguinte tinha sumido. Ele estava lá o tempo todo, então por que não conseguia se lembrar de nada?, era a primeira pergunta que as pessoas faziam. Da noite para o dia, Mulder se tornou o coitado que congelou quando a irmãzinha mais precisou dele.

A polícia e o FBI nunca encontraram qualquer evidência para explicar o desaparecimento de Samantha. Mulder acreditava que a menina tinha sido sequestrada, mas ninguém o levava a sério. Por que deveriam, quando o pai dele se recusava a reconhecer essa possibilidade?

Em vez disso, Bill Mulder mandou o filho para um psiquiatra. Os pais de Mulder jamais usavam a palavra *sequestrada*, pelo menos não perto dele. Guardavam para as intermináveis discussões que

tinham no quarto à noite, quando achavam que Mulder estava dormindo. Mas ele raramente dormia. Mulder passava as noites deitado, acordado, fazendo uma promessa silenciosa. Se as autoridades se recusavam a descobrir o que acontecera com Samantha, então ele mesmo o faria.

— Mulder? Você está bem? — Gimble estava agitando a mão diante do rosto de Mulder.

— Sim. Desculpe. Não dormi muito ontem à noite. — Ele fingiu um bocejo.

— Gary? Vai descer? — gritou o Major do andar de baixo. — São quase mil e seiscentos.

— Descerei em um minuto — gritou Gimble, enrubescido.

— Gary? — Mulder sorriu. — Esse é o seu nome verdadeiro?

— Ninguém me chama assim, só o meu pai. Gimble é meu nome verdadeiro. E eu não debocho do seu nome, *Fox*.

— Ei, não estou julgando. — Mulder ergueu a mão em rendição. — Contanto que não precise chamar você de Lorde Manhammer.

Quando chegaram às escadas, o Major estava posicionado lá embaixo, esperando. Tinha o olhar cansado de um homem que lutara batalhas demais. Linhas de expressão profundas sulcavam seu rosto, e o corte escovinha padrão militar estava irregular, como se tivesse sido feito por mãos trêmulas. O Major usava uniforme militar verde-oliva recém-passado, a camisa de botão pendendo do corpo alto, apertada demais em alguns lugares e frouxa em outros. Parecia um uniforme militar de verdade — completo com uma insígnia azul da aeronáutica costurada acima de um bolso e com *Winchester*, o sobrenome do Major, costurado do outro lado. Havia outras insígnias também, estrelas e um brasão chique com asas douradas nas laterais.

Gimble se inclinou na direção de Mulder e sussurrou:

— O que quer que faça, apenas não conte a ele que seu pai trabalha para o governo.

— Por que não? — Fox olhou para o homem intimidador que o encarava.

— Você não vai querer saber.

CAPÍTULO 3

Residência dos Winchester

15:56

O Major estendeu a mão antes que Mulder terminasse de descer os degraus.

— Major William Wyatt Winchester, Força Aérea dos Estados Unidos, 128º Esquadrão de Reconhecimento.

Mulder estendeu a palma da mão suada.

— Fox Mulder. Sou amigo do Gim… quero dizer, amigo do Gary da escola.

O Major segurou a mão de Mulder com firmeza e apertou.

— Gary me disse que tem credenciamento de segurança?

Credenciamento de segurança?

O pai de Mulder usava o termo o tempo todo em uma tentativa de fazer o emprego chato no Departamento de Estado parecer interessante. Mulder não tinha certeza se o Major tinha credenciamento o suficiente para acessar a própria conta bancária.

Gimble cobriu o rosto com a mão, a deixa para que Mulder não o contrariasse.

— É claro, senhor.

O Major fez que sim com a cabeça e seguiu para a sala, sinalizando para os garotos seguirem-no.

— Que bom saber. É bom ser cauteloso. Meu trabalho é altamente secreto, e o governo mataria para colocar as mãos nele. — O Major indicou o sofá e ligou a TV e o videocassete. — Sente-se.

— Se não se importa que eu pergunte, qual é o *seu* nível de credenciamento? — Depois de ver a casa, Mulder não conseguiu resistir à pergunta.

Gimble arregalou os olhos e falou, sem emitir som, *Que diabo?*

O Major gargalhou.

— Esta é uma operação secreta, filho, e é a minha operação. O credenciamento não vai muito além disso. Cada ação que faço é secreta. — Ele bateu em um rádio AM na prateleira acima do videocassete. — Todas as minhas comunicações são criptografadas, e a informação é fornecida somente quando necessário.

— O que significa que ninguém sabe de nada — disse Gimble, sussurrando.

— Quantas pessoas em sua unidade? — perguntou Mulder.

E elas são reais?

Se o Major sabia que Mulder estava tentando agradá-lo, não deixou transparecer.

— Mantenho minha unidade pequena, três pessoas, comigo incluso. Os membros da minha unidade são verdadeiros patriotas, dispostos a arriscar as vidas para expor uma conspiração governamental de proporções épicas.

— Vou mostrar a Mulder o telescópio — disse Gimble.

— Não vai assistir à transmissão? — perguntou o Major.

— Assisto *Projeto U.F.O.* com você amanhã. Mulder quer ver o telescópio. Ele gosta de coisas do espaço.

— Podemos ir ver depois do episódio — sugeriu Mulder, sentando-se no tapete desgastado. — Não me importo.

O Major balançou a cabeça em aprovação.

— É isso que gosto de ouvir.

— Tudo bem. — Gimble parecia irritado. — Então podemos começar a assistir?

O Major cruzou os braços.

— Acho que não o ouvi corretamente, piloto.

Gimble ficou de pé e bateu continência para o pai.

— Podemos começar a assistir, *senhor*!

Como se por uma deixa, a abertura do programa tomou conta da tela da TV e o Major se sentou na poltrona reclinável. Mulder ficou vidrado assim que começou a montagem da abertura. Diagramas de esquemas de discos voadores saídos diretamente de um romance de ficção científica preencheram a tela, enquanto um narrador explicava que o Ezequiel bíblico “viu a roda” — um óvni — e que outras pessoas também as viram. Então, a Força Aérea dos Estados Unidos montou uma equipe para investigar.

— É claro que escolheram *nossos* rapazes — disse o Major, tocando a insígnia da Força Aérea americana no peito. — Mas jamais quiseram que encontrassem algo de fato.

O episódio dramatizava o encontro de um líder de escoteiros com um óvni, do lado de fora de uma pequena cidade do Mississippi.

— “Vi um clarão de luz no céu, então fui verificar” — contava a voz na TV.

Um falso óvni, que parecia uma nave espacial de história em quadrinhos, acertou o cara com lasers que deixaram o braço dele coberto de queimaduras.

— Foi provavelmente gás do pântano confundindo o cara, como disseram no início — falou Gimble.

— É nisso que o governo quer que você acredite. — O Major estava grudado à televisão, e Mulder não podia culpá-lo.

Na tela, o líder dos escoteiros passava a mão no rosto.

— "Eu jamais deveria ter me aproximado da nave deles."

— "Nave de quem?" — perguntou um dos investigadores da força aérea.

Mulder sabia o que estava por vir.

Depois de uma pausa dramática, o líder dos escoteiros finalmente falou.

— "Alienígenas."

O Major pronunciou a palavra junto com ele.

— Aposto que se queimou enquanto acendia uma fogueira no acampamento — disse Gimble. — E não queria perder o emprego.

— Ser líder escoteiro não é um emprego de verdade — observou Mulder. — Eles não são pagos.

— Gary é um cético. — O Major se levantou da poltrona e desligou o videocassete. — Ele não sabe a verdade.

— Não sou um cético. — Gimble se inclinou para a frente e apoiou a cabeça nas mãos, exasperado. — Acha que o presidente Carter deixaria alguém colocar um programa desses no ar se alienígenas realmente existissem?

O Major olhou para o filho e falou:

— Quando deixa que esses programas bobos contem a todos que alienígenas e óvnis existem, o governo está provando que não existem.

Mulder concordou. A argumentação fazia algum sentido. As pessoas esperavam que o governo guardasse segredos.

— Seu pai tem razão.

— Não acredita realmente em nada dessa coisa de alienígenas, acredita? — Gimble lançou um olhar de incredulidade a Mulder.

— Tudo é possível. Não seria a primeira vez que o governo mente. É só ver o que aconteceu em Watergate. — Mulder se

lembrava de ouvir sobre o escândalo de Watergate no noticiário. Parecia o momento em *O mágico de Oz* em que Dorothy abre a cortina diante do mágico.

Mulder testemunhara em primeira mão a facilidade com que as pessoas aceitavam as explicações recebidas. Depois que a irmã dele sumiu, as autoridades conduziram uma busca monstruosa. Quando não deu em nada, decidiram que o desaparecimento de Samantha era um incidente isolado — e da noite para o dia, todos na ilha decidiram o mesmo.

Exceto Mulder.

— Watergate parecerá um bando de crianças brigando no parquinho em comparação com aquilo em que nosso suposto governo está envolvido dessa vez. Acham que estão no controle, mas não são os arquitetos do projeto — disse o Major.

Gimble expirou profundamente e desabou no sofá, lançando um dos dados do jogo no ar. Ele parecia ter ouvido aquilo antes.

O Major se apressou até o mapa.

— O mundo está imerso em caos. Guerra, fome. — Ele tamborilou os dedos sobre um artigo no mapa. — E crime. Mas o Caos não existe sem Lei.

O caos não existe sem ordem era provavelmente o que o Major queria dizer, mas Mulder não o corrigiu.

— Você se importa se eu olhar?

O Major se empertigou.

— Vá em frente.

Mulder se aproximou do imenso mapa da área metropolitana da cidade de Washington presa à parede. Alfinetes coloridos marcavam localidades específicas, e o Major tinha entrecruzado uma rede de linhas entre elas — a margem do rio a sudoeste; uma área residencial em Annapolis, Maryland; um trecho de floresta em Severn, Maryland.

Artigos de jornal com fotografias granuladas estavam presos ao lado de cada localidade, junto com itens aleatórios, como caça-palavras incompletos, fotografias lustrosas em preto e branco de cenas de crimes que pareciam reais, e frases de biscoitos da sorte. Uma fotografia de fichamento policial de uma mulher com rímel borrado pelo rosto, depois de ser acusada de prostituir moças

adolescentes, estava presa ao lado de uma manchete do *Washington Post* sobre uma madame de bordel cujo corpo foi encontrado em uma caçamba na margem do rio. Sob o alfinete de Annapolis, o Major guardara um artigo maior com a manchete OVERDOSE FATAL EXPÕE A VERDADEIRA PROFISSÃO DE MÉDICO DE ANNAPOLIS. Ele circulara a frase *psiquiatra traficante de opiáceos encontrado morto.* O olhar de Mulder seguiu a linha preta do alfinete de Annapolis até o de Severn, no qual o Major pregara um recorte de jornal sobre um homem que fora morto na floresta por animais selvagens.

— O que é tudo isso? — perguntou Mulder, sem tirar os olhos do mapa.

— Você não quer saber — disse Gimble, de seu lugar no sofá.

— Na verdade, quero.

O Major olhou em volta da sala antes de responder.

— Estou acompanhando assassinatos na área metropolitana.

— Mas aqui diz que o psiquiatra morreu de overdose.

— Acredita em tudo que lê, Mulder? — perguntou o Major.

Mulder sorriu, pensando na prova de história americana.

— Não, senhor.

— Só precisa de um livro. — O Major procurou em uma pilha de livros sob o mapa e puxou do meio uma brochura fina, de capa verde.

— Avise quando acabar — gritou Gimble.

O Major entregou o livro a Mulder. Na capa, um guerreiro com pele e cabelos brancos como a neve erguia uma espada preta sobre a cabeça, com o título *A espada diabólica*. Mulder vira inúmeras cópias do mesmo livro antes.

O livro que o Major começou a ler depois que a mãe de Gimble morreu.

— Michael Moorcock percebeu o que estava acontecendo antes do resto de nós — disse o Major, batendo no nome do autor. — Ele percebeu que a humanidade tinha perturbado o equilíbrio entre Caos e Lei, jogando o mundo no caos.

Mulder não tinha certeza do que um romance de fantasia tinha a ver com aquilo, mas o Major estava certo a respeito de uma coisa. O

mundo estava fora de controle. As pessoas estavam se matando em guerras e nas ruas, com drogas e violência.

— É uma teoria interessante. — Mulder devolveu o romance ao Major e observou quando o pai de Gimble o colocou de volta na pilha.

— Tenho provas — continuou o Major. — Descobri um padrão. Não foram assassinatos e acidentes aleatórios, como a imprensa relatou. — O Major indicou o mapa. — Todas essas pessoas foram assassinadas, e as mortes delas estão interligadas.

— Como chegou a essa conclusão? O cara em Severn foi atacado por animais selvagens. — Mulder se aproximou do mapa. Talvez tivesse deixado de ver algo. — Como as mortes deles estão interligadas? As vítimas se conheciam? — Ele se sentiu culpado por encorajar as fantasias do Major, mas queria ouvir a teoria dele.

— Não. Mas tinham uma coisa importante em comum.

— Pai! — Gimble disparou do sofá. Era a primeira vez que Mulder ouvia Gimble se referir ao pai como qualquer coisa que não fosse o Major. — Mulder não precisa ouvir sua teoria. Conversamos sobre isso.

— Seu amigo quer saber a verdade, Gary. Ele não quer viver no escuro como *você*.

Mulder sentiu a tensão aumentar na sala. Aquilo o lembrou das interações exaltadas que tinha com o próprio pai. Não queria colocar Gimble naquela posição, mas se não ouvisse o Major agora, poderia causar mais drama.

— Não tem problema — Mulder deu um olhar entediado a Gimble, como se ele estivesse dando uma colher de chá ao velho.

Gimble acenou com a cabeça, dando permissão.

— O que as vítimas tinham em comum? — perguntou Mulder.

Depois de um silêncio longo e desconfortável, o Major pigarreou.

— Todas foram abduzidas por alienígenas.

Mulder quase gargalhou, mas a expressão no rosto do Major deixava claro que ele estava falando sério.

— As pistas estão aqui, se souber o que procurar — acrescentou o Major. — Vou mostrar.

— Ele precisa ir para casa — disse Gimble, sinalizando para Mulder.

— É. Meu pai já deve ter voltado do trabalho.

— E o telescópio? — perguntou o Major.

— Fica para a próxima.

— Conversaremos melhor então. — O Major se virou subitamente e entrou na cozinha.

— Desculpe — sussurrou Gimble. — Eu devia saber que ele ia dar uma de *Contatos imediatos* com você. É melhor sair daqui antes que ele volte e conte a teoria sobre os reais motivos do assassinato de Abraham Lincoln.

Mulder estava a meio caminho da porta quando o Major retornou com uma caixa de cereal na mão.

— Espere. — Ele colocou a mão dentro da caixa e jogou alguns punhados de cereal de milho coberto de açúcar no chão. — Tenho algo para você.

— Tudo bem, senhor. Comi bem no almoço.

Por um momento, o Major pareceu confuso, mas então se recompôs. Ele levou a mão à caixa de novo e pegou um livro — uma brochura de capa verde, exatamente como aquela que pegara mais cedo.

— Leve isto. — O Major ofereceu o livro a Mulder.

— Não posso levar um de seus livros.

— É melhor pegar — disse Gimble, com a voz baixa, seguindo para a porta. — Ele deve ter cinquenta ou sessenta desses pela casa.

O Major empurrou o livro para a mão de Mulder.

— Coincidências não existem. Você e Gary se conhecerem, e ele trazer você aqui hoje, foi tudo parte de um plano maior. *A espada diabólica* tem as respostas. Moorcock entendia a maneira *deles*.

Mulder sabia que o Major estava, de novo, se referindo a alienígenas. Ele estendeu a cópia de *A espada diabólica* quando Gimble o empurrou na direção da porta.

— Obrigado, senhor. Vou ler.

— Ou queimar — murmurou Gimble quando Mulder saiu.

— Fique de olhos abertos, Fox Mulder — gritou o Major atrás de Mulder.

Antes de Gimble fechar a porta, Mulder ouviu o Major dizer uma última coisa.

— A verdade está lá fora.

CAPÍTULO 4

Residência dos Mulder

18:18

Mulder estava acostumado a ficar com ideias fixas na cabeça. Em geral elas vinham de episódios de *Jornada nas Estrelas* ou de livros sobre física quântica. Um militar aposentado adepto a teorias da conspiração era novidade. Mas conforme Mulder caminhava de volta ao estacionamento da escola para pegar o carro, ele não conseguia parar de pensar na conversa com o Major — e ela ainda estava na mente dele enquanto dirigia para o apartamento do pai.

Depois de ouvir o pai de Gimble falar sobre alienígenas e sobre comandar uma unidade imaginária de operações secretas, parecia loucura levá-lo a sério, mas o Major disse algo que fazia perfeito sentido para Mulder, porque ele também acreditava naquilo.

Coincidências não existem.

Quando Samantha desapareceu, as pessoas na ilha chamaram de coincidência. Como se um sequestrador tivesse saído para passear naquela noite e por acaso tivesse passado pela casa de Mulder quando foi tomado por um desejo incontrolável de abduzir uma criança?

Até parece.

Quais eram as chances?

Mulder ainda estava pensando nisso quando entrou no apartamento. A televisão estava ligada. Pela primeira vez, o pai tinha chegado em casa antes dele.

— Pai?

Mulder soltou a mochila no corredor e pegou um punhado de sementes de girassol de um saco no balcão da cozinha. Costumava odiar as sementes e as cascas que o pai deixava pela casa, e ainda o faziam pensar em comida de passarinho. Mas há dois anos tinha começado a sentir um desejo repentino por elas, e as comia desde então. Pelo menos as sementes meio que o faziam se sentir em casa.

— Aqui — gritou o pai do quarto maior.

O pai de Mulder tinha alugado o apartamento quando se separou da mulher, o que era código para dizer que tinham se divorciado. O lugar era legal, mas parecia mais um hotel do que um lar. Tudo no apartamento do segundo andar do prédio sem elevador era novo em folha — desde o toca-fitas que o pai de Mulder nunca usava e a torradeira cara que jamais funcionara até a escrivaninha no quarto

do garoto, que era idêntica àquela no quarto dele em Chilmark (exceto pelas citações de *Duna* rabiscadas nela).

Morar com o pai durante o ano escolar — o "experimento *vamos nos conhecer melhor*", como Mulder chamava — não era muito diferente do *status quo* pré-separação em que se ignoravam mutuamente.

Quando Mulder chegou ao quarto do pai e viu a mala aberta na ponta da cama, ele se lembrou de outro motivo pelo qual o apartamento parecia um hotel. O pai estava sempre indo ou voltando de uma viagem de trabalho.

— Vai a algum lugar? — Mulder encostou no portal, parecendo entediado.

Se o pai não se importava o suficiente para passar tempo com ele, Mulder não deixaria que isso o incomodasse.

— Novo México. É uma viagem rápida. Voltarei na segunda-feira. — O pai de Mulder não tirou os olhos das camisas que dobrava. — Quero que vá para Georgetown amanhã. Passe um tempo no campus, como conversamos. Quanto antes tomar uma decisão, melhor.

O que significava que Mulder deveria tomar o quanto antes a decisão que o pai queria que ele tomasse.

— As cartas de aceitação ainda devem levar mais duas semanas para chegar. — A não ser, é claro, que o pai tivesse usado as conexões dele no Departamento de Estado para se certificar de que o filho já tivesse sido aceito na faculdade que ele queria para Mulder. — Ainda tenho tempo para decidir.

O pai de Mulder jogou na cama a camisa que segurava.

— Não há nada para decidir. Jovens não recusam uma vaga na Universidade de Georgetown.

Mulder cruzou os braços.

— É claro que recusam, ou não haveria uma lista de espera. Eu achei que você iria comigo para me mostrar "como as coisas funcionam". O que aconteceu com bancar o guia turístico? — O pai de Mulder jamais frequentara Georgetown, a não ser que o tour pelo campus contasse, mas tinha decorado o encarte para potenciais alunos.

— Vou viajar para fora da cidade, lembra? — Ele apontou para a mala, irritado.

— Todos no Departamento de Estado trabalham nos finais de semana, ou é só você? — Mulder pareceu mais amargo do que o normal.

— A maioria das pessoas não tem o meu nível de responsabilidade, e o projeto em que estou trabalhando está chegando a uma fase importante. — O pai organizou as camisas perfeitamente na mala.

— Aposto que sim.

— Tentei me livrar da viagem, se isso faz você se sentir melhor. — O pai dele quase parecia sincero. — Sei que não entende, mas o que faço é importante. É maior do que eu. Estou tentando fazer algum bem no mundo… — O pai de Mulder encarou a mala meio pronta e por um segundo pareceu arrasado.

Mulder quase sentiu pena do pai, mas o sentimento não durou. O que quer que tivesse impulsionado aquela conversa sobre sentimentos, não compensava os últimos anos. Trabalho era sempre a prioridade do pai, mesmo quando a família estava se desfazendo, o que não fazia sentido algum para Mulder. Até onde ele sabia, nada jamais seria tão importante quanto sua irmã e descobrir o que tinha acontecido com ela.

O pai de Mulder ergueu o rosto e afastou uma emoção sincera que talvez estivesse sentindo.

— Não é como se eu tivesse planejado sair da cidade. Não fico animado com a ideia de Phoebe estar aqui enquanto eu estiver fora.

Phoebe chegaria tarde da noite no domingo. Tinham planejado a viagem meses antes, depois que Mulder percebeu que teriam o recesso de primavera ao mesmo tempo.

— Por quê? Não confia em mim? — Mulder trincou o maxilar. Com base naquela conversa, a resposta era óbvia.

O pai de Mulder riu com escárnio.

— Ah, por favor. Você é um garoto de 17 anos com uma pilha de revistas da *Playboy* escondida debaixo da cama.

— Vou fazer 18 anos em outubro. Ou se esqueceu disso *de novo*? — disparou Mulder em resposta. No ano passado, o pai ligou para

ele com um dia de atraso para desejar feliz aniversário. — Posso anotar se for facilitar a sua vida.

Em vez de pedir desculpas por ser uma bosta de pai, Bill Mulder usou munição pesada.

— Talvez eu devesse ligar para os pais de Phoebe e dizer a eles que é melhor ela não vir? — Bill levou a mão ao telefone na mesa de cabeceira.

Por mais que Mulder quisesse chamar a ameaça de blefe, sabia que seu pai faria aquilo. E conhecendo Phoebe, os pais dela não deviam saber muito sobre a viagem. Então, dessa vez, Mulder ficou de boca fechada. Não podia estragar aquela chance de ver Phoebe. Estava morrendo de saudade dela.

— Nenhum comentário engraçadinho? — perguntou o pai de Mulder, deliciando-se com aquela vitória estúpida.

Aí está o Bill Mulder que conheço. Frio, distante e condescendente.

— Só deixe ela vir. — Mulder forçou as palavras a saírem entre os dentes cerrados. — Por favor.

— Durma no sofá e não faça com que eu me arrependa de confiar em você.

— Sem problemas. — Mulder quase gargalhou. O pai nem mesmo sabia as coisas mais básicas sobre ele, como o fato de que já passava todas as noites no sofá.

Mulder se recolheu para a sala de estar, ligou a TV e desabou em uma poltrona de couro duro. Um pouco de ruído de fundo abafaria a voz irritante do pai, se ele acabasse em alguma das ligações secretas para as quais Mulder não dava a mínima.

Mais dois meses até a formatura, então dou o fora daqui.

Então poderia voltar a morar com a mãe até agosto, quando partiria para a faculdade. Se decidisse para onde iria até lá.

A voz do âncora do telejornal tagarelava ao fundo. Mulder não estava ouvindo de verdade, até que escutou as palavras *menina desaparecida*. Ele se inclinou para a frente e se sentou na beira da poltrona, atento.

— Sarah Lowe desapareceu de casa pouco antes das nove horas na noite passada — disse o repórter quando uma foto surgiu no canto da tela. Uma menininha de grandes olhos castanhos e marias-

chiquinhas tortas de um loiro-escuro, vestindo um macacão de pijama com estampa de elefantes sorria de volta para Mulder. Ela parecia ter a mesma idade que Samantha quando a irmã dele desapareceu.

A pele de Mulder ficou gelada.

O telejornal seguiu para outra tomada. Uma mulher com olhos inchados e o mesmo tom de loiro-escuro de Sarah estava de pé em um púlpito entre o marido e o chefe de polícia da cidade, agarrada a um punhado de lenços de papel.

— Sarah estava brincando na sala e a eletricidade caiu — disse a Sra. Lowe entre soluços. — Então fui até o porão verificar o disjuntor. Eu teria levado Sarah comigo, mas ela odeia descer. Fica com medo. Só ficou sozinha por dois minutos. — A mulher perdeu o fôlego e caiu em lágrimas de novo. O pai de Sarah abraçou os ombros da esposa e tentou consolá-la.

Mulder se lembrou da mãe, com o mesmo olhar desesperado, logo depois que Samantha foi levada.

O chefe de polícia se virou para a mãe de Sarah.

— Se isso for muito difícil…

— Eu consigo — falou a Sra. Lowe, e olhou direto para a câmera. — Quando voltei, Sarah tinha sumido, e a porta da frente estava escancarada.

O estômago de Mulder se revirou e ele quase vomitou.

A eletricidade caiu e a porta da frente estava aberta. Exatamente como quando Samantha foi levada. Os detalhes eram tão semelhantes.

A foto de Sarah apareceu na tela da TV de novo, e o chefe de polícia tomou a palavra.

— Sarah Lowe tem cabelos loiro-escuros e olhos castanhos, e uma pequena cicatriz acima da sobrancelha direita.

Mulder se concentrou na foto: o sorriso de criança feliz de Sarah, com um dente da frente faltando. A covinha na bochecha esquerda dela. Elefantes cinza marchavam pelo pijama branco da menina, à exceção de um marrom no alto do zíper. Mulder se aproximou e percebeu que não era um elefante. Era uma mancha marrom, com o formato parecido com um hipopótamo.

— A busca ainda está em andamento. Se alguém tem informações relacionadas ao desaparecimento de Sarah Lowe, por favor, ligue para o disque-denúncia.

Mulder ficou atordoado diante da TV. Nem mesmo se lembrava de ter levantado da poltrona. Só conseguia pensar em Samantha e em Sarah Lowe, elefantes cinza e uma mancha marrom com formato de hipopótamo, em duas portas da frente escancaradas. Ainda estava de pé ali quando o pai entrou na sala e desligou a televisão.

— Não me ouviu chamar? — O tom de voz ríspido do pai puxou Mulder de volta à realidade.

Você soube da menina desaparecida? Era o que Mulder queria perguntar, mas se contentou em dizer:

— Obviamente, não.

Se ele mencionasse o telejornal, o pai inevitavelmente faria um comentário grosseiro a respeito da "obsessão doentia" de Mulder com o desaparecimento de Samantha, o que o faria replicar com outro comentário grosseiro. A visita de Phoebe terminaria antes de começar. E ele *precisava* conversar com ela sobre aquilo.

— Não gosto da sua atitude, Mulder. — Bill Mulder saiu andando pelo corredor até o quarto. — Um dia essa sua língua comprida vai lhe trazer problemas sérios.

A porta do quarto bateu e Mulder precisou de um minuto para absorver completamente a importância do que acabara de acontecer. Na última hora, o pai conseguira estragar a noite dele, provando, mais uma vez, que Mulder não podia contar com ele. Mas outra coisa tinha acontecido também.

Mulder sorriu.

Finalmente conseguira que o pai parasse de chamá-lo de Fox.



Depois do telejornal das 11 horas da noite, os olhos de Mulder começaram a parecer pesados, não que isso importasse. A insônia vencia a batalha noturna noventa por cento das vezes. Sono equivalia a pesadelos: a chance de reviver a pior noite da vida dele, de novo e de novo.

A foto de Sarah Lowe no telejornal surgiu na mente de Mulder. Outra imagem veio e ele se viu encarando o rosto de outra menina de oito anos…

Samantha, sentada de pernas cruzadas no chão da sala da casa em Chilmark com um jogo de tabuleiro à sua frente.

O telejornal passava ao fundo — uma matéria sobre Watergate. O programa preferido de Fox começaria em poucos minutos, e ele não podia perder. Mulder capturou uma das peças do jogo da irmã e a retirou do tabuleiro.

— A gente tem que ver isso, Fox? — reclamou Samantha.

— Deixe aí*. Vou ver* O mágico *às nove.*

— Mamãe e papai disseram que eu poderia ver um filme — argumentou Samantha.

— Eles estão aqui ao lado, na casa dos Galbrand. E disseram que eu estou no comando. — Até onde ele sabia, isso significava que também estava no comando da TV.

Samantha se levantou e mudou o canal para um filme de faroeste idiota.

— Ei! Sai da minha vida! — gritou Fox.

Samantha deu um gritinho no ouvido dele, mas não conseguiria o que queria naquela noite.

Fox mudou de canal de novo e ficou de pé, assomando-se sobre a irmã.

— Vou ver O mágico*.*

As luzes se apagaram subitamente, e era aí que a lembrança ficava confusa. Fox se lembrava do coração batendo forte e de ouvir Samantha gritar o nome dele.

— Fox!

Então a sala sumiu…

Quando Fox recuperou a consciência, minutos depois, estava deitado de barriga para cima na sala de estar, encarando as rachaduras no teto.

Por que estava dormindo ali no chão, em vez de no quarto? Que horas eram? Ele se lembrava de ter discutido com Samantha e de a luz acabar.

Algo estava errado.

Fox ficou de pé subitamente, uma sensação sobrepujante de pesar apertando o peito. Seu olhar disparou para o tapete no qual a irmã estava sentada alguns minutos antes. Peças do jogo estavam espalhadas pelo tabuleiro, mas nada de Samantha.

Para onde ela havia ido?

— Samantha? — gritou Fox. Sem resposta. Em vez disso, ele ouviu um ranger familiar atrás de si e se virou devagar.

A porta da frente da casa estava escancarada.

Fox correu até a porta, com o coração martelando. As calçadas do bairro tranquilo estavam escuras, exceto por onde os postes projetavam halos pálidos no chão. Será que Samantha tinha saído? Talvez estivesse no vizinho, com os pais deles?

Mas conforme Fox disparava pelos degraus da entrada para o meio da rua, ele se deu conta da verdade.

A irmã tinha sumido.

CAPÍTULO 5

Cemitério Rock Creek

31 de março, 8:40

Mulder acordou mais cedo do que o normal, na manhã seguinte. Evitar o pai era uma arte, e Mulder não queria estar em casa quando ele saísse para o aeroporto. O pesadelo com Samantha já o deixara tenso.

Corria pelo mesmo caminho todo sábado — descendo a New Hampshire Avenue, além da loja de conveniência, em torno do cemitério Rock Creek, então de volta ao apartamento. Correr ajudava a limpar sua mente, e se desse sorte, passaria por uma garota bonita. Não que qualquer uma delas chegasse aos pés de Phoebe.

Naquele dia, nem mesmo as longas pernas e o sorriso avassalador de Phoebe poderiam tirar da mente de Mulder as crianças desaparecidas. Primeiro o menininho, Billy Christian, e agora Sarah Lowe. Quais eram as chances de duas crianças na mesma área desaparecerem com uma semana de diferença entre os casos? E se a polícia não as encontrasse?

Será que Billy e Sarah tinham irmãos ou irmãs? Será que os irmãos se culpariam pelo que aconteceu? Mulder não desejaria esse tipo de tristeza para ninguém.

Exceto para o desgraçado que tinha levado Samantha.

Mulder afastou o pensamento e se concentrou nas estátuas que surgiam no horizonte.

O cemitério Rock Creek era mais velho, tomado por mausoléus com arcanjos de pedra montando guarda nos telhados. A cripta preferida de Mulder tinha quatro estátuas, localizadas nas pontas do telhado plano. Cada anjo portava uma espada, como se estivessem guardando as almas das pessoas do lado de dentro.

Mulder correu colina acima e ultrapassou o cume, cogitando fazer uma pausa para ver os anjos guerreiros, quando reparou nas viaturas de polícia. Ele parou e observou o cenário abaixo. Uma fileira de mausoléus estava delimitada pela fita amarela da polícia, e a van branca do médico-legista estava estacionada dentro do perímetro.

Atrás da fita, oficiais uniformizados conversavam com um coveiro e um homem bem-vestido que consultava um mapa e um livro de contabilidade encadernado. Perto deles, dois detetives estavam diante de um mausoléu de tijolos mais antigo conversando com uma

mulher de meia-idade que usava roupas de funeral. A mulher olhava para o mausoléu, afastando-se mais e mais dele, mas os saltos dela agarravam na grama.

Um dos detetives era alto e magro, com olhos pequenos, e a camisa de botão por baixo do paletó do terno estava amassada, como se tivesse dormido com ela. O outro detetive era baixo, e a barriga dele caía por cima do cós da calça. O rosto estava reluzente de suor por baixo de um chapéu fedora preto. Os dois faziam Mulder pensar no Gordo e no Magro.

Viaturas policiais e uma van da imprensa tinham estacionado do outro lado da área delimitada pela fita. Dois cinegrafistas carregando câmeras grandonas tentavam convencer um policial a deixá-los passar; o policial parecia estar encarregado de manter os dois longe da cena do crime. Atrás do policial, um grupo de pessoas vestidas de preto se reunia do lado de fora da fita amarela, não muito longe dos repórteres que competiam por locais privilegiados.

Algo sério devia ter acontecido para atrair tanta atenção. Mulder conseguia ouvir a voz de Phoebe na cabeça, dizendo: *O que quer que esteja acontecendo, não é da sua conta, Fox*.

Mas outras pessoas estavam por perto. Importaria mesmo se ele ficasse para olhar as coisas? Ficar se perguntando o que aconteceu o levaria à loucura, e para um insone, isso era garantia de outra noite em claro.

Phoebe sempre diz que eu deveria dormir mais, pensou Mulder, preparando mentalmente sua defesa.

Mulder seguiu a trilha para a lateral do perímetro da fita, então desceu a colina. Conforme se aproximava, um repórter gritou para os detetives:

— O que está acontecendo? Deem alguma informação!

Um policial uniformizado se aproximou da fita, gesticulando para eles como se estivesse espantando mosquitos.

— Ninguém vai falar com vocês, então tenham alguma decência e deem o fora daqui. A família já passou por muita coisa esta manhã.

Mulder reparou em um cara com mais ou menos a idade dele recostado em uma árvore, parecendo entediado. Ele usava um terno preto com uma camisa social para fora da calça, como se estivesse

vestido para um funeral como os demais no grupo próximo à fita da cena do crime. Talvez ele soubesse de algo?

Mulder se aproximou e ficou ao lado da árvore.

— O que será que aconteceu?

O cara suspirou.

— Viemos fazer umas orações enquanto colocavam o caixão da minha avó na cripta e uma criança já estava no lugar dela. — Os olhos do rapaz se voltaram para um imenso anjo lamentando-se no alto de outro mausoléu. — Eu vou acabar preso aqui o dia todo agora. Odeio cemitérios. Me dão arrepios.

— Confundiram os corpos? — perguntou Mulder, embora já soubesse a resposta. Enterrar alguém na cripta errada não atrairia detetives e um médico-legista.

— Não. Os tiras estão dizendo que a criança foi assassinada. — O rapaz esfregou a nuca. — Não vi o corpo, mas minha mãe e os caras do cemitério viram, e eles piraram.

— Mesmo assim, que droga. Sinto muito pela sua avó.

O cara deu de ombros.

— Não sinta. Ela era cruel como o diabo. Costumava bater na gente com uma escova de plástico. Eu só me sinto mal pela criança que encontraram.

— Eu também. — Mulder acenou com a cabeça para o cara e se aproximou da cena do crime. Ele foi até as árvores entre a área delimitada pela fita e o mausoléu seguinte.

Um careca usando uma jaqueta com LEGISTA escrito nas costas gesticulou para um policial uniformizado.

— Avise aos detetives que vamos trazer o corpo. E tire a família daqui.

— Pode deixar. — O policial seguiu as instruções e o Gordo e o Magro seguiram para o médico-legista.

Os detetives abaixaram as vozes e Mulder só ouviu trechos da conversa.

— Que tipo de doente…?

— Nunca vi nada…

— … o tipo de coisa que deixa a gente acordado à noite.

Algo os abalou. O que poderia ser tão perturbador?

— Pode nos contar o que aconteceu? — gritou alguém.

O policial estava segurando a fita da cena do crime para a família passar, e os repórteres tinham se aproximado da mulher de vestido preto e salto alto.

— O que você viu?

— Ouvi um policial dizer que há uma criança ali.

— Pode confirmar essa informação?

— Para trás. — O policial colocou o braço entre a mulher e os repórteres que a interrogavam. — Eu disse para trás *agora*, ou vou prender vocês.

Foi preciso mais um policial para abrir caminho para a mulher e o restante da família.

A van do médico-legista estava estacionada com a traseira voltada para a fileira de mausoléus, os quais variavam em tamanhos, desde um barracão de depósito até uma garagem. Os espaços entre eles ofereciam o esconderijo perfeito. Mulder poderia facilmente se esgueirar para uma das brechas e escutar a conversa enquanto carregavam a maca de volta para a van.

Mulder olhou ao redor. O cara de terno preto tinha ido embora com a família e metade dos repórteres os seguira, enquanto a outra metade ainda disparava perguntas para o Gordo e o Magro. Todos estavam ocupados.

É agora ou nunca.

Mulder deslizou para um dos espaços estreitos e esperou pelo que pareceu uma hora, embora fosse provavelmente algo como dez minutos.

O legista finalmente bateu na porta da van e a equipe dele saiu para descarregar uma maca da traseira do veículo e seguir o legista para dentro do pequeno mausoléu. A cripta não era imensa, como aquela com as estátuas dos anjos guerreiros no telhado. A estrutura de tijolos foi provavelmente projetada para conter duas pessoas, três no máximo. Eles conseguiram colocar a maior parte da maca do lado de dentro, mas o terço inferior ficou para fora.

Os repórteres correram até a van. Entre a fita da cena do crime e a operação de estacionamento estratégico, eles não conseguiam ver nada. Mas Mulder tinha uma visão perfeita. Um saco preto para cadáveres estava preso à maca, as extremidades frouxas porque o corpo dentro dele era pequeno demais para preencher o saco.

Uma detetive com o distintivo preso ao cós da calça jeans passou por baixo da fita e se aproximou do legista.

— Sou a detetive Perez, da Divisão de Operações Especiais. Você se importa se eu der uma olhada? — perguntou ela.

— Tem filhos? — perguntou o médico-legista. — Se tiver, talvez não queira ver isso.

A detetive apontou para o saco com o fantasma da silhueta de uma criança dentro.

— Nem toda mulher tem filhos. Pode abrir.

Mulder se aproximou até estar na abertura do espaço estreito. O legista foi até o outro lado da maca, protegendo o topo do saco com o corpo. A detetive Perez se aproximou, bloqueando o campo visual de Mulder.

O legista se inclinou por cima do saco para cadáveres e abriu o zíper até o meio.

A detetive Perez xingou baixinho e abaixou a voz.

— É Billy Christian? O menino que desapareceu há nove dias? Isso é um pássaro no peito dele?

Um pássaro?

— Sim às duas perguntas — confirmou o legista. — Mas não posso dizer oficialmente sem uma identificação formal.

Mulder se encolheu junto à pedra, tentando ver melhor.

— Já vi muita porcaria pervertida, mas nada assim — disse a detetive Perez. A leve mudança na pose dela permitiu que Mulder visse de relance por cima do ombro da mulher.

Um menino estava deitado no saco. A pele dele tinha um tom cinza ao mesmo tempo antinatural e aterrorizante. Nos filmes, as pessoas mortas pareciam estar dormindo, com um pouco de sangue falso borrifado em volta para dar efeito. Aquele menino definitivamente *não* parecia estar dormindo. A cor cinzenta da pele dele e a quietude do corpo deram calafrios a Mulder.

— Acha que estamos lidando com um culto satânico? — O legista parecia preocupado.

— Muito provavelmente — disse a detetive Perez. — Mas é difícil saber até descobrirmos se esse pássaro e o que quer que tenham feito com ele significam algo.

Um pássaro preto e branco, não maior do que uma lata de refrigerante, repousava no peito do menino, tão morto quanto a criança.

Algo despontava do corpo do pássaro.

Quando Mulder percebeu o que estava vendo, apertou a boca na dobra do braço para segurar a ânsia de vômito. Flechas se projetavam da ave — abrindo-se em leque em torno dele, como os raios de sol nos desenhos de uma criança.

Duas.

Quatro.

Seis.

Oito. Ou seriam nove? Mulder contou as pontas de novo. *Oito*. Mas o pássaro não era a pior parte, nem de longe.

O menino usava um pijama branco com elefantes cinza marchando sobre os braços e o peito cobertos pelo tecido de fleece. Pijama de elefantes cinza e branco — exatamente como o que Sarah Lowe vestia quando foi sequestrada.

Mulder engoliu em seco, o coração dele palpitava no peito. A equipe que levou a maca ergueu levemente o menino e o virou na direção de Mulder. Quando ergueram o corpo, pétalas murchas caíram no chão. Os olhos de Mulder foram direto para o topo do zíper no pijama do menino.

Elefantes cinza. E um hipopótamo marrom.

A mancha estava ali, no local exato em que Mulder a vira no pijama de Sarah Lowe, no telejornal.

Gritos surgiram atrás do legista. Os repórteres e os policiais estavam discutindo de novo.

— Feche — disse a detetive Perez. — Não podemos arriscar que a imprensa veja o corpo. — Ela se esticou, tapando a vista de Mulder de novo.

Mulder ouviu o zíper fechar, mas as batidas do coração dele não retornaram ao normal. Na verdade, estavam mais rápidas. O menininho estava usando o pijama da menina desaparecida, o que significava que quem quer que tivesse matado o menino e o deixado na cripta de uma velha, segurando um pássaro morto, era a mesma pessoa que tinha levado Sarah Lowe.

Mulder seguiu de lado para os fundos do espaço entre os mausoléus e saiu na outra ponta, atrás deles. Sentiu bile subindo pela garganta. Ele não conseguia tirar da mente a fotografia do sorriso com covinhas de Sarah Lowe e do pijama de elefante dela. Ou a imagem de Billy Christian em um saco plástico de cadáver, usando o mesmo pijama.

Mulder disparou pela grama, desviando de anjos vingadores entalhados em pedra e árvores com galhos finos que o lembravam de flechas. Não precisava que ninguém confirmasse que as duas crianças tinham sido sequestradas pela mesma pessoa. Mulder *sabia*. A memória dele gravava detalhes da forma como uma câmera capturava uma imagem — com precisão e detalhes — exatamente como surgiam naquele momento.

Um pensamento se repetia enquanto Mulder corria.

Coincidências não existem.

CAPÍTULO 6

Residência dos Mulder

10:50

Mulder voltou para o apartamento sem fôlego. Pelo menos o pai dele tinha ido embora. Ainda não conseguia engolir o que tinha visto no cemitério. Alguém sequestrou duas crianças, e a forma como Sarah Lowe foi levada também se parecia com o sequestro de Samantha — a hora da noite, Sarah sentada na sala de estar, a luz acabando logo antes do rapto, e a porta da frente escancarada depois.

Será que a mesma pessoa tinha levado Samantha?

Essa possibilidade penetrou sua pele. Na verdade, estava mais para uma ideia que o martelava de dentro para fora. As terminações nervosas de Mulder zuniam e ele não conseguia parar de se mover. Conforme caminhava de um lado para outro da sala, a cada passo a ideia se fixava mais e mais profundamente.

Só havia uma forma de descobrir se os sequestros de Sarah Lowe e Billy Christian estavam ligados ao desaparecimento de Samantha. Mulder precisava obter mais informações a respeito de Billy Christian e os detalhes relacionados ao sequestro dele.

Porque já passei por isso antes.

Depois que Samantha desapareceu, Mulder ficou obcecado com a ideia de que quem quer que tivesse levado Samantha poderia ser a mesma pessoa que levara uma garota chamada Wendy Kelly, em New Haven, Connecticut, no dia anterior. Wendy foi sequestrada de dentro de casa, exatamente como Samantha. Mas sempre que Mulder mencionava isso, o pai pegava no pé dele, e os policiais medíocres da ilha se recusavam a investigar.

O telefone da cozinha tocou e Mulder se sobressaltou. Ele deixou que tocasse sete vezes antes de finalmente atender.

— Alô?

— Fox? É você, querido? É mamãe.

Por mais que amasse a mãe, não estava com vontade de conversar com ninguém.

— É… Oi, mãe. Como estão as coisas?

— Bem, mas a casa parece tão maior agora que estou aqui sozinha.

— Eu poderia voltar — sugeriu Mulder.

Morar com o pai durante o último ano fora ideia da mãe de Mulder, não dele. O garoto concordara para deixar a mãe feliz, com

a ínfima esperança de que o pai pudesse mudar.

— Não seja ridículo, querido — respondeu ela. — Vai se formar em dois meses. Estou bem. Mesmo. Agora que seu pai se foi, a casa parece tranquila. É claro que eu adoraria se você também estivesse aqui. Não sei se Phoebe sobreviveria até o verão se não fosse visitar você. Encontrei com ela na biblioteca, semana passada, e a garota passou 15 minutos explicando por que a tecnologia em *Guerra nas Estrelas* poderia ser desenvolvida ainda em nosso tempo.

— Isso é a cara de Phoebe.

A melhor amiga de Mulder era a única pessoa inteligente o bastante para desafiá-lo, uma atividade que ela considerava um hobby. Era um dos motivos pelos quais Mulder tinha uma queda não tão secreta por ela.

— Eu deveria ter chamado ela aqui para dar uma olhada no meu aspirador de pó. — A mãe de Mulder fez uma pausa e ele a ouviu batendo em alguma coisa. — Porque esse *ElectroVac* idiota que seu pai insistiu em comprar daquele vendedor está quebrado *de novo*.

— Vou consertar assim que chegar em casa.

A mãe de Mulder suspirou.

— Obrigada. Mas não posso esperar até junho para aspirar o chão. Chega de aparelhos domésticos. Você e seu pai estão se dando bem?

Se ignorar um ao outro significa nos darmos bem, pensou Mulder, antes de dar à mãe a resposta que ela queria ouvir.

— Tão bem quanto sempre.

Um cronômetro apitou ao fundo do outro lado da linha.

— Preciso tirar a comida do forno. Quer esperar um minuto?

— Tudo bem. Podemos conversar depois. — Ele queria ver se havia notícias na TV sobre Billy Christian.

— Tudo bem. Amo você — disse ela.

— Eu também.

Passava um pouco das 11 horas da manhã quando Mulder desligou o telefone; não haveria telejornal antes de meio-dia. Mas encontrar uma criança morta era uma notícia grande. Talvez as estações locais interrompessem programas de competição e comédias para relatar notícias de verdade. Mulder caminhou de um

lado ao outro até o meio-dia, mudando de canal a cada poucos minutos para se certificar de que não perderia nada. Mas não entraram com um noticiário especial. Quando o telejornal finalmente começou, ele estava enlouquecendo.

Na TV, uma repórter estava diante da fita amarela da cena do crime que Mulder vira naquela manhã. A blusa roxa de seda tinha um imenso laço na frente que parecia prestes a estrangular a repórter a qualquer minuto.

— Estou aqui no cemitério Rock Creek em Washington, DC, onde o corpo de uma criança foi encontrado em um mausoléu no início desta manhã. A criança foi identificada como Billy Christian, de oito anos, que desapareceu de casa há nove dias. A descoberta é um choque para a comunidade, principalmente após o desaparecimento de Sarah Lowe, duas noites atrás.

O detetive com a barrigona passou por baixo da fita, atraindo a atenção dos repórteres. A mulher correu até ele e empurrou um grande microfone para o rosto do detetive.

— Detetive, o departamento de polícia encontrou alguma pista do assassinato de Billy Christian? Este caso está ligado ao sequestro de Sarah Lowe?

— Os dois casos não têm relação. — O detetive disparou um olhar de advertência à repórter, mas ela já havia terminado com ele e olhava de novo para a câmera.

— Permaneceremos na cena e traremos novidades conforme a investigação for se desenvolvendo — assegurou a mulher aos espectadores. — Agora Brian North, com mais informações sobre esse caso.

A filmagem foi cortada para outro repórter com um penteado péssimo. Ele falava com o coveiro que Mulder vira perto do mausoléu naquela manhã.

— Estou aqui com Howard Redding, responsável pelo cemitério Rock Creek. Sr. Redding, fui informado que foi você quem descobriu o corpo de Billy Christian. Explique para nós o que viu.

O coveiro pigarreou.

— Destranquei a porta da cripta para me certificar de que tudo estava em ordem para o enterro. Foi quando vi o corpo do menino, deitado em uma cama de pétalas de flores, como um santo. Mas

todas as flores estavam mortas. — O homem esfregou a nuca e sacudiu a cabeça. — E tinha um pássaro morto em cima do peito dele, como se fosse um ritual satânico.

— Desligue essa câmera! — Um policial surgiu correndo no enquadramento e enxotou o coveiro.

O repórter voltou suas perguntas para o policial.

— Policial, isso parece uma morte ritualística. Estamos lidando com um culto? Os moradores devem se preocupar?

O policial fez uma cara feia e os olhos dele desviaram para a câmera.

— Ninguém disse nada sobre um culto. Chega. — O homem saiu de plano e a lente focou no repórter.

— Se a polícia tem alguma nova informação, está mantendo em sigilo por enquanto. Mas o Jornal da WJLA vai retornar com qualquer novidade sobre o caso.

Mulder tinha passado cinco anos esperando novidades sobre o caso da irmã, e esperando por respostas que talvez jamais conseguisse.

Naquele momento, ele fez uma promessa a si mesmo.

Desta vez, não fracassaria.

Encontraria a menina antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO 7

Residência dos Mulder

17:51

— Por que demorou tanto? — perguntou Mulder quando Gimble finalmente chegou ao apartamento. — Liguei há 45 minutos. — Desde então, ele passara cada minuto mudando de canal, buscando mais notícias, e abrindo um buraco no carpete.

— Foi sorte eu ainda estar com o telefone no quarto. O Major costuma confiscar imediatamente para verificar se há transmissores alienígenas. — Gimble passou por Mulder com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta de veludo azul. — E para responder a sua pergunta, precisei pegar o ônibus. Não tenho carro. E você poderia ter se oferecido para me buscar, já que *você* tem.

Mulder mudou de canal de novo. O mesmo comercial ainda passava.

— Não posso sair. Estou esperando o jornal das seis horas começar.

Não havia contado os detalhes a Gimble quando ligou.

— Desde quando você liga para jornal? — perguntou Gimble. — A NASA vai fazer uma coletiva de imprensa ou algo assim? Porque isso não é uma emergência de verdade. E você disse que era uma emergência.

Mulder mudou de canal mais uma vez.

Nada.

Gimble apontou para a TV.

— E por que está fazendo isso?

Nenhuma notícia sobre Billy Christian ou Sarah Lowe. Ele se recusava a cogitar a possibilidade de que a menina também estivesse morta. Mulder chutou uma caixa de papelão cheia de porcarias que o pai ainda não tinha arrumado.

Então disparou a história para Gimble.

— Um garoto morto segurando um pássaro espetado com flechas conta como uma emergência?

— Peraí. — Gimble se acomodou no sofá atrás de Mulder. — Está falando do menino do cemitério?

Mulder respirou fundo.

— Isso.

— Eu sei tudo a respeito. O Major ficou sentado diante da TV com um bloquinho fazendo anotações a manhã inteira. Um repórter de telejornal entrevistou um homem que disse algo a respeito de um

pássaro morto e cultos, mas não mencionaram flechas. — Gimble afastou o cabelo dos olhos e inclinou o corpo para a frente, observando Mulder. — Como sabe que havia flechas espetadas no… Disse que estavam no *menino*?

Mulder agarrou os cabelos, frustrado.

— No *pássaro*. Estavam saindo do pássaro.

— Rebobina, começa do início — falou Gimble.

— Eu estava correndo pelo cemitério Rock Creek esta manhã e vi o corpo. Estavam tirando o menino do mausoléu, e uma detetive abriu o saco para cadáveres. — Mulder caminhava de um lado para outro. — O menino estava deitado em cima de pétalas de rosas mortas, e havia um pássaro preto e branco no peito dele com flechas presas no corpo.

Os olhos de Gimble se arregalaram.

— Mentira.

Mulder mudou de canal de novo.

— Está passando — disse Gimble, colocando-se de pé.

O apresentador do telejornal estava na calçada diante de uma delegacia de polícia.

— Estou aqui na Delegacia do Terceiro Distrito, no quadrante sudoeste de Washington, onde policiais estão revendo as pistas do caso envolvendo o corpo de um menino de oito anos que foi descoberto esta manhã no cemitério Rock Creek.

O repórter reparou que um detetive com distintivo preso ao cinto deixava a delegacia, então correu até o homem com o microfone.

— Detetive! A polícia descobriu alguma pista relacionada ao assassinato de Billy Christian? De acordo com nossas fontes, a carcaça de um pássaro foi encontrada junto com o corpo, no que parecia ser uma morte ritualística. Estamos lidando com um culto?

— Não me importa o que suas *fontes* contaram. Se você se importasse com aquele menino, daria o fora daqui e nos deixaria fazer nosso trabalho. O delegado já deu uma declaração. — O policial olhou direto para a câmera. — Não tenho mais comentários.

O detetive disparou para fora do quadro, e a câmera voltou para o repórter.

— Se o departamento da polícia metropolitana fez algum progresso no caso, não vai compartilhar com o público.

A logomarca da emissora apareceu na tela, seguida por um comercial para detergente de louças. Mulder encarou a televisão, chocado.

— Ele não disse nada sobre o pijama — disse Mulder a si mesmo.

— Que pijama? — perguntou Gimble.

— Precisamos ligar para Phoebe. — Mulder saiu andando para a cozinha.

À menção do nome de uma menina, Gimble saiu correndo atrás do amigo.

— Quem é Phoebe?

Mulder pegou o telefone de disco preto na parede.

— Minha melhor amiga de onde eu morava antes.

— Sua melhor amiga é uma *garota*? E você nunca falou dela antes? Ela é bonita? — As perguntas de Gimble mal eram registradas por Mulder.

— Ela vai ajudar — disse ele, esperando que a pessoa em quem mais confiava no mundo pudesse lhe dizer o que fazer a seguir. Ou então convencê-lo a desistir do que já estava pensando em fazer.

— Eu deveria pegar o telefone no outro cômodo. Já que sou seu braço-direito nisso — sugeriu Gimble. Quando Mulder não discutiu, o amigo disparou para fora da cozinha.

Mulder discou o número de Phoebe e a linha estalou quando Gimble pegou a outra extensão.

— Alô?

— Ainda está chamando.

Sob circunstâncias normais, Mulder não deixaria que Gimble se juntasse à chamada, mas ele estava *dentro da própria mente*, como Phoebe chamava… Os pensamentos de Mulder só se concentravam em uma coisa.

— Alô? — Phoebe atendeu no quarto toque. A voz dela costumava acalmar Mulder, mas naquela noite apenas o deixou mais ansioso para vê-la.

— Preciso da sua ajuda — disparou Mulder.

— Qual é o problema? — O tom de voz de Phoebe se tornou sério.

— Alguém está sequestrando crianças aqui em Washington. Um menino apareceu morto, e uma menina ainda está desaparecida. —

Mulder falava rápido demais, mas precisava desabafar. — A menina tem oito anos, Phoebe.

Silêncio do outro lado da linha.

— Sei o que vai dizer… — Mulder se adiantou.

— Não se envolva, Fox.

— Mas já estou envolvido. Eu vi o corpo do menino…

— Você *o quê?* — Phoebe perdeu a calma. — Será que quero saber como conseguiu isso?

— Ele estava correndo pelo cemitério quando encontraram a criança — disse Gimble, ignorando o fato de que Mulder não o havia apresentado ou mencionado que havia outra pessoa na linha. — Não é como se ele tivesse invadido o necrotério ou algo esquisito assim.

— Que alívio. — Phoebe investiu no sarcasmo. — E quem é você?

— Ah, sim. Desculpe. — Gimble pigarreou. — Aqui é Gimble, melhor amigo do Mulder.

Ela soltou um suspiro desdenhoso.

— Vamos deixar algo claro. *Eu* sou a melhor amiga de Fox.

— Por que ela pode chamar você de Fox?

— Gimble! — ralhou Mulder.

— Você é o cara que joga D&D? — perguntou Phoebe.

— Sou eu. — Gimble mal conseguia conter a animação. — Então Mulder lhe contou a meu respeito? Ele disse que tenho 16 pontos de XP?

— Gimble! — gritou Mulder.

— Desculpe — murmurou Gimble. — Conte a ela sobre o pássaro morto.

— Pássaros mortos? — O tom de voz de Phoebe mudou de *Em que você se meteu dessa vez?* para *Que diabo está acontecendo e o que eu posso fazer para impedir?*

— Pássaro — falou Gimble. — Só tinha um.

— Gimble! — gritaram Phoebe e Mulder ao mesmo tempo.

— Vou calar a boca agora.

Mulder respirou fundo.

— É uma longa história, e juro que vou te contar todos os detalhes. Mas agora preciso do seu conselho.

— O que quer que seja, *não* faça — disse Phoebe de imediato.

— Vai ouvir ou não? — Depois que Mulder explicasse que os sequestros estavam conectados, sabia que Phoebe entenderia.

— Fale. — Uma palavra. Foi tudo o que ela ofereceu.

Precisava ficar calmo, ou a garota pensaria que Mulder estava *obcecado*, como ela dizia.

— A menina que sumiu estava usando um pijama branco de zíper com elefantes cinza nele. Quando mostraram a foto dela na TV, reparei em uma mancha marrom acima do zíper. Tinha o formato de um hipopótamo.

— Um hipopótamo? — Phoebe estava perdendo a paciência. — É isso que vocês dois ficam fazendo? Correndo por aí, solucionando mistérios?

— Umm… — Gimble pigarreou. — Eu não estava lá de verdade. Então, tecnicamente, Mulder estava solucionando sozinho.

— Quer saber sobre o pijama do garoto ou não? — perguntou Mulder. Phoebe e Gimble pararam de falar, e ele retomou de onde tinha parado. — Quando abriram o saco do cadáver no cemitério, o menino estava usando o mesmo pijama.

Phoebe suspirou.

— Quer saber quantos…

— Não um pijama com a mesma estampa. Estou falando do *mesmo pijama*. A mancha estava lá, bem acima do zíper.

— Poderia ser uma… — começou Phoebe.

— Não diga “coincidência”, porque nós dois sabemos que você também não acredita nisso.

— Ela se daria bem com o Major — falou Gimble, tentando voltar para a conversa.

— Quem…? — Phoebe se interrompeu. — Nem vou perguntar.

Por que ela estava criando tanta dificuldade? Ela nunca duvidou dele quando se tratava de coisas importantes. Mulder procurou ficar calmo, mas o pânico lhe subia pela garganta em rompantes, como eletricidade em um fio rompido.

— Phoebe, ouça. Você sabe que só preciso ver algo uma vez para me lembrar perfeitamente.

— Palavras e imagens, Fox. Não pessoas.

— Não *rostos* — corrigiu Mulder. — E estamos falando de uma peça de roupa e uma mancha.

— Não consegue se lembrar dos rostos das pessoas? — perguntou Gimble, confuso.

Phoebe suspirou.

— É claro que consegue, mas não melhor do que uma pessoa comum. Uma memória fotográfica não se aplica a todas as coisas. É um mito — explicou ela. — Mas você tem razão. Jamais se esqueceria dos detalhes nas roupas de alguém.

— Então acredita em mim? —Mulder sentiu o alívio percorrer seu corpo.

— A questão não é acreditar em você.

Mulder contou a parte mais importante.

— Alguém vestiu o menino morto com o pijama da menina desaparecida, o que significa que foram sequestrados pela mesma pessoa. Mas a polícia não percebeu isso. Não perceberam que os casos estão conectados.

— Esqueça isso, Fox — disse Phoebe, baixinho. — Não vai trazer Samantha de volta.

— Trazer quem de volta? — Gimble percebeu que não sabia de alguma coisa, mas Mulder e Phoebe não responderam.

— Uma menina de oito anos está desaparecida. — Mulder tentou soar normal, como se tivesse se recomposto e agora apenas relatasse os fatos. Não estava obcecado.

— Sei no que está pensando, Fox. — Agora era Phoebe quem parecia em pânico. — Não faça isso.

— Fazer o quê? — perguntou Gimble.

— A polícia vai achar que você é louco — avisou ela.

— Mas sei de algo que eles não sabem. — Mulder ergueu a voz.

— Só espere até eu chegar, amanhã à noite — implorou Phoebe. — Vou ajudar você a entender isso. Prometo.

Ele chutou a perna da mesa da cozinha.

— Tudo bem. Não vou.

— Vejo você amanhã, está bem? — Phoebe parecia aliviada.

— Tudo bem.

Gimble voltou para a cozinha antes de Mulder ter tempo de desligar o telefone.

— Sinto como se tivesse me juntado a uma missão no meio do jogo, e ninguém me diz o que está acontecendo.

Mulder seguiu direto para a porta da frente. No caminho ele pegou as chaves do carro.

— Explico no carro.

— Você disse à Phoebe que não iria para o diabo do lugar que vocês dois estavam falando. — Gimble o seguiu até a vaga na garagem.

Mulder abriu a porta do carro.

— Menti. Amanhã me desculpo.

Gimble entrou rápido, obviamente preocupado que o amigo pudesse partir sem ele. Mulder deu marcha a ré no AMC Gremlin e fez um retorno em U como se estivesse dirigindo um Corvette em vez de uma lata-velha laranja.

— Então, aonde vamos? — perguntou Gimble.

O pavor revirou o estômago de Mulder. Ele não queria fazer aquilo, mas não conseguia parar agora.

— À delegacia.

CAPÍTULO 8

Departamento da Polícia Metropolitana de Washington, DC

Delegacia do Terceiro Distrito

19:00

— Então, quem é Samantha? — perguntou Gimble, de onde estava sentado, jogado no assento do carona do carro de Mulder.

O peito de Mulder se apertou, e ele quase atacou o amigo. Mas como poderia fazer isso quando Gimble iria até a delegacia com ele, mesmo depois de ouvir Phoebe pedir que não fosse? Tinham se tornado amigos por causa do amor mútuo por *Jornada nas Estrelas* e pelo seriado da *Mulher-Maravilha*, porque os dois achavam que Lynda Carter era gostosa. Mas Gimble tinha se revelado um amigo de verdade.

E naquela época eu nem sabia que ele também tinha uma queda por Farrah.

A única pessoa, à exceção de Samantha, que confiara em Mulder o suficiente para segui-lo para qualquer lugar era Phoebe. Há dois anos, quando Wendy Kelly foi encontrada em um posto de gasolina depois de passar três anos e meio desaparecida, Phoebe matara aula para dirigir até um hospital em New Haven com Mulder. Ele esperava que Wendy Kelly pudesse dizer onde encontrar Samantha. Mulder foi até a porta do quarto do hospital da garota antes que um médico surgisse em seu caminho e o expulsasse.

Quando Mulder encontrou uma forma de sair de casa de novo e dirigir até a casa dos Kelly em New Haven, dois dias depois, Wendy e a família tinham ido embora. A única coisa que deixaram para trás foi um saco de sementes de girassol derramadas na varanda.

Se Mulder estava arrastando Gimble até a delegacia consigo, o mínimo que poderia fazer era responder à pergunta do amigo.

— Samantha é minha irmã mais nova. Ela desapareceu em 27 de novembro, há mais ou menos cinco anos e meio. Tinha oito anos quando aconteceu. — Um nó se formou na base da garganta de Mulder.

E ela está lá fora, em algum lugar, esperando que eu a encontre.

Gimble encarou Mulder, chocado.

— Não sei o que dizer. Quero dizer… sinto muito, mas isso não parece o bastante, sabe?

Mulder deu um leve aceno de cabeça para o amigo.

— Quando diz que ela “desapareceu”, o que isso quer dizer, exatamente?

Era a história que Mulder repassava várias vezes na cabeça — a história com a qual ainda tinha pesadelos.

— Esqueça — disse Gimble, rapidamente. — Você provavelmente não quer falar sobre isso.

Ele não queria. Mas falando ou não a respeito, o vazio dentro dele jamais sumia.

— Alguém a levou.

Gimble recostou no banco do carro.

— E a polícia nunca a encontrou?

— Não.

— Ela saiu andando ou algo assim? Ou foi como naqueles filmes que mostravam na escola primária em que pervertidos ofereciam um doce a crianças e então as levavam?

Parte de Mulder desejava que tivesse acontecido dessa forma. Ele queria que o vilão tivesse um rosto — um retrato falado policial ou algo em que se concentrar quando o ódio o atingisse e ameaçasse consumi-lo. Em vez de um retrato falado, a pessoa responsável encarava Mulder de volta todas as manhãs, no espelho do banheiro.

Porque eu *deveria tê-la salvado*.

— Alguém a sequestrou dentro da nossa casa — disse Mulder, antes de perder a calma. — Meus pais saíram, e eu deveria estar cuidando dela. Nós dois estávamos na sala, brincando com um jogo de tabuleiro. Eram quase nove da noite, e eu estava esperando *O mágico* começar. Samantha queria mudar de canal, e eu… — Mulder hesitou. — Eu gritei com ela. Então a eletricidade caiu, e não sei o que aconteceu depois disso. Devo ter apagado. Mas, quando recobrei a consciência, minha irmã tinha sumido e a porta da frente estava aberta.

Mulder entrou na 17th Street e viu a delegacia no fim da rua. Ele parou no estacionamento e desligou o carro.

— Obrigado por me contar — falou Gimble. — Sei que é difícil. Você é a única pessoa que recebi em casa desde que minha mãe morreu e nos mudamos para DC. O Major é coisa demais para absorver.

— Ele é legal — ofereceu Mulder.

— Se com “legal” você quer dizer nem remotamente normal, então sim, claro. — Gimble olhou pela janela. — Quando a polícia nos contou que o carro da minha mãe tinha caído da ponte, disseram que parecia que ela havia feito de propósito. Não te contei isso antes. Mas nunca acreditei neles, e o Major também não. Perdê-la acabou com ele. Às vezes penso que por isso se tornou obcecado com aquele livro, *A espada diabólica*. Minha mãe amava romances de fantasia, e líamos juntos o tempo todo. Ela tentou convencer meu pai a ler *A espada diabólica* com ela, mas ele não era muito fã de fantasia, o que é irônico considerando todas as coisas malucas em que acredita agora.

— Entendo. — Mulder sabia que era difícil para Gimble se abrir daquela forma para falar sobre a mãe. Isso ajudava Mulder a confessar os próprios pecados. — Não fiz nada para ajudar minha irmã naquela noite. Então, se há uma chance de eu ajudar Sarah Lowe, preciso tentar.

Gimble fez que sim com a cabeça.

— Também não pude ajudar minha mãe. Mas não é tarde demais para salvar aquela menina. — Gimble abriu a porta do carro e saiu como se tivesse uma missão, com sua camiseta do Han Solo. — Lorde Manhammer diz: “Uma missão só acaba se você desiste.”

Mulder e Gimble marcharam para dentro das portas de vidro, colocando-se direto em ação. A delegacia não tinha um balcão na portaria, separando a entrada da sala central. Estava entulhada de escrivaninhas e arquivos de metal, retratos de pessoas fichadas e rádios de comunicação, policiais e criminosos.

Não era o que Mulder esperava. O lugar parecia o Velho Oeste. Criminosos estavam algemados às escrivaninhas, gritando e se atacando.

— Nunca estive em uma delegacia. — Gimble olhou para um cara de aparência truculenta com um bigode. O homem se virou e Gimble viu o coldre em seu ombro. — Como vamos diferenciar os policiais dos criminosos?

O policial reparou em Mulder e Gimble e caminhou até eles.

— Meninos, precisam de ajuda?

— Eu gostaria de falar com um dos detetives investigando o sequestro de Sarah Lowe — disse Mulder.

O policial ergueu uma sobrancelha.

— Não confirmamos que ela foi sequestrada. — Parecia algo oficial que precisavam dizer.

— Tudo bem. O desaparecimento dela, ou o como quer que chame. — Mulder batia o pé, já que não podia andar de um lado para outro. — Temos informações sobre o caso.

— Sentem-se. — O policial indicou duas cadeiras de plástico posicionadas ao lado de uma das mesas. — Verei se os detetives trabalhando no caso estão por aqui.

Mulder e Gimble se sentaram, mas Mulder manteve os olhos fixos no policial com o bigode. E se ninguém quisesse falar com eles? Isso aconteceu mais de uma vez com Mulder na delegacia de Chilmark.

— Ele está falando com aqueles caras perto da máquina de comida — falou Gimble. — Acha que são detetives?

Um homem alto com olhos pequenos, usando uma camisa social amassada com as mangas puxadas estava ao lado de um cara baixinho com barriga de Papai Noel, usando um chapéu fedora.

O Gordo e o Magro.

— São, sim — disse Mulder, esperando que não tivessem reparado nele na cena do crime. — Eu vi os dois no cemitério.

Os olhos de Gimble se arregalaram.

— Falou com eles?

— Não. — Mulder observou enquanto o Gordo e o Magro se aproximavam.

— Não parecem amigáveis.

O detetive gordão falou primeiro.

— Soubemos que têm informações sobre o caso Sarah Lowe? — Ele exibiu um distintivo. — Sou o detetive Solano, e este é meu parceiro, detetive Walker.

Mulder ficou de pé e limpou a palma da mão suada na calça jeans antes de apertar a mão do detetive Solano.

— Meu nome é Fox Mulder.

Solano riu.

— Eu devo acreditar que isso é um nome verdadeiro?

Gimble se levantou da cadeira.

— Sou Gimble. Quero dizer, Gary Winchester. Não vi o corpo nem nada, então provavelmente não querem falar comigo.

— O corpo? — Solano semicerrou os olhos.

Mulder empurrou Gimble para fora do caminho antes que o amigo abrisse a boca novamente e os colocasse em mais apuros.

— O que ele quer dizer é que quando eu passei pelo cemitério Rock Creek na minha corrida hoje de manhã, vi os carros da polícia e parei para ver o que estava acontecendo.

— Vá até a parte em que viu o corpo — disse Walker.

— Uma detetive abriu o saco do cadáver, e foi quando vi o menino.

Walker e Solano trocaram um olhar.

— É por isso que estou aqui — apressou-se em dizer Mulder. — Descobri que há uma relação entre a morte de Billy Christian e o sequestro de Sarah Lowe.

— Ah, descobriu? Por que não esclarece para nós? — Walker parecia irritado.

Aquilo não estava se desenrolando da forma que Mulder tinha esperado.

— Na fotografia de Sarah Lowe que mostraram na TV, ela usava pijama branco com elefantes cinza. Havia uma mancha logo acima do zíper. — Mulder apontou o local no próprio peito. — Billy Christian usava o mesmo pijama.

— Você parece um garoto legal — disse Solano. — E tenho certeza de que está tentando ajudar. Mas sabe quantos pijamas de elefantes existem no mundo?

— Muitos — acrescentou Walker.

— Não estou falando do mesmo *modelo* de pijama — falou Mulder. — Alguém vestiu Billy Christian com o mesmo pijama que Sarah Lowe usava quando foi sequestrada. A mancha era do mesmo formato e da mesma cor, e ficava no mesmo lugar.

— Mulder repara nesse tipo de coisa — explicou Gimble. — Ele tem uma memória fotográfica.

Walker riu com deboche.

— Bem, isso muda tudo. Pode prever o futuro também?

Solano riu, fazendo sua barriga balançar.

— Isso não é brincadeira. — Mulder ergueu a voz mais do que pretendia, e a expressão do detetive Walker mudou de divertida para irritada.

— Dê o fora daqui. — Walker apontou para a porta. — Temos trabalho de verdade para fazer.

Gimble pegou o braço de Mulder e tentou puxar o amigo para a saída.

— Venha. Vamos embora antes que nos prendam.

Mas Mulder não se importava.

— A mesma pessoa levou as duas crianças. Não quer pegá-la antes que Sarah Lowe acabe morta também?

Solano limpou a testa com a manga da camisa e apontou para Mulder.

— Se não encontrarmos aquela menina, será por causa de pessoas como você. Já recebemos dezenas de pistas falsas para seguir, e cada minuto que verificamos um beco sem saída é um minuto que desperdiçamos.

— Mas não estou inventando isso. — Os ombros de Mulder caíram. — *Não* é um beco sem saída.

— Pare de falar — sussurrou Gimble.

Um policial à paisana entrou no prédio levando um cara magricela pelo braço. O cara estava descalço, com as mãos algemadas diante do corpo, abaixo da estampa de *transfer* rachada do Village People na frente da camisa.

Solano acenou com a cabeça para o policial quando ele passou, então voltou a atenção para Mulder.

— Parece que precisa de uma escolta. — O detetive estava levando a mão para o colarinho de Mulder quando o pandemônio irrompeu na delegacia.

O cara magricela algemado subitamente se afastou do policial. Ele saltou para a escrivaninha mais próxima e gritou:

— Vocês não têm correntes fortes o bastante para me conter!

A porta do escritório do sargento se escancarou e ele examinou a cena.

— Que diabos está acontecendo aí fora? Tire esse cara daí de cima!

— Ele é parte do grupo preso na batida de PCP na 16th. Street — explicou o policial que tinha perdido o controle sobre o cara. — Acha que é o Super-Homem.

O sargento passou a mão no rosto.

— Não dou a mínima para o que ele pensa. Tire ele daí agora.

— Precisamos de ajuda aqui — gritou o policial, casualmente.

Por que ele não parecia preocupado? Mulder vira notícias nos jornais sobre pessoas drogadas com PCP fazendo coisas bizarras como se atirar de janelas de vidro porque não conseguiam sentir dor.

— Suas correntes não podem me conter — provocou o viciado de novo.

Vários policiais uniformizados cercaram a mesa.

— Desça — exigiu um deles.

Os olhos do viciado ficaram insanos.

— Vão me atacar? Quatro contra um? Enquanto estou algemado? Hoje não, escória! — O cara ergueu as mãos acima da cabeça e, com força, afastou os pulsos.

Mulder ouviu o ruído nauseante de ossos se quebrando e a corrente entre as algemas se partiu. Um dos pulsos do viciado estava em um ângulo antinatural, elos quebrados de aço inoxidável pendiam dos braceletes de metal.

Um policial estremeceu e sacudiu a cabeça.

— Isso vai doer amanhã.

— Viu aquilo? — Gimble parecia espantado. — Ele quebrou o próprio pulso.

O viciado disparou, saltando de mesa em mesa. Criminosos algemados às mesas torciam por ele… até o momento em que quatro policiais derrubaram o cara e o prenderam no chão.

O detetive Solano enxotou Mulder e Gimble.

— Deem o fora daqui.

— Se ao menos ouvisse… — tentou Mulder de novo.

Solano se virou.

— Não estou mais pedindo.

Gimble pegou a manga da camisa de Mulder e o arrastou para fora da delegacia.

— Não vou ser jogado em uma cela com um cara que literalmente partiu as próprias algemas.

Mulder se escorou na parede do lado de fora, derrotado.

— Os detetives não descobriram que o pijama é o mesmo, e não acreditaram em mim quando contei. Aposto que nem vão comparar as fotos para verificar.

— Não vão encontrar a menina, não é? — perguntou Gimble.

— Eu ficaria impressionado se Solano e Walker conseguissem encontrar o caminho para fora de uma sacola de papel. — Mulder chutou uma garrafa marrom vazia e observou o objeto rolar para o estacionamento.

— Talvez seja um sinal de que você deveria ficar longe disso.

Em geral, nada conseguia acalmar a tempestade constante que se debatia dentro de Mulder, mas uma tranquilidade repentina tomou conta dele.

— Ou é um sinal de que eu mesmo preciso encontrá-la.

CAPÍTULO 9

Residência dos Mulder

1º de abril, 11:02

Na manhã seguinte, o quarto de Mulder parecia uma cena de crime. Ele passara a maior parte da noite desenhando e folheando livros e papéis espalhados pelo chão — livros sobre assassinatos em série; guias das ruas de Washington; e os livros teóricos de psicologia que usara em sua campanha para se livrar dos psicólogos aos quais o pai o obrigou a ir depois do desaparecimento de Samantha. Mulder tinha revirado as gavetas da escrivaninha em busca de um bloco de desenho, que acabou encontrando debaixo da cama, e passou horas desenhando o pássaro morto com as flechas despontando do corpo. Não era o melhor dos desenhos, mas depois de várias tentativas, o pássaro não parecia mais uma pera com asas.

Mulder chutou uma pilha de roupas em busca de uma calça jeans limpa e da camisa vermelha preferida com as listras brancas nas mangas. Uma caixa de cereal escondida debaixo de um moletom caiu no chão, espalhando marshmallow velho no tapete. Mas Mulder mal reparou.

Tudo o que ele fazia, ou não fazia, era ao extremo. Sempre teve problemas para dormir, mas com frequência isso se transformava em insônia pesada. Depois que assistiu ao primeiro jogo dos Knicks, foi até a biblioteca e leu tudo que conseguiu encontrar sobre o time. Na semana seguinte, conhecia as estatísticas de cinco temporadas. O pai chamava tais tendências de *obsessivas*.

Mulder preferia o termo *concentrado*.

E naquele momento, estava concentrado em encontrar Sarah Lowe.

O pijama de elefante era a única pista, e Billy Christian foi a última pessoa que o vestiu. Depois de virar duas xícaras de café instantâneo, Mulder folheou os jornais da semana anterior, em busca de detalhes relacionados a Billy Christian e à investigação, mas encontrou pouca coisa. Era estranho, considerando a quantidade de informações sobre Sarah Lowe. A mãe dela compartilhara os detalhes importantes durante a transmissão do telejornal, e os jornalistas tinham coberto o resto, entrevistando todos, desde os vizinhos de Sarah até a professora do jardim de infância dela.

Por que não entrevistaram os professores de Billy? Ou os vizinhos dele?

Depois de vasculhar uma pilha de jornais, Mulder finalmente encontrou o endereço de Billy em um artigo minúsculo no *Washington Post.* Ele reconheceu o nome do bairro e a falta de informações subitamente fez sentido.



Mulder verificou o endereço no pedaço rasgado do jornal que tinha nas mãos enquanto dirigia por Blue Hill. Quando viu a casa de Billy, estacionou do outro lado da rua. Blue Hill era um dos bairros mais antigos do nordeste de DC. As mesmas famílias católicas irlandesas da classe trabalhadora moravam ali há gerações — pelo menos de acordo com o guia no passeio de bondinho *Timeless Trolley Tour* que Mulder fizera logo depois de ir morar com o pai. Ele gostava de História, e também gostava de saber se guiar pelos lugares.

Blue Hill era uma comunidade insular, e quando uma tragédia acontecia perto de casa, as pessoas nesses bairros se uniam — e coordenavam suas histórias. Mulder não descobrira nada disso pelo passeio de bondinho. Essas eram coisas que se aprendia em primeira mão ao se viver em uma comunidade como Blue Hill ou Martha's Vineyard.

Mulder ficou de pé na calçada, olhando para a casa modesta da família do outro lado da rua. A casa era branca e tinha persianas

pretas e uma pequena varanda na frente, com um skate encostado no corrimão.

Seria o skate de Billy? Ou será que ele tinha um irmão?

Mulder sabia que não podia simplesmente bater na porta e começar a fazer perguntas. Os pais de Billy provavelmente ainda estavam em choque.

Mas a vida de uma menina está em jogo.

Uma porta de tela rangeu ao se abrir atrás dele. Uma senhora usando roupão florido e bobs rosa saiu para a varanda, olhando para Mulder desconfiada.

— Bom dia, senhora — disse ele, educadamente, esperando tranquilizar a mulher.

— Isso depende. — A mulher se sentou em uma cadeira de balanço branca, observando Mulder. — Se é repórter, não quero que fique de pé diante da minha casa. E não diga que a calçada é espaço público, ou vou soltar meu cachorro em você.

Mulder gostava da ideia de que parecia velho o suficiente para ter um emprego de verdade. Por outro lado, talvez a velha não tivesse uma boa visão.

— Não sou repórter. Sou estudante do ensino médio.

Ela inclinou o pescoço para olhar melhor para Mulder.

— Você não mora por aqui. Nunca o vi antes, e conheço todo mundo.

Ele ouviu um raspar do outro lado da porta de tela.

— Já vou — gritou a dona para o que quer que estivesse do outro lado. Ela levou um momento, mas abriu a porta e uma bolinha de pelos laranja minúscula saiu trotando.

Um *lulu da Pomerânia*? Era esse o cachorro que a mulher ameaçava soltar contra ele?

Mulder ergueu uma sobrancelha.

— Ela é mais cruel do que parece — disse a mulher, na defensiva.

A bola de pelos desceu os degraus da varanda correndo e foi direto para Mulder, latindo e balançando o rabo. Ele se abaixou e acariciou as orelhas do cachorro. A velha pareceu chocada.

— Tem bacon no bolso? — perguntou ela, como se fosse uma coisa perfeitamente normal de se carregar.

— Não, senhora. Por quê?

A dona bateu palmas e o cachorro correu escada acima de novo. Ela pegou a bola de pelos e se sentou na cadeira de balanço.

— Gidget não gosta de estranhos. — A lógica da mulher estava um pouco confusa, mas pelo menos estava falando com Mulder.

A cachorrinha se sentou nos joelhos da dona como um pequeno leão.

— Ela pareceu gostar de mim — comentou Mulder à mulher.

— Reparei. — A dona se balançou por um momento, então acrescentou: — E Gidget sabe ler o caráter dos outros muito bem. No ano passado, o correio se confundiu com as rotas e acabamos com um carteiro novo. Gidget odiou o cara da primeira vez que colocou os olhos nele. Três meses depois, descobrimos que estava roubando os cheques da previdência das caixas de correio.

— Meu pai não me deixa ter um cachorro. — Mulder não tinha certeza de por que tinha dito aquilo, mas era verdade. Ele olhou para a casa de Billy.

Será que Billy tinha um cachorro?

— Toda criança deveria ter um cachorro — disse a mulher. — Você fica olhando para a casa dos Christian. Conhece a família? Ou estava apenas curioso?

— Nenhum dos dois. — Mulder encarou a calçada. Alguém tinha desenhado um coração com dois conjuntos de iniciais em cimento enquanto ainda estava fresco. — Alguém sequestrou minha irmã quando ela tinha oito anos. Eu também estava em casa, mas só levaram ela. Então sei como é. Só queria que tivesse algo que eu pudesse fazer.

— Sinto muito por sua irmã. A polícia encontrou… ela? — A velha estendeu a palavra *encontrou* como se tivesse se policiado antes que dissesse *o corpo dela*.

Mulder balançou a cabeça.

— Não. Ainda está desaparecida.

A mulher abraçou a bola de pelos.

— Uma criança deveria estar segura em casa. Já é bem ruim eu não poder andar com Gidget na rua depois que escurece sem me preocupar em ser atingida na cabeça. Mas depois do que aconteceu

com aquele doce menininho, agora preciso me preocupar com um monstro que pode entrar pela minha porta da frente.

Mulder inspirou profundamente.

Ela não pode querer dizer…

— Foi isso que aconteceu com Billy? Alguém entrou na casa? — Mulder ouvia o coração martelando nos ouvidos enquanto aguardava a resposta da mulher.

A velha andou até o corrimão e abaixou a voz.

— A mãe de Billy disse que a polícia não queria liberar tantos detalhes, porque levaria mais tempo para verificar todas as pistas que as pessoas ligavam para dar.

O detetive Solano tinha reclamado a respeito de seguir pistas falsas e becos sem saída.

— Mas agora que o anjinho se foi, não deve fazer mal contar a você. — A mulher abraçou Gidget. — A mãe de Billy me contou que ele estava brincando no chão da sala com uns carrinhos. O verde era o preferido dele — acrescentou a mulher, como se estivesse contando um segredo. — O telefone tocou e a mãe foi até a cozinha para atender. Ela jura que não ficou mais de um minuto longe. Mas quando voltou o bebezinho dela tinha sumido e a porta estava aberta.

O estômago de Mulder se revirou e ele quase vomitou.

— A porta da frente?

A mulher fez que sim com a cabeça, e os bobs rosa se agitaram.

— Isso mesmo. Pode imaginar? A mãe ligou para a polícia, e eles chegaram em menos de cinco minutos, mas não havia rastro de Billy. Olhei pela janela quando ouvi as sirenes.

— Lembra que horas eram? — O peito de Mulder se apertou.

— Devia ser pouco antes das nove da noite. Eu vou deitar às nove em ponto toda noite.

A calçada pareceu se mover sob os pés de Mulder. Billy Christian foi sequestrado de dentro de casa por volta da mesma hora que Samantha e Sarah Lowe foram levadas. Até os detalhes eram semelhantes — as três crianças tinham oito anos, estavam brincando na sala logo antes de desaparecerem, e a porta da frente das casas tinha sido deixada aberta.

E se Mulder estivesse certo e a mesma pessoa fosse responsável?

Ele esteve tão concentrado em encontrar uma conexão entre o desaparecimento de Samantha e os sequestros de Billy e de Sarah que não parou para pensar sobre o que *significaria* se encontrasse uma ligação. A garganta de Mulder queimou enquanto ele olhava para a calçada, piscando para conter lágrimas enquanto processava a verdade. Não queria mais estar certo, porque se estivesse…

Significa que minha irmã está morta.

CAPÍTULO 10

Residência dos Mulder

21:32

— A que horas você disse que ela chegaria? — perguntou Gimble a Mulder pela enésima vez. Estavam acampados no apartamento de Mulder, esperando Phoebe aparecer.

— Não faço ideia. Depende do aeroporto em que ela vai pousar.

Ele não tinha essa informação, porque Phoebe trocara o voo para um mais cedo sem contar a Mulder até uma hora atrás, quando aterrissou. A conversa deles no dia anterior devia ter alarmado a garota.

— Não acredito que ela simplesmente mudou o voo e pegou um avião. — Gimble pegou umas sementes de girassol do saco e alternou entre mastigá-las e falar. — Isso é incrível.

— Ela sempre sabe quando vou me meter em problemas — disse Mulder, folheando o livro surrado que o Major dera a ele.

Gimble reparou.

— Está mesmo lendo *A espada diabólica*? Deve andar entediado.

Está mais para precisando de uma distração.

— Você disse que o livro era bom. E já vi os Knicks perderem para os Clippers de 116 a 126. Imaginei que o livro não poderia ser pior.

Mulder não mencionou que antes do jogo passou a maior parte da tarde na biblioteca, debruçado sobre microfichas, buscando artigos sobre outras crianças desaparecidas. Se a pessoa que matou Billy Christian e sequestrou Sarah era o mesmo maluco que tinha levado a irmã dele, por que um intervalo de tempo tão grande? Ou será que o sequestrador tinha levado outras crianças durante esse tempo todo? Olhar fotografias de crianças que talvez jamais voltassem a ver suas famílias fazia com que Mulder se sentisse tenso e ansioso. Ele enfiou a cópia de *A espada diabólica* no bolso de trás da calça.

— Então, o que acha? — perguntou Gimble.

— Do livro? — Mulder deu de ombros. — Acho interessante essa coisa toda de manter o equilíbrio entre Lei e Caos.

— Eu também. Mas não conte ao Major, ou vai querer falar comigo sobre isso sem parar. — Gimble atirou cascas de sementes de girassol no lixo.

Mulder ficou impressionado. O pai dele as deixava por todo o apartamento.

— Então, de volta a sua amiga. Acha que ela vai gostar de mim? — Gimble parecia genuinamente preocupado enquanto mastigava as sementes.

A pergunta irritou Mulder.

— Não sei. Por que importa?

— Ela parecia sexy ao telefone. E se pessoalmente tiver metade da beleza que tem naquela foto em sua carteira, talvez eu a peça em casamento.

Mulder instintivamente tocou o bolso traseiro.

— Você mexeu na minha carteira?

— Você pediu. Na noite em que foi parado por estar com um espelho retrovisor quebrado? Lembra? — Gimble tirou os cabelos dos olhos e abriu um sorriso. — Então, ela vai gostar de mim ou não?

— Você não é o tipo da Phoebe. — Mulder soou como um namorado ciumento.

Ela não era namorada dele nem nada. Não que Mulder se opusesse à ideia. Simplesmente não tinha coragem de tocar no assunto. Eles tinham se beijado um monte de vezes — tudo bem, exatamente cinco vezes — durante os últimos dois anos, e uma noite depois de uma festa tinham se pegado por tempo o suficiente para deixar embaçadas as janelas do Gremlin e dar a Mulder algo com que sonhar acordado durante meses… Phoebe usando jeans e um sutiã preto, as bochechas coradas e os lábios inchados de tanto beijar. Mas ela não agia como se fosse grande coisa, e não falou sobre isso. Então ele também não o fez.

— Vou impressioná-la com minha inteligência e meu vasto conhecimento de *Jornada nas Estrelas*. Você vai ver.

— Agora entendo por que é tão bom em D&D — disse Mulder. — Tem uma ótima imaginação.

Gimble estava pensando em uma réplica quando a campainha tocou. Os dois garotos se viraram tão rápido que ficaram zonzos. Mulder correu até a porta e a escancarou.

Phoebe estava ali, usando uma calça jeans boca de sino que nela parecia estilosa, sem ser uma tendência de moda; a camiseta cinza e azul da NASA que Mulder lhe dera dois Natais antes (que estava a um centímetro de virar um top) e sandálias trançadas nos pés, de

um couro marrom-claro que combinava com o tom de pele dela. Os longos cabelos loiros estavam presos em coques logo acima das orelhas de cada lado da cabeça, na versão de Phoebe dos coques da princesa Leia, exceto que os de Phoebe eram menores e as pontas dos cabelos dela despontavam do centro de cada coque. Mulder não sabia dizer se a melhor amiga/garota dos sonhos dele usava maquiagem, mas se usava, não era muita. Uma constelação de sardas salpicava o nariz de Phoebe e então se espalhava pelas bochechas coradas dela.

Phoebe colocou as mãos nos quadris e abriu a boca para dizer algo, mas Mulder envolveu o pescoço da menina com os braços antes que ela dissesse uma palavra.

— Estou tão feliz por você estar aqui — sussurrou ele.

Phoebe apoiou a palma da mão no peito de Mulder, com os dedos abertos, e cuidadosamente o empurrou o suficiente para olhar bem para o amigo.

— É claro que está. Você parece um zumbi.

Phoebe passou por Mulder e observou a sala. Ela tirou a tigela de cereal pela metade da mesa de centro. Então viu uma segunda tigela na mesa de canto.

— É só isso que vem comendo? — Phoebe tirou duas embalagens de torta de maçã da Hostess do sofá e franziu o nariz. — E não minta, porque arrancarei a verdade do seu amigo fã de Dungeons and Dragons ali.

Gimble sorriu para ela.

— Você também joga D&D? — Ele se virou e disse a Mulder, sem emitir som: *Acho que estou apaixonado.*

Phoebe deu mais uma olhada rápida pela sala.

— Imagino que seu pai esteja em mais uma das viagens ultrassecretas? — Ela se voltou para Gimble. — E não, não jogo D&D. Mas sei jogar, e falo élfico.

Gimble levou os punhos ao peito e suspirou profundamente.

— É como se os deuses tivessem mandado você do paraíso.

— Como pôde deixar que ele chegasse a esse ponto? — Ela olhou com raiva para Gimble.

— Não é culpa dele — falou Mulder. — Já sou bem crescido.

— É o que você diz. — Phoebe marchou pelo corredor e olhou dentro de cada quarto até que viu a porta aberta do quarto de Mulder. Ela entrou e sacudiu a cabeça, enojada.

Roupas estavam jogadas por todo o chão, junto com livros, cascas de sementes de girassol e mais embalagens de torta de maçã. Mulder pegou uma pilha de roupas nos braços e jogou no armário.

Phoebe inspecionou a cama perfeitamente arrumada dele.

— Está dormindo no sofá de novo? Ou sua insônia voltou?

Mulder passou a mão no cabelo. Estava arrepiado e ele tentou abaixá-lo.

— Mais ou menos.

— *Mais ou menos* o quê?

Ele deu de ombros.

— As duas coisas, acho.

Phoebe pegou o livro na mesa de cabeceira de Mulder e leu o título.

— *The Meaning of Murder*? Uma leiturinha noturna antes de deitar? Não é à toa que não consegue dormir.

Gimble observou a coleção de livros de assassinos em série na prateleira de Mulder e folheou o *Ano do Assassino do Zodíaco*.

— Adoro o Assassino do Zodíaco.

— Você sabe como isso soa perturbador? — perguntou Phoebe.

— Só quis dizer que o Major e eu, é assim que chamo meu pai, nós tentamos decifrar os criptogramas que o Assassino do Zodíaco mandou para a polícia — disse Gimble, apressadamente. — As autoridades descobriram três dos códigos, um professor de ensino médio decifrou outro. Mas ninguém jamais decifrou o resto.

— Como eu disse, *perturbador*. — Phoebe olhou em volta do quarto, em busca de mais provas de que o amigo não estava se cuidando.

Mulder tirou a brochura do bolso de trás da calça e o colocou na mesa de cabeceira.

Gimble olhou o restante dos *livros de assassinato*, como Phoebe os chamou.

— Então, *você* leu todos esses?

— Hã… sim. — Ela ergueu a cópia de *The Meaning of Murder*. — Ele me obrigou a ler a maioria deles também.

— Ninguém *obriga* você a fazer nada — disse Mulder.

— Verdade. — Phoebe sorriu apenas o bastante para fazer com que Mulder se lembrasse de como era sentir os lábios dela nos dele. Ela era como o sol, o ponto luminoso no universo dele, resistindo à atração daquele buraco negro que ameaçava sugá-lo.

Por que ainda estava com ele? Os garotos faziam fila para falar com ela, embora a maioria deles não entendesse metade das coisas que Phoebe dizia. Talvez fosse o motivo para ela não ter encontrado um namorado depois que Mulder foi embora. Não tinha muitas opções em um colégio cheio de atletas em uma ilha minúscula.

Mas ela terá, ano que vem.

Mulder esfregou os olhos e tentou afastar esse pensamento. Era o início de abril. Phoebe iria para o MIT no meio de agosto. Menos de cinco meses — era todo o tempo que tinha com ela. Então conheceria um gênio bonitão na faculdade e se esqueceria dele.

— *A espada diabólica*? — Phoebe reparou na edição de capa verde na mesa de cabeceira. Ela folheou algumas páginas.

— É um romance de fantasia, a obsessão do Major. — Gimble não mencionou a mãe.

— Parece meio estranho. — Phoebe virou o livro e olhou para a capa.

— Tudo a respeito do Major é estranho — admitiu Gimble. — Mas na verdade é um livro bem popular, e o autor, Michael Moorcock, é um gênio. A série inspirou o sistema de alinhamento do D&D.

— O cara da capa é um elfo? — perguntou ela, se referindo ao personagem masculino com cabelos brancos longos e pele de alabastro, empunhando uma espada preta.

Gimble olhou para Phoebe de modo estranho.

— Ele não é um elfo. É um guerreiro albino de uma dimensão alternativa.

— É claro. — Phoebe jogou a edição na cama e pegou a mão de Mulder, arrastando-o para o corredor. — Vamos pegar algo para você comer que não venha do corredor de cereais do supermercado, e enquanto isso você me inteira das coisas.

Mulder assentiu. Ele não tinha energia para discutir. Estava com a mente acelerada, e não conseguia parar de pensar nos artigos que encontrara na biblioteca naquela manhã.

Na cozinha, Phoebe vasculhou os armários, enquanto Mulder e Gimble se sentaram à mesa. Ela pegou pão de forma e potes de manteiga de amendoim e geleia. Então colocou fatias do pão no balcão, estilo linha de montagem.

— Comece do início, quando estava correndo no cemitério e viu o corpo. — Phoebe apontou para Mulder com uma faca manchada de manteiga de amendoim na ponta. — E não deixe nada de fora. Mal fez sentido quando ligou ontem à noite.

Mulder respirou fundo e durante os vinte minutos seguintes ele descreveu cada detalhe da cena — a forma como o corpo de Billy Christian tinha sido colocado em uma cama de pétalas de rosa mortas, com o pássaro preto e branco repousando sobre o peito. As flechas despontando do corpo da ave que pareciam um cruzamento entre um compasso e um mecanismo de tortura medieval. O pijama branco com os elefantes, e a mancha que lembrava um hipopótamo para Mulder.

— Então liguei para você — disse ele, por fim.

Phoebe cruzou os braços e a camiseta subiu, expondo um pedaço da barriga.

— É isso? Não fez absolutamente nada entre ontem à noite e trinta minutos atrás, quando cheguei aqui?

Gimble tossiu e virou o rosto, como se fosse ele quem recebesse o interrogatório, então Phoebe deu um cutucão em Mulder.

— O que está deixando de me contar?

Ele deu de ombros.

— Talvez eu tenha ido à delegacia durante alguns minutos ontem à noite.

Phoebe fez uma bolinha com um guardanapo e atirou em Mulder.

— Eu disse para esperar até que eu chegasse.

— Não consegui. — Mulder empurrou a cadeira para longe da mesa e caminhou até o balcão. Ele se inclinou para a pia e contou gotas d'água na cuba de alumínio. — Eu precisava tentar.

— E me deixe adivinhar. Não levaram você a sério? — perguntou Phoebe, em tom calmo.

Gimble tirou a casca do que restava do sanduíche dele.

— Foi pior do que isso. Eles nos expulsaram. Bem, tecnicamente, eles apenas expulsaram Mulder.

— Mais alguma coisa? — perguntou Phoebe, sentindo que havia mais na história.

Mulder esfregou o rosto. Gimble já sabia que ele tinha ido a Blue Hill. Mulder o inteirou quando o amigo chegou ao apartamento. Agora precisava contar à Phoebe. Não podia esconder nada dela — exceto como realmente se sentia com relação à garota. E provavelmente não estava fazendo o melhor trabalho possível ao tentar esconder isso também.

— Passei pela casa de Billy Christian hoje — admitiu Mulder. — Eu queria contar aos pais dele o quanto sentia muito, mas não consegui.

Phoebe acenou com a cabeça.

— Foi uma boa decisão. Os pais dele devem estar arrasados. Alguém encontrou o filho deles em uma cripta com um pássaro morto… — Phoebe hesitou. — É tão terrível.

— Eu nem cheguei a vê-los, mas uma senhora do outro lado da rua me contou sobre a noite em que Billy foi sequestrado. — Mulder caminhou pela cozinha. Ele não conseguia ficar parado. O corpo zunia com a energia da ansiedade. — Ele estava brincando na sala quando aconteceu… — Mulder parou de se mover e encarou Phoebe. — A pessoa que o sequestrou simplesmente entrou pela porta da frente.

— Fox… — avisou Phoebe.

— Quais são as chances?

— Provavelmente não quer dizer nada. Você sabe disso, certo? — A voz de Phoebe hesitou.

— Foi o mesmo que aconteceu com a irmã dele — falou Gimble.

Os olhos de Phoebe alfinetaram Mulder.

— Eu contei a ele.

Gimble franziu a testa.

— Ele precisou me contar. Sou o melhor amigo dele.

— O *segundo* melhor amigo. — Phoebe empinou o quadril.

— Vocês dois podem brigar por mim depois. Agora preciso dos cérebros unidos e dos QIs de gênio de vocês — disse Mulder. —

Passei a tarde na biblioteca procurando artigos sobre crianças desaparecidas.

Phoebe sacudiu a cabeça.

— Por que faria isso com você mesmo?

— Porque encontrei seis relatórios de crianças que desapareceram de dentro de casa à noite, sob o que pareceram ser circunstâncias semelhantes, nos últimos cinco anos. Delaware, Rhode Island, Pensilvânia — Mulder contava os estados nos dedos —, Connecticut, Virgínia e Massachusetts. E não incluí Wendy Kelly ou minha irmã.

Mulder levou a mão ao bolso traseiro e tirou de dentro o formulário para o cartão de biblioteca no qual tinha feito anotações. Não precisava delas para se lembrar da informação, mas queria ver os nomes das crianças e as datas em que tinham sumido.

E as outras datas.

O estômago de Mulder se apertou quando olhou de novo para a informação.

— Essas são as datas em que as crianças foram levadas. — Mulder ergueu o papel para que os amigos pudessem ver. — E essas são as datas em que os corpos foram descobertos. Exceto por Daniel Tyler, que desapareceu há seis meses de Cookstown, Virgínia. A polícia não encontrou um corpo, então ainda pode estar vivo.

Phoebe fechou os olhos por um segundo e respirou fundo antes de abri-los de novo.

— O artigo dizia alguma coisa sobre pássaros mortos com flechas despontando dos corpos?

Gimble estremeceu a cabeça e os ombros como um cãozinho molhado.

— Isso é algo *perturbador* de se perguntar.

Phoebe lhe lançou um olhar irritado.

— É uma pergunta válida.

— Não havia nada em nenhum dos artigos sobre coisas estranhas encontradas com os corpos das crianças, mas faça as contas. — Mulder entregou a Phoebe a página vincada. — Os corpos das crianças foram encontrados nove dias depois que elas

sumiram, exatamente como o de Billy, o que significa que o assassino as mantém vivas durante oito dias.

— Um culto poderia estar matando as crianças — falou Phoebe. — Um grupo explicaria as localidades diferentes.

Mulder ainda não tinha chegado a uma conclusão sobre isso.

— Não temos informações o suficiente ter certeza.

— Mas a polícia tem — lembrou Gimble a ele. — Fotos do corpo e da cena do crime. Além disso, eles tomam notas.

— Ele está certo — disse Phoebe. — O arquivo do caso teria todos os detalhes.

Mulder pressionou a base das mãos contra as pálpebras.

— Os detetives encarregados do caso praticamente jogaram a gente para fora da delegacia. De maneira nenhuma nos dariam mais informações.

— A não ser… — Gimble saltou da cadeira. — Então, teve essa vez que Theo, meu mestre de RPG, pensou em uma missão em que eu precisava entrar de fininho no castelo real e descobrir se o rei estava planejando uma emboscada. — Gimble se voltou para Phoebe e estufou o peito. — Gimble, meu personagem em D&D, é um espião, então eu faço esse tipo de coisa o tempo todo. Gimble, meu personagem, não eu, não tem um nível alto de habilidade para fazer coisas como escalar paredes. Mas ele é um nível dois, o que é bom, aliás, quando se trata de artifício.

— Você acabou mesmo de dizer as palavras “meu mestre de RPG”? — Phoebe revirou os olhos. — E eu disse a você que sei jogar D&D. Isso vai chegar a algum lugar?

Gimble ignorou o comentário de Phoebe. Estava ocupado demais explicando o plano.

— Só precisamos vigiar a delegacia e esperar até que o detetive Walker e o detetive Solano não estejam por lá.

— Ou a gente poderia ligar para a delegacia e descobrir se estão ou não de serviço — disse Phoebe.

— Ou fazemos isso — concordou Gimble, sem se abalar. — A questão é que vamos esperar até que os detetives não estejam, então entramos e dizemos que somos testemunhas para podermos obter mais informações sobre o caso.

— Já tentei isso, lembra? — O humor de Mulder estava piorando a cada minuto.

— Disse a eles que tinha informação, não que era uma *testemunha ocular* — corrigiu Gimble.

— E se não derem informação nenhuma? — perguntou Phoebe. — Detetives não têm o hábito de contar a potenciais testemunhas os detalhes de um caso.

Gimble tirou um dado de formato octogonal do bolso.

— Então passamos para a distração. Phoebe e eu vamos distrair o policial, o que vai dar a você a chance de olhar o arquivo do caso.

Não era a pior das ideias, e Mulder estava disposto a tentar qualquer coisa.

Phoebe franziu a testa.

— Por que preciso ajudar você a distrair a polícia?

Gimble ficou balançando dois dedos entre Phoebe e ele.

— Falamos a mesma língua, como Fonz e Pinky Tuscadero. Sabe?

Phoebe olhou para Mulder.

— Precisamos dele? Porque talvez eu acabe matando esse cara antes de chegarmos à delegacia.

— Não pode matar Gimble — disse Mulder quando levou Phoebe para fora da cozinha.

— Por que não?

Gimble saiu atrás dos dois.

— Estratégia Secreta 101 de Lorde Manhammer. Jamais mate o cara que montou o plano.

CAPÍTULO 11

Lado de fora da residência dos Mulder

22:30

X estava sentado no sedan preto, observando Fox Mulder e o grupinho de bobos alegres dele. Tinha uma boa visão da sala e da cozinha, graças às portas de vidro de correr na varanda. Não que importasse. X estava mais interessado no que os três jovens estavam dizendo, e algumas escutas estrategicamente colocadas no apartamento permitiam que ele ouvisse o que era falado. Infelizmente, não tinha como filtrar as conversas chatas, como aquela que tinham no momento.

Parecia que tinha sido horas atrás quando Fox e os amigos formularam um plano para voltar à delegacia, e desde então X estava preso ouvindo um monte de besteiras sobre um jogo idiota.

Ele quase se arrependia de ter colocado escutas no lugar.

A missão estava começando a parecer a versão da organização de limpar privadas. Noites como aquela faziam com que repensasse a decisão de recusar uma oferta de emprego na CIA dois anos antes.

Pelo menos as estações de rádio em Washington eram melhores do que aquelas na cidadezinha de onde vinha, um lugar que jamais planejava ver de novo. X aumentou o volume quando começou “September”, de Earth, Wind and Fire e fechou os olhos.

A porta do carona se abriu e X se sobressaltou.

— Dormindo em serviço? — perguntou o chefe, passando para o assento ao lado de X.

— Eu não estava dormindo.

— Durma em seu próprio tempo, e me dê um relatório. — Um cigarro Morley pendia do canto da boca do chefe. — O que Fox Mulder andou fazendo desde que o vimos pela última vez?

— Muito. — X se endireitou no banco. — O garoto é inteligente. Preciso admitir. Mais inteligente do que o departamento de polícia da cidade, isso é certo.

— Detalhes.

— Fox anda xeretando o caso de Billy Christian. O menino que encontraram morto na cripta.

— Sei qual é. — Fumaça preencheu o carro com cada palavra.

X não conseguia entender como o chefe conseguia fumar e conversar ao mesmo tempo sem deixar o cigarro cair da boca. Mas a avó de X costumava dizer: “O diabo tem seus truques.”

— Fox acha que há uma conexão ente os sequestros de Billy Christian e de Sarah Lowe. Ele alega que o menino Christian estava usando o pijama da menina quando o encontraram. Fox reparou em uma mancha peculiar.

— O menino tem memória fotográfica. É provável que esteja certo.

— Ele tentou contar aos detetives encarregados do caso, mas não foi bem recebido. Está planejando tentar de novo.

— Então Fox Mulder é inteligente e persistente? Duas qualidades que valorizo. — Um lampejo do que X quase considerava um sorriso repuxou o canto da boca do fumante. — Deixe que ele siga esse coelho até a toca. Dê uma ajudinha se ele precisar. Estou falando de um cutucão, X. Não um empurrão. Quero ver o quanto o menino é realmente inteligente.

— Entendido.

— Que bom. — O chefe abriu o maço de cigarros e tirou um de dentro. Ele entregou a X. — Você nunca fumou antes, não é?

— Nunca tive vontade.

O chefe enfiou o cigarro no bolso da camisa de X.

— Todo homem deveria experimentar um Morley ao menos uma vez na vida. Considere um presente. — Quando ele saiu do carro, parou e se virou para X. — E tente ficar acordado. O trabalho que estamos fazendo mudará o mundo, e você tem um assento na primeira fila. Se não tomar mais cuidado, vai perdê-lo.

Um calafrio percorreu a coluna de X. O fumante fechou a porta do carro e saiu caminhando para a escuridão, deixando o agente envolto em uma nuvem de fumaça.

O único rastro que o chefe dele deixava para trás.

CAPÍTULO 12

Residência dos Winchester

22:55

Mulder e Phoebe estavam sentados dentro do Gremlin sob um poste de rua diante da casa de Gimble, esperando que o garoto colocasse o Major para dormir, para que pudessem partir para a delegacia. Depois que os três formularam o plano, Mulder mal podia esperar para começar. Mas Gimble não era o entrave.

Phoebe ligara para a delegacia mais cedo para descobrir se os detetives Gordo e Magro estavam de serviço e se o turno deles não terminaria até às dez da noite. Mulder não podia arriscar esbarrar com eles de novo.

— Por que ele está demorando tanto? — Mulder batia com o polegar contra o volante.

— Não faço ideia — disse Phoebe, mudando as estações de rádio. Ela passou por Bee Gees e por Toto e se decidiu por “Renegade”, de Styx.

— Você é mesmo a mulher perfeita. — Mulder sorriu para ela.

— Eu sei.

A porta da frente de Gimble se escancarou e ele saiu correndo até a calçada e parou ao lado do carro. O Major surgiu à porta um segundo depois, segurando um esfregão em diagonal sobre o peito como se fosse uma arma de fogo.

— Volte para dentro de casa, Gary. Estamos em isolamento nível dois.

Gimble xingou baixinho, então se virou e gritou:

— Só vou avisar Mulder.

O Major se concentrou em Mulder.

— Precisa voltar para a base, piloto. Eles estão vindo. Em breve terão todos os ossos de que precisam.

Mulder colocou a mão para fora da janela e mostrou o polegar para o Major.

— Entendido, senhor.

— Quem está vindo? — Phoebe olhou em volta.

— Os alienígenas. — Gimble soou exasperado.

— O pai dele é adepto de teorias da conspiração — explicou Mulder.

— Isso eu saquei. Obrigada. — Phoebe inclinou o pescoço para observar melhor o Major.

— Ele está mais agitado do que o normal — explicou Gimble. — A polícia encontrou o corpo do senhorio de um cortiço no sudoeste da cidade. Está em todos os jornais. O Major o chama de a “vítima número cinco”, e quer que eu descubra se algum osso do homem estava faltando, embora o jornal venha relatando que ele se enforcou com um fio de telefone.

— Por que seu pai iria querer saber se está faltando algum osso do homem? — perguntou Phoebe.

— Ele acompanha crimes e outras coisas estranhas — disse Gimble. — Há uns dois meses, leu um artigo sobre uma mulher que prostituía garotas da nossa idade. A polícia encontrou o corpo da mulher em uma lixeira, e ela estava sem a mão. O Major se convenceu de que isso significava alguma coisa. Então um psiquiatra cometeu suicídio, e o Major descobriu que o cara não tinha um osso no pé. E é assim que nascem teorias da conspiração.

— Qual é a teoria? — Phoebe não conseguiu se impedir de perguntar. Também tinha uma pequena tendência ao assunto.

— Quer mesmo saber? Porque me sinto idiota dizendo em voz alta. — Gimble tirou o cabelo dos olhos para evitar olhar para Phoebe.

— Sim. — Ela deu a Gimble um sorriso de empatia. — E não deveria se sentir idiota.

— Vamos ver se vai repetir isso daqui a um minuto. — Ele suspirou. — O Major acha que alienígenas estão montando um ciborgue com um esqueleto humano.

Phoebe não piscou.

— Acha que ele sabe a verdade sobre Elvis?

— Engraçadinha. — Gimble tentou parecer irritado, mas a quedinha crescente por Phoebe venceu e o garoto não conseguiu.

— Ela não está brincando — falou Mulder. — Acha que Elvis está vivo, morando em alguma cidadezinha em algum lugar, trabalhando em uma cadeia de fast-food fritando hambúrgueres.

— Claro que não. O Rei não frita hambúrgueres. Está em uma lanchonete fazendo sanduíches de manteiga de amendoim com banana durante o dia e dando aulas de guitarra para crianças nos finais de semana. — Phoebe acenou para o Major, que respondeu esticando o corpo. — Eu adoraria ouvir a versão de seu pai.

— Gary William Winchester! Reporte-se ao seu oficial superior imediatamente! — rugiu o Major.

— Já vou, um minuto! — gritou Gimble, tão alto que alguém acendeu uma luz na casa ao lado. Então ele se voltou para os amigos. — Não posso ir para a delegacia com vocês. O Major vai ficar acordado a noite inteira acrescentando besteiras ao mapa idiota e operando o telescópio para o caso de uma invasão alienígena.

— Tudo bem. Precisa cuidar do seu pai, e tenho Phoebe para me ajudar. — Mulder sentiu pena do amigo. O Major parecia ser muita responsabilidade.

— Apareçam se encontrarem alguma coisa. Não vou dormir esta noite. — Gimble bateu no teto do carro laranja. — Boa sorte.

Mulder afastou o carro do meio-fio.

— Vamos precisar de muito mais do que sorte.



Phoebe parou Mulder do lado de fora da porta da delegacia.

— Esqueça a distração. Entramos os dois e dizemos que achamos que vimos algo na noite em que Billy sumiu. Com sorte, um de nós terá a chance de ver o arquivo do caso ou algumas anotações.

— Por mim, pode ser — disse Mulder quando entraram.

Havia um motivo pelo qual ele sempre seguia as ideias de Phoebe. Se ela fizesse um daqueles testes vocacionais, o resultado da garota seria *gênia do crime*.

Do lado de dentro, a delegacia era menos intimidadora do que parecera na noite anterior. Menos pessoas estavam algemadas às mesas, e ninguém estava de pé sobre elas, quebrando os pulsos para se livrar das algemas. A maioria dos policiais estava à paisana, com os distintivos pendurados no pescoço ou preso aos cintos.

— Isso é muito mais real do que eu esperava — sussurrou Phoebe.

— Está ficando com medo?

Ela socou o braço de Mulder.

— Não. E você?

Um policial uniformizado com costeletas grisalhas se aproximou deles.

— Precisam de ajuda?

Phoebe deu um passo à frente sem hesitar.

— Estamos aqui pelo caso de Billy Christian, o menino que encontraram morto no cemitério Rock Creek. A gente estava no bairro na noite em que ele sumiu.

— Viram algo? — O policial olhou de um para outro.

Mulder assumiu.

— Achamos que sim.

— Os detetives encarregados do caso não estão de serviço. Vou ver quem mais está aqui. — O policial olhou em volta e viu um rapaz com cabelos castanhos usando calça jeans e uma camiseta de *Battlestar Galactica*. — Racca, preciso que pegue um depoimento — gritou o policial para ele. — Esses dois podem ter informações relacionadas ao caso Christian.

— Estou de saída. — Racca pareceu irritado.

— Isso vai levar só um minuto — disse o policial mais velho, gesticulando para que o outro se aproximasse.

— Ele não parece ter idade para ser policial — sussurrou Phoebe.

Mulder estava pensando o mesmo.

Então Phoebe reparou na camisa do cara e cerrou os dentes.

— Traidor.

Mulder tentou não rir.

— Algumas pessoas gostam tanto de *Jornada nas Estrelas* quanto de *Battlestar Galactica*.

— É um ou outro — disse Phoebe.

Racca se aproximou do outro policial e gesticulou na direção da porta.

— Eu queria poder ajudar. Mas, como eu disse, estou de saída.

— Não, *Derek*. Você *estava* de saída. — O policial mais velho entregou um lápis a Racca. — E agora vai ficar. Viu como funciona?

Ai.

Mulder se sentiu mal pelo cara.

Satisfeito por ter se feito entender, o policial mais velho saiu, deixando Mulder e Phoebe com a tarefa desconfortável de decidir se deveriam puxar conversa.

— Venham para os fundos — disse o policial Racca antes que Mulder pensasse em algo para dizer. Ele os levou na direção de um aglomerado de mesas do lado oposto da sala. O policial pegou uma cadeira solitária e a arrastou até uma mesa cheia de pilhas tortas de arquivos. Racca virou a cadeira e a colocou ao lado de outra diante da mesa, então gesticulou para as cadeiras vazias. — Sentem.

Phoebe se sentou ao lado de Mulder, brincando com o cabelo que despontava dos coques.

O policial Racca se sentou à mesa, e a dançarina de hula de plástico ao lado do telefone dele se agitou. Depois de empurrar a montanha de pastas de papelão, Racca pegou um bloquinho e abriu em uma página em branco.

— Então, o que têm para me contar?

— Vimos um homem perambulando por Blue Hill na noite em que Billy Christian foi sequestrado — explicou Phoebe.

— Vocês dois moram por lá?

— Sim, senhor — falou Mulder, observando o policial anotar algo no bloquinho.

— A que horas? — perguntou o policial.

— Por volta das oito e meia. — Phoebe não parecia nada nervosa.

Ele anotou a informação.

— Vou pegar seus nomes.

— Ellen Presley e Will Kirk — disse a garota, sem sequer um indício de sorriso. Provavelmente era a única chance de Phoebe de ter o mesmo sobrenome de Elvis.

Mas Will Kirk? Phoebe estava colocando bastante fé na teoria do "um ou outro" com relação a *Jornada nas Estrelas* contra *Battlestar Galactica*. Mulder torcia para que o policial Racca não fosse um *trekkie*.

— O homem que viram… Podem descrevê-lo? — O policial não tirou os olhos do bloquinho.

Mulder observou a sala. Ele reparou em um corredor à esquerda. Talvez a polícia mantivesse arquivos e evidências lá embaixo?

Phoebe acompanhou o olhar dele.

— Na verdade, olhei bem para o homem — disse ela. — Tinha sua altura, ou era um pouco mais alto.

— Desculpe, policial Racca, mas posso usar o banheiro? — perguntou Mulder.

Racca apontou com a ponta do lápis.

— No final daquele corredor. Não tem como errar.

Enquanto Mulder saiu andando, Phoebe retomou de onde tinha parado.

— Como eu dizia, o homem tinha mais ou menos sua altura…

Mulder passou por dois policiais curvados sobre uma revista de carros em uma das mesas. Ele olhou direto para a frente com o coração acelerado. Parecia que todos na delegacia sabiam que ele estava armando alguma coisa.

No corredor, as lâmpadas fluorescentes do teto o fizeram se sentir mais exposto. De relance, Mulder viu alguém vindo em sua direção — um homem alto com penteado afro e um bigode volumoso, usando calça preta e uma camisa social cinza de tecido lustroso. Mulder não conseguiu ver o distintivo, mas tinha um aspecto estiloso de policial infiltrado.

— Procurando o banheiro? — perguntou o homem a Mulder. — Quarta porta à direita.

— Obrigado. — Todas as salas por que Mulder passou não tinham sinalização, e nenhuma delas tinha janelas nas portas, então ele não sabia dizer se estavam vazias. A última coisa que queria fazer era abrir a porta errada e surpreender um bando de policiais.

O banheiro era um bom lugar para planejar o próximo passo. Mulder acompanhou a curva do corredor até a quarta porta à direita, a qual não tinha sinalização, como as demais.

Assim que abriu a porta, Mulder percebeu que não estava no banheiro. Estava de pé no que parecia uma sala de operações — o lugar em que Solano e Walker tinham exposto as pistas e as evidências relacionadas ao caso de Billy Christian. Fotos de Billy, dos pais, da casa da família e da sala de estar — o último lugar em que o menino foi visto vivo — estavam presas à parede junto com arquivos e bilhetes escritos à mão.

Uma das fotos da cena do crime chamou a atenção de Mulder. Era uma foto do corpo — Billy usando o pijama de Sarah; o pássaro preto e branco, uma pega, de acordo com a etiqueta ao lado dele, com oito flechas despontando do corpo. Uma imagem de close revelou algo que Mulder não tinha visto antes. Uma pedra preta iridescente repousava nas mãos em concha da criança, com a etiqueta NUUMITA: ROCHA METAMÓRFICA.

Tudo nas paredes apontava para ocultismo.

E para um assassino em série.

O som de passos no corredor sobressaltou Mulder. Ele não podia ficar ali muito tempo. Observou as anotações dos detetives e os arquivos copiados na parede, sabendo que se lembraria deles depois. Palavras e frases saltavam para Mulder: *pega, ritualístico, resultados da toxicologia, flechas entalhadas de ossos humanos*.

Mulder encarou a última frase como se estivesse escrita em uma língua estrangeira.

Ossos humanos.

DISTRITO DE COLUMBIA

THOMAS SIXBEY, M.D.

MÉDICO-LEGISTA-CHEFE

RELATÓRIO DO CASO

Nº 86-431
Christian, Billy Barlow

A investigação na cena do crime incluiu as seguintes pessoas:

A vítima é do sexo masculino, 8 anos, identificada como Billy Barlow Christian, que foi dado como desaparecido em 22 de março de 1979. De acordo com a mãe da vítima, a criança desapareceu de casa, no quadrante nordeste de Washington, DC. Mãe relatou deixar o filho sozinho na sala enquanto atendia ao telefone. Quando

retornou, o filho tinha desaparecido, e a porta da frente estava aberta (Caso #22-915).

O corpo da vítima foi descoberto em 31 de março de 1979 às 9:09 a.m. no cemitério Rock Creek, dentro de um mausoléu (túmulo #1861). A vítima usava um pijama com pés (mãe observou que não pertencia à vítima), e o corpo foi arrumado em uma cama de pétalas de rosa mortas (brancas), de uma forma ritualística. As mãos estavam em concha, e ele segurava uma pedra preta (identificada como nuumita, mineral nativo da Groenlândia). Um pequeno pássaro preto e branco estava deitado no peito da criança. O legista identificou o pássaro como uma pega. O corpo da ave foi perfurado por oito flechas, dispostas em um padrão radial simétrico.

Evidências coletadas na cena do crime incluíram os seguintes itens:

1 pijama tamanho 8 com pés, branco com estampa de elefantes cinza e roupa íntima de menino tamanho 6

3 sacos de pétalas de rosa mortas

1 pedra preta iridescente identificada como o mineral nuumita, mais ou menos do tamanho de uma bola de golfe

1 pássaro (pega) morto

8 flechas entalhadas à mão

INVESTIGADOR: Edward Kurz DATA: 31 de março de 1979

BRANCO – Arquivo AMARELO – Toxicologia ROSA – Investigações

DISTRITO DE COLUMBIA

THOMAS SIXBEY, M.D.

MÉDICO-LEGISTA-CHEFE

RELATÓRIO DA AUTÓPSIA

Realizei uma autópsia no corpo de => Nº 86-5011
CHRISTIAN,
BILLY BARLOW

no DEPARTAMENTO DO MÉDICO-LEGISTA-CHEFE, DISTRITO DE COLUMBIA, em 1º DE ABRIL DE 1979 (DATA) ÀS 11:00 HORAS (HORA)

De acordo com as descobertas anatômicas e o histórico pertinente, atribuo a morte a:
PARADA CARDÍACA
ENVENENAMENTO POR ACONITINA
Outras condições importantes: N/A

Resumo anatômico:

Manchas no interior dos antebraços, com padrão visível de pinceladas

Marcas de ligadura nos dois pulsos

Altos níveis de alcaloides no fígado

Bexiga distendida consistente com a toxicidade

Hora estimada da morte é entre 00:00
e 2:00 em 30 de março de 1979.

Em exame inicial na cena, o corpo estava rígido, indicando *rigor mortis*. Nenhum corte visível, hematomas ou outra evidência de ferimentos, mas leves marcas de ligadura foram observadas nos dois pulsos.

Resultados preliminares da toxicologia:

Vítima absorveu uma dose letal do alcaloide aconitina, por meio da derme. Aconitina é uma toxina que ocorre naturalmente na planta Aconitum napellus (acônito), nativa da América do Norte. Manchas e padrões de manchas nos antebraços da vítima indicam que uma pasta feita de folhas de acônito foi pintada diretamente na pele da vítima. O sedativo Rivotril também estava presente em amostras.

Observações forenses:

Carcaça de pássaro:

Uma carcaça de pássaro foi encontrada com o corpo da vítima. A espécie foi identificada como uma pega macho do holártico, pesando 482 gramas, com penas pretas e brancas.

A carcaça do animal foi perfurada com oito flechas de aproximadamente 0,6 centímetros de diâmetro, organizadas em um padrão radial.

As flechas foram entalhadas com ossos humanos, pertencentes a adultos.

OPINIÃO:

Billy Barlow Christian, um menino branco, de oito anos, morreu de parada cardíaca causada por ENVENENAMENTO AGUDO POR ACONITINA.

1º DE ABRIL DE 1979

THOMAS SIXBEY, M.D.
MÉDICO-LEGISTA-CHEFE

Seguem observações de exame interno e externo.

CAPÍTULO 13

Dupont Circle

2 de abril, 00:21

— O que aconteceu lá dentro, Fox? Está me assustando — disse Phoebe, atrás do volante do Gremlin.

Mulder conseguira sinalizar para a amiga do corredor antes de disparar para fora da delegacia. Depois do que vira, de jeito nenhum poderia ter feito a parte dele na atuação para o policial Racca.

Phoebe bateu a palma da mão no volante.

— Fale comigo. Por que está tão apavorado? — Ela olhou para as ruas desconhecidas. — E para onde eu vou?

— Não tenho certeza. Apenas dirija. — A voz de Mulder parecia trêmula. — Abri a porta achando que era o banheiro, e as evidências estavam presas à parede. Fotos da cena do crime de Billy, com o pássaro morto no peito. Uma etiqueta dizia que era uma pega.

Phoebe acompanhou Dupont Circle e pegou a saída da Massachusetts Avenue.

— Sinto muito que tenha visto aquelas fotos.

— As fotografias de close eram as piores. No cemitério, não tive muito tempo de olhar para ele. — Mulder esfregou os olhos, desejando poder esquecer algumas das imagens. — Havia outras coisas também. Anotações, fotografias da sala de Billy e um relatório de autópsia. Ele foi envenenado.

— Por isso você ficou tão assustado?

Phoebe observou Mulder pela visão periférica. Ela o conhecia bem demais para que o amigo escondesse algo dela, e Mulder não queria esconder. Mas estava tendo dificuldades em dizer em voz alta. A ideia de que estava investigando um assassino em série era uma coisa. Saber o quanto aquela pessoa era realmente doentia levava a situação para outro nível.

— As flechas que saíam do pássaro não eram feitas de madeira. — Mulder hesitou.

— Tudo bem. Vai me dizer do que eram feitas?

Ele indicou o meio-fio.

— Pare.

Phoebe encontrou uma vaga e estacionou.

— Isso é realmente necessário? Eu me dou bem sob pressão.

— Ossos — disparou Mulder.

— O quê?

— As flechas eram feitas de ossos humanos.

Phoebe o encarou de olhos arregalados.

— Elas não eram de Billy…?

Phoebe tapou a boca com a mão.

Mulder pegou a mão da amiga e entrelaçou os dedos nos dela.

— Não. Eram ossos de adultos.

— Só um psicopata faria esse tipo de coisa…

Mulder ouviu o medo na voz de Phoebe.

— Agora você é especialista em psicopatas? — provocou ele.

— Eu li seus livros de assassinato. Lembra? — Os ombros de Phoebe relaxaram um pouco. — Aonde acha que o assassino está conseguindo os ossos?

— No necrotério, se eu fosse chutar? Caso contrário, alguém repararia. — A cabeça de Mulder zunia, quase como se ele conseguisse sentir as sinapses sendo feitas no cérebro conforme os pensamentos se formavam. Mulder aprumou o corpo no banco do carro. — Comece a dirigir. Precisamos ir para a casa de Gimble.

— Primeiro foi *pare*. Agora é *dirija*. Está ciente de que tem um problema em tomar decisões? — Mas Phoebe pisou no acelerador e levou o carro de volta para a Massachusetts Avenue. — Fox? Isso foi uma piada. O que está acontecendo em sua cabeça? Pense em voz alta.

É apenas uma intuição…

— E se o Major não for tão louco quanto todos pensam?



Mulder bateu na porta de Gimble durante cinco minutos antes de ouvir alguém arrastando os pés do lado de dentro.

— Devem estar dormindo. — Phoebe estava no meio dos degraus de tijolos que davam na casa.

— Todas as luzes estão acesas no andar de cima. — Mulder apontou para as janelas do segundo andar. — E ouvi alguma coisa.

As trancas clicaram, uma a uma, e Gimble colocou a cabeça para fora.

— Não abra! — gritou o Major de algum lugar atrás dele.

— É só o Mulder! — gritou Gimble de volta com toda força. — Ele tem credenciamento, lembra?

— Desculpe vir tão tarde — disse Mulder. — Mas você disse que ficaria acordado a noite toda.

— Ele viu as fotos da cena do crime — acrescentou Phoebe.

Gimble abriu um pouco mais a porta.

— Entrem e me digam o que perdi. E ignorem o Major. Está tendo uma noite difícil.

Mulder e Phoebe se sentaram no sofá e Mulder contou a história pela segunda vez, enquanto Gimble se sentou na beira da poltrona reclinável, atento a cada palavra. O Major ficou na janela, com um esfregão apoiado no ombro como um rifle, observando a rua — caso tivessem sido seguidos.

— Flechas feitas de ossos? — Gimble estremeceu. — Que nojo.

O Major estava falando consigo mesmo.

— Se alguém tentar passar por aquela porta vai descobrir de que são feitos os soldados do 128º Esquadrão de Reconhecimento. Guardem minhas palavras.

Mulder se inclinou sobre o braço do sofá e abaixou a voz.

— Antes de irmos para a delegacia, você disse que o Major acha que alienígenas estão fazendo um ciborgue porque algumas das vítimas no mapa dele tinham ossos faltando.

— Não *algumas* delas. — O pai de Gimble estava subitamente de pé atrás do sofá em que Mulder e Phoebe estavam sentados. — Todas.

— Precisa se aproximar de fininho de todo mundo? — perguntou Gimble, frustrado.

O Major ergueu o queixo com o esfregão cinza apoiado no ombro.

— Pode tirar o homem da Força Aérea, mas não pode tirar a Força Aérea do homem.

— Você se importaria em me mostrar seu mapa de novo, senhor? — perguntou Mulder.

— Tem sorte por ser credenciado, piloto. — O Major deu um aceno curto de cabeça para Mulder.

Quando Phoebe se levantou, o Major parou subitamente.

— Não tão rápido, mocinha. Creio que você vá precisar ficar aqui.

— Por quê? Porque sou menina? — Phoebe semicerrou os olhos e apoiou as mãos no quadril. Os coques dela tinham se soltado e agora estava usando duas marias-chiquinhas, mas ainda parecia assustadora. — Falo três idiomas, além de élfico, e conheço código Morse. Poderia ter me formado no ensino médio aos 15 anos, mas não queria ir para o MIT antes de tirar minha carteira de motorista.

O Major abriu a boca para dizer algo, mas Phoebe o interrompeu.

— Também estou disposta a apostar que sou a única pessoa nesta sala, além de você, que sabe consertar um transceptor HT como aquele que tem ali. — Phoebe apontou para o rádio de comunicação de duas vias em cima da televisão. — E ganhei o Prêmio de Ciências do Ensino Médio do Estado de Massachusetts por dois anos seguidos ao demonstrar como o telescópio Big Ear, na Universidade do Estado de Ohio, interceptava o sinal Wow!, e por um protótipo que desenhei usando robótica aplicada.

— Ela está falando sério? — perguntou Gimble a Mulder.

A cabeça de Phoebe se voltou na direção de Gimble.

— Sério como um operador de reator nuclear.

— Não me importa se você é homem, mulher ou urso-cinzento — disse o Major. — Não tem credenciamento de segurança, e ninguém tem acesso aos meus dados sem credenciamento.

Gimble fingiu bater a cabeça na parede.

— Então, como consigo credenciamento? — perguntou ela.

O Major apoiou o esfregão.

— Precisa decifrar um código, e nada dessas coisas fáceis.

— Talvez ela possa responder a umas perguntas em vez disso? — sugeriu Mulder.

— Não é assim que comando minha unidade. — O Major marchou até as prateleiras diante do sofá e voltou com uma caixa

de metal. — Decifre isto e lhe darei credenciamento.

— O que tem ali? — perguntou Mulder a Gimble.

Ele deu de ombros.

— Não faço ideia.

Phoebe pegou a caixa e abriu. Ela fez uma careta e deu um olhar estranho aos amigos. Então virou a caixa e ergueu um objeto que todos reconheceram.

— Um cubo mágico?

— É o único código que os alienígenas não podem decifrar — disse o Major, com orgulho, como se tivesse feito a descoberta mais significativa do século XX.

— Se chama Cubo Mágico. Ainda nem está à venda nos Estados Unidos. — Gimble fez uma careta para o pai. — Eu disse para não entrar no meu quarto.

— E você conseguiu isso com o contato de quem? — O Major semicerrou os olhos e apontou para Gimble como um sargento de treinamento. — Vire homem, piloto, e apoie sua unidade.

Gimble cruzou os braços e tirou os cabelos dos olhos.

— Quero de volta quando ela acabar.

— Todos os quadrados de cada lado têm que ter a mesma cor — explicou o Major, virando-se para Phoebe. Mas a garota já estava girando o cubo.

— Assim? — Ela ergueu o cubo, cada lado separado por cor. Então atirou o objeto para o Major, que apenas encarou Phoebe boquiaberto. — Agora vamos ver aquela parede.

Depois que o Major se recuperou do choque, ele os levou até o mapa, ao qual acrescentara um novo alfinete na área do sudoeste de Washington.

— A mulher que prostituía aquelas pobres meninas inocentes foi o primeiro alvo — disse o Major. — Estava sem a mão.

— Era uma cafetina, uma *madame* — disse Gimble ao pai. — Conversamos sobre isso.

O Major franziu a testa.

— As pessoas chamavam minha avó de “madame”. Não insultarei a memória dela ao me referir àquela mulher cruel da mesma forma.

Gimble sacudiu a cabeça.

— Desisto.

O pai dele apontou para o recorte de jornal.

— É o que diz aqui. Terceiro parágrafo.

— O que diz? — perguntou Phoebe, inclinando o pescoço para olhar melhor.

— O corpo da vítima foi mutilado, a mão direita foi decepada no pulso — leu Mulder. — E a mão dela jamais foi encontrada. De acordo com uma testemunha na cena do crime, havia sangue por todo lugar, e ossos estavam espalhados pelo beco inteiro.

— Os alienígenas os espalharam depois de matarem, para que ninguém reparasse no osso faltando — explicou o Major.

O artigo confirmou a versão dele da história, exceto pela parte sobre alienígenas. Não exatamente a prova que Mulder estava esperando, mas o Major estava apenas começando.

— A vítima número dois foi o médico. Ele quase passou despercebido por mim.

— Mas não tinha um osso faltando — observou Mulder.

— Foi o que achei também. Até que contatei minha fonte no necrotério.

— Sua o quê? — disparou Phoebe.

— Instalei um membro da minha unidade no necrotério do condado, e ele tem amigos na mesma profissão.

Gimble suspirou alto.

— O que ele *quer dizer* é que um dos caras no fórum de conspirações dele por acaso trabalha lá. O nome dele é Sergio, e quando não está verificando corpos em busca de ossos perdidos, mora no porão da mãe.

O Major lançou um olhar duro para Gimble.

— Jamais julgue um homem pelo tamanho da conta bancária dele ou pelo lugar em que pendura o uniforme. Sergio arrisca a vida pela missão. Se os alienígenas descobrissem que está fornecendo informações que poderiam expor o plano deles, o matariam.

Gimble ignorou o pai.

— O psiquiatra não tinha um osso no pé.

— O segundo cuneiforme — acrescentou o Major.

— Sergio escreveu os resultados do relatório da autópsia palavra por palavra no saco de papel em que vieram o hambúrguer e as

fritas dele naquele dia — falou Gimble. — E mandou para a caixa postal do Major.

Mulder deu de ombros.

— Parece bem oficial para mim.

— Então o psiquiatra é um forte *talvez* — disse Phoebe.

O Major forneceu a eles os detalhes de outros cidadãos menos ilustres — um cara que vendia destilados artesanais no bosque e estava sem muitos ossos depois que foi supostamente atacado por animais selvagens, um traficante de drogas que estava sem um pedaço do maxilar depois de ter sido espancado até a morte (de acordo com o jornal), e um agenciador de apostas ao qual faltava um osso no braço (de acordo com Sergio).

Mulder sabia que o pai de Gimble não era alguém que a maioria das pessoas consideraria uma fonte confiável, mas o homem passava todos os dias entocado na casa, vasculhando jornais e telejornais, procurando conexões e padrões.

— E isso nos traz ao senhorio do cortiço, que supostamente se enforcou com um fio de telefone — disse o Major. — Os alienígenas levaram o dedo dele.

Phoebe se espremeu para passar por Mulder e poder ler o artigo.

— Este aqui é legítimo, com certeza. A polícia presumiu que um inquilino insatisfeito cortou fora.

— Mas o cara se enforcou — disse Mulder.

— É isso que os alienígenas querem que você pense.

O Major tirou algo do meio de uma pilha de papéis no chão e entregou a Mulder. Uma fotografia em preto e branco da cena do crime. Gimble percebeu o que Mulder estava segurando e se virou para o pai.

— Onde conseguiu isso?

— Sergio pegou no escritório do legista quando foi enviado pelo necrotério para buscar o corpo.

— Você e Sergio poderiam se meter em problemas sérios por fazer isso — avisou Gimble.

O Major riu com escárnio.

— Estamos em guerra com extraterrestres. Acha que tenho medo da polícia?

Mulder observou a foto cinzenta do homem pendurado no ventilador de teto.

— O que estou procurando, senhor?

— Já ancorou um barco, piloto? — perguntou o Major.

— Hã… não, senhor.

— Aposto que o homem pendurado naquele fio de telefone em seu apartamento de cidade grande também não.

Gimble se aproximou, subitamente interessado.

— O que quer dizer com isso? — Era a primeira vez que Mulder o viu levar o pai a sério.

O Major apontou para o nó acima do laço.

— Esse é um nó de pescador. Marinheiros usam para mastrear.

Gimble encarou o pai impressionado. Mulder e Phoebe também estavam chocados.

— Também fiquei bem surpreso quando vi — continuou o Major. — Teria esperado que alienígenas escolhessem algo mais simples, como um bom e velho nó de forca.

— Talvez você possa dar umas aulas a eles — falou Gimble. — Pode aproveitar e ensinar a fazer macarrão com queijo.

Mulder se desligou de todos e estudou a parede — fórmulas moleculares e sequências geométricas, ao lado de um cupom para limpeza de tapete e uma mensagem secreta que o Major tinha "decodificado" no verso de uma caixa de cereal. O mapa de um teórico da conspiração e o conhecimento extensivo dele sobre nós de marinheiro não seria prova o suficiente para a polícia.

Mulder sacudiu a cabeça, frustrado.

— Jamais convenceremos os detetives de que quem quer que tenha assassinado as pessoas na parede do Major é o mesmo homem que matou Billy.

— O que faz você ter tanta certeza de que o assassino é um homem? — Phoebe nunca deixava passar uma chance de desafiá-lo. Era uma das coisas que Mulder mais gostava nela.

— Houve apenas seis assassinas em série nos Estados Unidos. Eu pesquisei — replicou Mulder. — Eu estava seguindo as probabilidades.

— Seis que foram *pegas* — Phoebe não resistiu a acrescentar. — Mas não tenho tanta certeza de que é a mesma pessoa. De acordo

com seus livros de assassinato, assassinos em série não costumam mudar o tipo de vítima que selecionam da noite para o dia e passam de sequestrar crianças e enfiá-las em criptas para assassinar adultos e roubar os ossos deles.

Phoebe estava certa.

Mulder percorreu mentalmente o que sabia sobre assassinos em série, o que se estendia além do que tinha aprendido em *The Meaning of Murder*. Depois que Samantha sumiu, pesquisar crime e psicologia se tornou meio que um hobby esquisito. Naquela época, ele não pensara muito no quanto era estranho. Apenas acrescentou isso à lista crescente de interesses — New York Knicks e basquete, *Jornada nas Estrelas* e o programa espacial da NASA, Farrah Fawcett e a Mulher-Maravilha, e sequestradores e assassinos em série.

Inicialmente, Mulder estava concentrado — ou *obcecado*, como dizia Phoebe — em sequestradores. Mas assassinos em série, como David Berkowitz (conhecido como Son of Sam), John Wayne Gacy e Ted Bundy estavam em todos os noticiários havia anos, e com a memória de Mulder, as coisas se fixavam.

— Talvez o assassino não esteja mudando a vitimologia — disse Mulder, pensando em voz alta. — Se as flechas são parte da assinatura dele, então precisa obter os ossos em algum lugar.

Phoebe fez que sim com a cabeça, como se entendesse o que ele queria dizer, mas Gimble estava confuso.

— Como assim, *assinatura*?

— É como um cartão de visitas, algo único que o assassino deixa para trás na cena do crime — explicou Mulder. Gimble encarou o amigo, inexpressivo, então Mulder deu um exemplo. — Depois que o Estrangulador de Boston assassinava as vítimas dele, pegava o que tivesse usado para estrangular a pessoa e amarrava em um laço em volta do pescoço do cadáver.

— Como os ossos faltando — disse o Major, continuando do fim da conversa. — Essa é a assinatura dos alienígenas.

— Obrigado pelo comentário, Major. — Gimble inclinou o pescoço e olhou pela janela, com um objetivo óbvio. — É seguro deixar aquele posto sem vigia?

O olhar do Major foi até a janela.

— Não se preocupe, piloto. Estou de olho. — Mas a paranoia do homem venceu um momento depois, e ele marchou de volta para a janela.

Phoebe sacudiu a cabeça para Gimble.

— Isso foi maldade.

— Diga isso depois de passar 24 horas com ele — falou Gimble, então se virou para Mulder. — Mesmo que seja parte da assinatura, esfaquear um pássaro com qualquer coisa, então fazer um símbolo com o corpo morto dele parece parte de um ritual satânico.

— É tão doentio. — Phoebe envolveu o corpo com os braços e estremeceu.

— E os restos mortais de Billy Christian foram encontrados em uma cripta — acrescentou Mulder.

— Não se esqueça da pedra da múmia — lembrou Gimble.

— Se chama *nuumita* — disparou Phoebe, subitamente nervosa.

Ela não é a única, pensou Mulder.

Entrar na sala errada na delegacia e dar uma olhada nas fotografias e nos relatórios tinha sido pura sorte, Mulder sabia disso. Ainda havia tantas partes faltando.

— Precisamos de mais informações sobre a pedra e o veneno. A gente devia ir para a biblioteca amanhã de manhã e ver o que mais podemos descobrir.

O som de passos e um farfalhar atraíram a atenção de todos. O Major tinha deixado o posto na janela e disparava pela sala, abrindo caixas e tirando livros das prateleiras.

— Ele está bem? — perguntou Mulder.

Gimble suspirou.

— A conversa sobre ocultismo deve tê-lo deixado agitado.

O Major correu para a poltrona reclinável e ergueu a almofada. Ele voltou agarrado a um exemplar de *A espada diabólica* na altura do peito como se fosse um ursinho de pelúcia.

— A raça humana violou os princípios da Lei e perturbou o Equilíbrio Cósmico. Por isso os alienígenas nos escolheram para ser as cobaias deles, e não vão parar até alcançarem a meta. — O Major apontou para uma cadeia de DNA desenhada na parede. — Os alienígenas querem fazer experimentos em nós, e manipular e

distorcer nosso código genético. Até que o equilíbrio cósmico seja restaurado, estamos à mercê deles.

— Tudo bem, hora de deitar. Ninguém quer nosso DNA — falou Gimble, guiando o pai na direção da escada. — Precisa descansar.

— Precisamos ir. Acho que deixamos o Major agitado — sussurrou Phoebe para Mulder, então se dirigiu à porta.

— Tudo bem. — Mulder olhou mais uma vez para a colagem mórbida do Major antes de segui-la.

O Major desviou para a frente de Phoebe, bloqueando o caminho dela.

— Leve isto. — Ele jogou a cópia de *A espada diabólica* para a garota.

— Não posso… — começou Phoebe.

— Apenas leve. — Gimble bocejou e esfregou os olhos. Ele parecia exausto. — Não vai deixar que saia sem o livro.

Phoebe aceitou a edição surrada.

— Obrigada.

— As coisas nem sempre são o que parecem. — O Major encarou Phoebe com a expressão sombria. — Um habilidoso titereiro de fantoches jamais permite que você veja as cordas.

CAPÍTULO 14

Residência dos Mulder

2:03

Phoebe falou sem parar durante toda a viagem de volta ao apartamento de Mulder, organizando e reorganizando as informações que tinham descoberto.

— Estou dando a você permissão para debochar de mim depois que eu disser isso, porque é o tipo de coisa que as pessoas falam em filmes de terror ruins. Mas mesmo assim preciso dizer.

— Vá em frente.

O que quer que ela estivesse prestes a dizer a Mulder, não poderia ser pior do que a devastação mental na cabeça dele.

— Tenho uma sensação ruim a respeito disso. Pronto, falei.

— Se sente melhor?

— Não. — Phoebe abraçou os joelhos, equilibrando na beira do assento os saltos de madeira das sandálias Dr. Scholl. — A pessoa que matou Billy é um desgraçado doentio, mas também é cruel. Cruel tipo Charles Manson e Son of Sam.

— Talvez você devesse parar de ler meus livros de assassinato. — Mulder olhou para Phoebe. — Eles vão te fazer ter pesadelos.

— Então por que você lê? — Phoebe entendeu imediatamente. — Porque você não dorme.

Mulder parou o carro e sorriu para a amiga.

— Você é bem inteligente para…

— Para *o quê?* — Phoebe semicerrou os olhos.

— Para alguém que acredita que Elvis ainda está vivo, fazendo sanduíches em uma lanchonete.

— Está tentando me distrair porque acha que estou com medo. — Phoebe saiu do carro e ficou um passo à frente de Mulder enquanto eles seguiram para o apartamento.

— Não é isso. — Mulder tentou explicar a Phoebe, mas ela o ignorou. Ele parou à porta e olhou para a amiga. — Não é você que estou tentando distrair.

— Fox…

O telefone tocou dentro do apartamento e Mulder se atrapalhou com as chaves da casa.

— Quem está ligando tão tarde? Seu pai?

— Ele quase nunca liga. — Quando Mulder finalmente abriu a porta, correu até a cozinha e tirou o telefone do gancho. — Alô?

— Fox? — gritou a mãe dele, como costumava fazer quando Mulder saía de perto dela no supermercado.

— Mãe? Você está bem? — O estômago de Mulder se revirou.

Ela caiu em lágrimas.

— Onde você estava? É de madrugada.

— Eu estava na casa do meu amigo, Gimble. — Mulder não a lembrou de que tinha quase 18 anos.

— Eu achei… — A mulher fungou e Mulder sentiu um aperto no peito. — Achei que tivesse perdido você também.

Ele engoliu em seco o nó gigantesco que se formou na garganta.

— Estou bem, mãe. Você não vai me perder. Phoebe está na cidade, lembra? Eu estava apresentando ela ao meu amigo, só isso.

A mãe de Mulder assoou o nariz do outro lado da linha.

— Estou agindo de forma ridícula. Nem é tão tarde assim para você. Tentei ligar para seu pai, mas ele está *indisponível*.

Mulder encostou o braço na parede e apoiou a testa na dobra do braço.

— Papai está sempre indisponível. Você sabe disso.

Phoebe tocou o braço de Mulder, uma demonstração silenciosa de apoio.

— Está certo. — A mãe de Mulder parecia ser ela mesma de novo. — Eu só preciso dormir um pouco.

— Desculpe por ter preocupado você, mãe. — A culpa que Mulder lutou tanto para conter ameaçava esmagá-lo.

— Boa noite, querido. Amo você.

— Amo você também. Boa noite. — Mulder esperou que a mãe desligasse, mantendo o telefone junto ao ouvido até a linha ficar muda.

Phoebe pegou o telefone da mão do amigo e o recolocou no gancho.

As batidas do coração de Mulder ressoavam nos ouvidos, e uma sensação familiar de queimação se espalhou pelo peito dele. Samantha estava desaparecida há quase cinco anos e meio, e a mãe de Mulder ainda sentia os efeitos da perda todos os dias. Ela jamais admitira diretamente, mas não precisava, porque Mulder se sentia da mesma forma.

Phoebe o virou e levou as mãos ao rosto dele.

— Sua mãe está bem. Não se torture.

— Não estou me torturando.

Ele tentou se virar, mas Phoebe manteve as palmas das mãos firmes nas bochechas dele.

— E não minta para mim.

— Não estou tentando me torturar, mas não consigo parar de pensar no que aconteceu. — Mulder lutou para manter a voz tranquila. Os dois sabiam que ele estava falando da noite em que a irmã desapareceu.

— Quando foi a última vez que dormiu?

Mulder deu de ombros.

Phoebe fechou os olhos por um segundo e respirou fundo, e Mulder finalmente se desligou dos próprios problemas por tempo o bastante para olhar para Phoebe. Ela era linda. Os cílios longos tocavam as bochechas, e o lábio inferior carnudo dava a impressão de que estava eternamente fazendo beicinho — ou tentando seduzi-lo. Não que fosse preciso muito esforço da parte de Phoebe. Mulder tinha dezenas de edições da *Playboy* escondidas debaixo da cama, e se tivesse que escolher entre qualquer das mulheres naquelas páginas e Phoebe, escolheria a garota que estava diante dele.

As pálpebras de Phoebe estremeceram quando os olhos dela começaram a se abrir. O corpo inteiro de Mulder estava em chamas agora, e o coração dele doía tanto, mas tanto. Os lábios da amiga sempre afastavam o sofrimento, mesmo que após os beijos ele sentisse um tipo diferente de dor.

Mulder parou de pensar e levou os lábios aos de Phoebe. Os lábios dela se entreabriram, e a garota suspirou baixinho.

Mulder deslizou a mão pela lateral do corpo de Phoebe e apertou sua bunda.

— Fox… — murmurou Phoebe.

Ouvi-la dizer o nome dele com aquela voz rouca quase deixou Mulder louco. Eles saíram aos tropeços até o quarto dele, Mulder levando Phoebe de costas pelo corredor, sem deixar que a boca se afastasse da dela. O cotovelo do garoto acertou a dobradiça da porta enquanto entravam, mas a dor só fez com que tudo dentro dele queimasse mais forte.

Quando Mulder deitou Phoebe na cama, ela colocou a mão no peito dele, mantendo-o afastado.

— Sei por que está fazendo isso.

Mulder encarou os grandes olhos azuis de Phoebe.

— Não, não sabe.

Porque tenho medo demais de contar a você como me sinto.

Phoebe ainda estava sem fôlego, e seu peito subia e descia mais rápido do que o normal.

— Me beijar não vai fazer você esquecer.

— Não quero esquecer. Quero encontrar o psicopata que levou minha irmã.

— Mas a pessoa que está levando essas crianças pode não ser *a mesma* pessoa. — Phoebe observou o rosto do amigo. — Sabe disso, não sabe?

— Não até encontrá-lo.

— Fox…

— Se existe a menor chance de que a mesma coisa tenha acontecido com Samantha, preciso saber.

Phoebe deu a Mulder o mesmo olhar triste de que ele se lembrava do dia em que se mudou.

— Prometa que não vai ficar obcecado com isso. Que vai tomar cuidado.

Mulder se aproximou.

— Prometo — disse ele, com a boca contra a de Phoebe. Então a beijou até que os dois estivessem com os lábios inchados e exaustos.

Phoebe roçou o pescoço de Mulder com o nariz e ele segurou a cintura dela com mais força, ouvindo a respiração da amiga no ouvido. Abraçá-la fazia Mulder se sentir normal, como se fosse apenas mais um cara que adorava jogar basquete e sair com os amigos. Um cara que ainda estava tentando entender as coisas grandes — como onde deveria fazer faculdade e como chamar a garota que beijou cinco minutos antes para um encontro de verdade.



Horas depois, quando os primeiros sinais preto-azulados do alvorecer começaram a despontar no céu, Mulder ainda estava acordado. A vontade de beijar Phoebe e de sentir os lábios dela nos dele foi substituída por uma vontade diferente. Ela impulsionou Mulder a sair da cama de fininho sem perturbar Phoebe e atravessar o quarto para abrir a porta do armário.

Ele pegou uma caneta na prateleira e a escala métrica que tinha levado de Martha's Vineyard consigo até Washington. Era a escala métrica que a mãe de Mulder usava para registrar a altura de Samantha todo ano no aniversário da menina. Mulder virou a escala, no ponto em que fazia um registro próprio.

Ele escreveu um número acima daquele que registrara no dia anterior.

1.952.

O número de dias desde a última vez que vira a irmã.

CAPÍTULO 15

Biblioteca Lauinger, Universidade de Georgetown

2 de abril, 10:40

Mulder acordou com o som do chuveiro. Girou o corpo e encarou os lençóis amarrotados ao lado. Ainda conseguia ver a leve marca onde Phoebe dormira na noite anterior.

O fato de que ela já estava fora da cama e no chuveiro o salvou do momento desconfortável em que Phoebe inevitavelmente diria que aquilo não poderia acontecer de novo.

Mulder vestiu calça jeans, uma camisa xadrez de botão e enrolou as mangas. Ele caminhou pelo corredor, sendo atacado pelos próprios pensamentos, então não reparou quando a porta do banheiro se abriu. Phoebe saiu e Mulder quase a derrubou.

Ele a segurou pelos ombros.

— Desculpe. Não estava prestando atenção. — Phoebe usava uma blusa solta florida e calça jeans, além das sandálias de madeira Dr. Scholl, e Mulder deixou que os dedos permanecessem na pele exposta da amiga.

— Que novidade — provocou Phoebe.

Tinha a voz mais grave do que a maioria das garotas, e parecia ainda mais sexy de manhã. Os cabelos loiros molhados emolduravam o rosto de Phoebe, e a expressão dela fez com que Mulder quisesse beijá-la de novo. Ela inclinou a cabeça para o lado, um sinal de que estava considerando alternativas.

Isso fazia *de Mulder* uma alternativa?

— Eu queria… — Ele começou a dizer no mesmo momento em que Phoebe falou:

— Sobre ontem à noite…

E lá se vai a tentativa de me esquivar de um momento desconfortável.

— O que você ia dizer? — perguntou Phoebe, com a expressão esperançosa.

— “Minha língua dá um nó quando tento falar” — respondeu Mulder, citando Elvis com um sorriso tímido. — Vá em frente.

Subitamente, Phoebe pareceu nervosa. Ela dividiu o cabelo ao meio, pegou uma parte e prendeu em um elástico para fazer uma maria-chiquinha.

— Sei que a situação com Sarah Lowe está trazendo todo tipo de memórias e emoções, e estou do seu lado. — Phoebe terminou de trançar um lado e seguiu para o outro, os dedos trabalhavam mais

rápido agora. — Mas não posso ser sua bengala emocional sempre que se sentir sozinho.

— *Não é* assim que vejo você — disparou Mulder. E não era.

Bengala emocional?

Subitamente, ele se deu conta.

Só tinha coragem de agir com relação aos seus sentimentos por ela quando a vida ficava intensa. O restante do tempo estava paralisado demais para se mover, ou para admitir como se sentia. Que motivo teria Phoebe para *não* pensar que ele só se interessava por ela quando se sentia sozinho?

— Sou um canalha, Phoebe. — Mulder passou as mãos pelo rosto. — Não é assim que me sinto com relação a você, não mesmo.

Ela o observava.

— Então *como* se sente?

Conte a verdade.

Conte que acha que é a pessoa mais inteligente que já conheceu. A única pessoa que sabe mais sobre Jornada nas Estrelas *e ciência espacial do que você. Que sabe que você nunca dorme na cama, exceto quando ela está deitada ali. Conte que, sempre que ela sorri, você quer ser o namorado dela.*

Mulder ensaiou as palavras na cabeça, mas não conseguiu dizê-las.

O risco era alto demais com Phoebe. Não podia arriscar perder a melhor amiga se Phoebe não sentisse o mesmo, embora Mulder tivesse quase certeza de que era o caso. E se Phoebe também nutrisse sentimentos verdadeiros por ele? Mulder não podia feri-la da mesma forma que parecia ferir todos com quem se importava.

De jeito nenhum.

Phoebe merecia mais do que isso. Não. Ela merecia o melhor.

E não estou nem perto disso.

Os olhos de Mulder se fixaram nos da amiga, e ele tentou encontrar as palavras certas. Respirou fundo, embora não fizesse ideia do que diria.

— Phoebe, eu…

A campainha tocou e os dois se sobressaltaram.

Quem está aqui tão cedo?

Mulder pigarreou para recomeçar, mas a campainha tocou mais duas vezes.

Phoebe suspirou.

— Talvez você devesse atender?

— Certo — respondeu Mulder, e passou por ela.

O momento tinha acabado. Quem quer que estivesse à porta provavelmente o salvara da total humilhação de perder a melhor amiga.

Mulder abriu a porta e Gimble o empurrou para entrar.

— Por que demorou tanto? — perguntou ele, abrindo o casaco esportivo de veludo azul.

— Como chegou aqui? — perguntou Mulder.

O Major se recusava a dar um carro a Gimble. Ele estava convencido de que alguém plantaria um rastreador no veículo e usaria para localizar sua base de operações.

— Vim de ônibus. — Gimble entrou na cozinha e abriu a geladeira, algo que não podia fazer em casa sem destravar um cadeado para bicicletas. Gimble pegou um refrigerante de laranja e tomou um gole.

— Eu disse que buscaria você — lembrou Mulder a ele.

— O Major pirou quando descobriu que conectei o telefone no andar de cima. É apenas para “emergências de vida ou morte”. — Gimble foi até a despensa e vasculhou até encontrar uma tortinha de cereja Hostess. Ele abriu a embalagem e mordeu. — Eu não estava com vontade de operar o telescópio o dia todo em busca de homenzinhos verdes. Então, quando o Major se trancou no porão hoje de manhã para trabalhar nos arquivos dele, escrevi um bilhete e fui embora.

Phoebe entrou na cozinha como se tudo estivesse perfeitamente normal. Mas Mulder reparou que a garota não olhou para ele.

Porque ela se importa? Ou porque não se importa?

Ela tirou a torta da mão de Gimble.

— Detesto interromper um café da manhã tão nutritivo, mas a biblioteca abre em dez minutos. Pode comer no carro.

— Como quiser. — Gimble jogou um sorriso para ela e seguiu para a porta.

Mulder se demorou e segurou Phoebe quando ela começou a andar.

— Phoebe? Espere.

Ela se virou e o encarou, e o estômago de Mulder revirou.

Precisava explicar e fazer com que a amiga entendesse.

— Eu não quero…

— Esse é o problema, Fox. Não sabe o que quer. — Phoebe sorriu apenas o bastante para indicar que tudo estava bem.

Mas não estava. Não para Mulder.

— Espero que descubra, para que um dia possa finalmente ser feliz. — Phoebe apertou a mão de Mulder e então soltou.



— Não precisávamos vir até aqui — disse Phoebe, olhando para a arquitetura gótica ao redor. — Georgetown não é a única universidade em Washington com uma biblioteca.

— Mas esta eu sei que é aberta ao público — disse Mulder. Ele se lembrou do detalhe do tour pelo campus que fez com o pai, em outubro.

— Por que sempre parece que não sei de alguma coisa? — perguntou Gimble.

— Porque não sabe. — Phoebe lançou um sorriso malicioso para o garoto, as pontas das tranças loiras roçando os ombros conforme

ela caminhava.

— Não fique se achando tanto. Essa eu estava pedindo para ouvir. — Gimble passou por baixo do galho de um imenso carvalho e se virou para Mulder. — Então, qual é a história?

— O pai de Fox quer que ele vá para Georgetown — explicou Phoebe, compartilhando mais uma informação que Gimble não sabia.

— E você não está a fim? — perguntou Gimble.

Mulder deu de ombros.

— Não consigo me imaginar aqui.

Georgetown era para caras que queriam se formar e entrar para a política ou para o legislativo e virar membros de country clubes. Caras como ele, que queriam viajar para o espaço ou inventar um dispositivo de teletransporte para que Scotty pudesse "levá-los para cima", iam para universidades como MIT, Berkeley e Cornell.

— Já decidiu para onde vai? — perguntou Mulder a Gimble.

— O Major acha que vou me alistar na aeronáutica. Ele escreve uma carta para a Academia da Força Aérea toda semana. Então dobra a carta até estar do tamanho de um chiclete, esconde no fundo de uma caixa de cereal vazia e joga a caixa fora quando retira o lixo.

Phoebe estendeu a mão ao passar e arrancou uma flor de cerejeira rosa de uma árvore.

— Ele confunde o lixo com a caixa de correio?

Gimble encarou os tênis de listras azuis e vermelhas, e os cabelos dele caíram para a frente, escondendo o rosto.

— Isso seria normal demais. Ele acha que Sergio pega a carta do tamanho de um chiclete, coberta de migalhas de cereal, e entrega ao superintendente da academia.

— O que vai dizer a seu pai? — Phoebe pareceu preocupada.

Gimble deu de ombros.

— Nada até que eu descubra se Virginia Tech ou uma das minhas universidades de reserva vão me oferecer uma bolsa. Então vou convencê-lo de que estou em um programa estudando tecnologia alienígena ultrassecreta.

— Tem certeza de que esse é o caminho para a biblioteca? — perguntou Mulder.

O buraco negro que espreitava na escuridão, esperando para puxá-lo para o esquecimento, parecia mais próximo do que o normal. Com base nas informações que tinha reunido na biblioteca pública a respeito das outras crianças desaparecidas, o assassino manteria Sarah Lowe viva por apenas mais quatro dias.

E se ninguém encontrá-la a tempo?

Gimble girou o mapa do campus na mão até que estivesse do lado certo.

— A biblioteca Lauinger deve estar atrás da velha biblioteca ali. — Ele apontou para a ponta mais afastada do quarteirão.

Eles passaram por um grupo de caras usando camisetas que diziam Equipe Georgetown e levando bolsas de ginástica jogadas sobre os ombros. Duas garotas riam e flertavam enquanto caminhavam ao lado deles, as letras da casa da fraternidade delas visivelmente estampadas no peito.

Phoebe semicerrou os olhos.

— Quando chegar ao MIT, vou começar uma fraternidade para garotas que sabem mais sobre dividir átomos e fontes de energia hidráulica do que sobre brilho labial. Se não conseguirem recitar a tabela periódica como se fosse o alfabeto, serão eliminadas.

Gimble se virou para caminhar de costas enquanto se moviam entre dois prédios.

— Em vez de letras gregas, pode colocar o símbolo do frâncio nas camisetas. É o elemento mais ins…

— Instável da tabela periódica, com uma meia-vida de 22 minutos na forma mais estável — interrompeu Phoebe. — Gostei. E vamos dar as melhores festas, porque todas as bebidas que a gente vai servir vão provocar reações físicas legais, tipo coquetéis de nitrogênio líquido e martínis de gelo seco.

Mulder se perguntou se Gimble sabia que a garota estava falando sério. Algumas pessoas passavam muito tempo falando sobre as coisas legais que planejavam fazer, mas Phoebe de fato ia lá e fazia.

Quando Mulder era mais novo, ele acreditava que tudo era possível. Antes de o pai lhe dizer que não podia ser astronauta. Antes de Samantha desaparecer.

Em que deveria acreditar agora? Lembranças brutais e famílias desfeitas? Perguntas não respondidas e finais infelizes? Números em uma escala métrica no armário?

Outras pessoas superavam eventos trágicos, mas Mulder não era uma dessas pessoas. Seguir em frente significava desistir da irmã. Aceitar que ela poderia jamais voltar para casa e encontrar uma forma de conviver com isso. E ele não era capaz de fazer essas coisas.

Uma brisa súbita estremeceu os galhos de uma cerejeira, e flores cor-de-rosa voaram pelo ar, repousando na grama. Mulder se perguntou se algum dia conseguiria olhar de novo para pétalas de flores sem imaginar o corpo de oito anos de Billy Christian deitado em uma cama feita delas.

Phoebe parou de andar e franziu o nariz.

— É isso?

O prédio no fim da calçada era uma massa de concreto, moderno e prático em comparação com a arquitetura gótica detalhada que cercava o quarteirão.

— É como se alguém estivesse fazendo aquela brincadeira do *Vila Sésamo:* "Uma dessas coisas não é como as outras" — acrescentou a garota.

— Não importa se é feio, só precisa ter os livros de que precisamos — falou Mulder, subindo dois degraus por vez.

Ele segurou a porta aberta para Phoebe, e soltou antes que Gimble passasse.

O amigo segurou a porta e os seguiu.

— Muito engraçado. Vou dizer ao Major que você quer que ele lhe conte mais a respeito do ciborgue que os alienígenas estão construindo.

— E quando fizer isso, pergunte sobre Elvis — disse Phoebe.

Do lado de dentro, o prédio se abria para o alto, com andar após andar de prateleiras estreitas de frente para os corrimões e para o saguão. Alunos estavam amontoados uns ao lado dos outros, vasculhando as prateleiras.

— Aqui dentro é claustrofóbico — sussurrou Gimble.

— Pense desta forma — falou Phoebe. — Quanto antes você encontrar a informação de que precisamos, mais rápido sairemos

daqui.

— Ou quanto antes *você* encontrá-la — disparou Gimble de volta. — Isso é um esforço em equipe, Phebs.

Mulder se encolheu como se fosse ele que estivesse prestes a enfrentar a ira de Phoebe. Então fez o que qualquer melhor amigo faria e saiu para o balcão de informações.

Logo antes de sair do alcance da voz deles, Mulder ouviu Phoebe dizer:

— Já falei como me sinto com relação a apelidos bonitinhos, *Gims*?

Mulder se aproximou do balcão e esperou que a bibliotecária reparasse nele — se é que a mulher usando um suéter rosa-pastel com decote em V e uma gargantilha de macramê era mesmo a bibliotecária. Ela se destacava no mar de moletons dos Hoya, o time de basquete da universidade, e camisas polo com jacarés bordados.

A mulher ergueu os olhos da pilha de cartões da biblioteca que estava carimbando.

— Posso ajudar?

— Sim. Estou procurando por livros sobre pegas, rochas metamórficas e… — Ele abaixou a voz. — Envenenamento por aconitina.

A mulher não piscou. Era definitivamente a bibliotecária.

— Combinação interessante. Alguns acadêmicos acreditam que o imperador romano Claudius foi envenenado por aconitina. — Ela ficou de pé e deu a volta no balcão. — Venha comigo, vou apontar a direção certa. Está pesquisando Claudius ou apenas o veneno?

Mulder tossiu e seguiu a mulher para uma escada estreita.

— Estou pesquisando plantas mortais. — Isso pareceu plausível.

Gimble e Phoebe os alcançaram, e Mulder gesticulou na direção dela.

— E minha amiga está escrevendo um trabalho sobre rochas metamórficas.

— Minerais, na verdade — disse Phoebe. — Tudo desde as propriedades físicas até as coisas New Age, tipo cura por cristais e…

— Feitiços mágicos — acrescentou Gimble.

A bibliotecária parou na plataforma do terceiro lance de escadas e lançou um olhar curioso para Gimble.

— Está interessado em alquimia?

Phoebe se intrometeu.

— Ele joga Dungeons and Dragons.

A bibliotecária começou a fazer uma pergunta, mas mudou de ideia.

— Chegamos — disse ela, levando o grupo para as pilhas no terceiro andar.

Phoebe parou diante do corrimão e olhou para os andares de baixo e então para os de cima. Apesar do fato de que a organização forçava as pessoas a se espremerem para passar umas pelas outras enquanto procuravam nas prateleiras, a vista era impressionante.

— Pássaros ficam aqui. — A bibliotecária passou o dedo pela lateral das prateleiras para indicar onde procurar. — E minerais e cristais ficam ali na casa dos quinhentos.

Depois que a bibliotecária apontou a direção certa para Phoebe, ela disse a Mulder:

— Precisamos subir para o quarto andar para encontrar o que você está procurando.

— Tudo bem. — Mulder acenou para Phoebe. — Chame Gimble quando terminar, e vamos nos encontrar nas salas de estudos.

— Ficam no último andar — acrescentou a bibliotecária.

Depois que a bibliotecária mostrou a Mulder onde encontrar livros sobre aconitina e figuras históricas que foram envenenadas — com o inteligente título de *Lições sobre envenenamento: figuras históricas que morreram envenenadas por plantas venenosas comuns* —, Mulder pegou todos os textos que encontrou que mencionavam capuz-de-frade e mata-lobos, os nomes vulgares da planta que produzia aconitina.

Ele levou alguns minutos para chegar ao último andar. Precisou avançar lentamente pela turba de alunos que se reuniam nas estantes que davam para o átrio central. Mulder viu Gimble e Phoebe em uma das salas, sentados a uma mesa com uma pilha de livros.

— Finalmente — disse Gimble quando Mulder abriu a porta.

— Veneno é um assunto popular — disse ele, soltando os livros na mesa. — Qual é o plano?

— Devo ter ouvido errado. Está sugerindo que precisamos de um *plano*? — Phoebe deu um olhar de incredulidade a Mulder.

Ele não fazia planos, a não ser que envolvessem agir de acordo com impulsos e criar estratégias no último minuto. A garota parecia ter voltado ao normal, mas Mulder não conseguiria esquecer a noite anterior tão facilmente.

— Só dessa vez — disse ele, tentando agir normalmente. — Mas não se acostume. Vou voltar a ser o cara imprevisível que toma decisões precipitadas assim que sairmos daqui.

Ela o ignorou.

— Já estou tomando notas sobre nuumita, e você deveria cuidar da aconitina, já que foi você que viu o relatório da autópsia.

— Por que eu fico com os pássaros? — reclamou Gimble. — Quero veneno ou rochas vulcânicas. Pássaros são um saco. — Phoebe abriu a boca para responder, e Gimble voltou atrás. — Esqueça. Me deixe com os pássaros.

— Adoro quando concordamos. — Ela voltou a atenção para os livros abertos à frente.

Em minutos, os amigos de Mulder estavam tomando notas freneticamente, enquanto ele lia com tranquilidade a própria pilha de livros. Não precisava tomar notas. Mesmo sem memória fotográfica, teria sido fácil se lembrar da informação. Era como se saísse direto de um romance de Agatha Christie.

Mulder se recostou e encarou os quadrados perfurados do teto.

— Algo interessante? — perguntou Gimble.

— Depende. Quer envenenar um imperador ou caçar uma baleia? — Mulder fechou o último livro e o afastou.

Phoebe ergueu o rosto das anotações dela.

— O que você achou aí?

— Aconitina vem da planta capuz-de-frade e é um dos venenos mais antigos da história. “A mãe de todos os venenos”, é como chama um dos livros. Data desde o século XII a.C., e culturas do mundo inteiro usavam a coisa. — Mulder tagarelava os fatos e o volume da voz subia para se igualar à frustração dele. — Na China antiga, usavam aconitina para fazer dardos envenenados,

aborígines no Pacífico Norte cobriam arpões com folhas amassadas de capuz-de-frade para caçar baleias, e os gregos e os romanos envenenavam os inimigos com a substância.

— Fox, por que está ficando tão irritado? — perguntou Phoebe.

Mulder ignorou a pergunta.

— Esqueçam as baleias — disse Gimble. — A aconitina vai nos ajudar a encontrar o assassino?

Mulder afastou a cadeira da mesa e ficou de pé.

— Não. Porque capuz-de-frade cresce por toda a América do Norte. O assassino poderia ter a planta no quintal.

— Existem espécies diferentes? Talvez isso reduza a busca — sugeriu Phoebe.

— Duvido que importe. Aconitina é um componente tóxico em todas elas. — Mulder olhou pela janela sentindo-se derrotado.

— E quanto à rocha? — perguntou Gimble. — Vai ajudar?

Phoebe folheou as anotações dela.

— Não tenho certeza. Nuumita está presente no mundo há mais tempo do que “a mãe de todos os venenos”. É o mineral mais antigo da Terra, formado há três ou quatro bilhões de anos em um vulcão na Groenlândia. — Ela fez que não com a cabeça. — Não acredito que eu não sabia nada disso até agora.

— Se estivéssemos lidando com ocultismo, a pedra provavelmente representaria algo — disse Mulder. — Como força ou fertilidade.

Gimble ergueu uma sobrancelha.

— Fertilidade? — Phoebe fechou a boca para tentar não rir.

— Eu estava só pensando alto. — Mulder passou as mãos pelos cabelos, deixando mechas arrepiadas por todo canto.

— Nuumita está associada a magia elemental e proteção.

— Isso já é alguma coisa. — O fogo se acendeu em Mulder de novo. — Poderia explicar o pássaro e as flechas.

— Acho que não. — Gimble apoiou os cotovelos na mesa. — Tem muita magia elemental em D&D, e nenhuma delas envolve pássaros com flechas feitas de ossos humanos.

Phoebe pegou um dos livros diante de Gimble.

— Não encontrou nenhuma conexão entre pássaros e flechas?

— É claro que encontrei. As pessoas usam flechas para caçá-los — respondeu ele. — Além disso, nenhuma. Mas encontrei muitas outras coisas. — Gimble passou os dedos pela margem das anotações dele. — Pegas são da família dos corvos. Elas amam objetos brilhantes e roubam todo tipo de coisa para montar os ninhos delas. Pegas também são muito inteligentes, e podem imitar os cantos de outros pássaros.

— Nada disso parece relevante — disse Phoebe.

Gimble ergueu o rosto das anotações dele.

— É porque não terminei. Tem um monte de superstição e folclore a respeito de pegas, mas nada se entrecruza. Então, aí vai. Na Europa, pegas são consideradas mau agouro, e, de acordo com uma antiga superstição escocesa, se você vir uma pega sozinha, é sinal de que alguém vai morrer. Mas na Coreia, pegas significam que alguém vai lhe trazer boas notícias, e na China, são um sinal de boa sorte.

— Duvido que alguém perfurasse um pássaro com flechas se acreditasse que era um sinal de boa sorte — falou Phoebe.

— E fica melhor. Ou pior, dependendo de como se vê. Pegas também são associadas com bruxaria, o diabo e conhecimento de ocultismo. E, essa é minha parte preferida, também podem transportar almas para o reino dos espíritos e trazer de volta mensagens do inferno. — Gimble se recostou com as mãos atrás da cabeça, aproveitando o momento.

— Bom trabalho, cara. — Mulder ainda não estava pronto para se permitir sentir esperança. Mas também não se sentia tão sem esperanças. Estavam de volta à ação. — Uma conexão com ocultismo poderia explicar as flechas.

— Então estamos lidando com magia negra, e não com coisas hippies inofensivas, como projeção astral — disse Gimble. Ele pegou dois dados de D&D do bolso e jogou na mesa.

Phoebe franziu a testa. Mas não estava irritada. Esse franzir de testa era diferente — um enrugar mais leve entre as sobrancelhas e um olhar distante.

— O que foi? — perguntou Mulder. — Está fazendo aquela cara.

— Que cara? — Agora se parecia mais com um franzir de testa irritado.

— A cara que significa que está se concentrando.

— Ah. — Phoebe relaxou. — É que não consigo entender como a nuumita se encaixa. É uma pedra protetora que as pessoas usam para *combater* energia negativa. Por que um assassino usaria a pedra em um ritual que envolve assassinar uma criança e então a deixaria no corpo da vítima?

— Talvez o assassino não saiba o que é? — sugeriu Gimble. — Ele poderia estar confundindo com um mineral preto diferente.

Phoebe sacudiu a cabeça.

— É obscura demais. E ela é chamada de Pedra do Mago. Se o assassino estivesse envolvido com ocultismo, ele saberia a respeito.

Mulder se sentou na cadeira.

— As pessoas não a usam para mais nada?

— Apenas para essas práticas New Age — falou Phoebe. — As coisas de proteção que mencionei.

Mulder pegou o livro na frente da amiga e o virou para poder ler.

— Escudos para aura e viagens xamanísticas? Vamos precisar de um tradutor para explicar toda essa baboseira New Age.

— Olhe o título do capítulo. “Artes da Cura” — observou Phoebe.

Mulder olhou para o relógio.

Eram 13h15.

Cento e oito horas e meia, no máximo — era quanto restava de tempo a Sarah Lowe se o legista tinha calculado corretamente a hora da morte de Billy Christian. E ele sabia que essas estimativas nem sempre eram precisas. E se ninguém encontrasse Sarah antes disso? Será que ela passaria os últimos dias da vida esperando que alguém a salvasse?

— Se quisermos mesmo descobrir se o assassino está envolvido com ocultismo, precisamos falar com pessoas que conheçam o assunto — falou Gimble.

Phoebe resmungou.

— Esse não é o tipo de coisa que quero discutir com seu mestre de RPG.

— Não estou falando de meu mestre de RPG. Estou falando das pessoas que conhecem ervas e cristais e pássaros mortos com palitos.

— O que você *quis* dizer foi pessoas interessadas em práticas New Age. — Phoebe organizou os livros que estava lendo numa pilha e ficou de pé. — Vi alguns telefones públicos quando entramos. Vou verificar as páginas amarelas em busca de lojas New Age. Volto logo.

Gimble jogou os dados na mesa enquanto esperavam.

— Em D&D, tem um monstro que parece uma pantera com tentáculos saindo dos ombros. — Ele observava os dados sempre que jogava. — O nome é Pantera Deslocadora, e é difícil de derrotar porque a Pantera projeta uma ilusão de si mesma por perto. Então você acaba atacando a ilusão. E se estivermos caçando a ilusão em vez do verdadeiro monstro?

Mulder se perguntou o mesmo, tirando a parte da Pantera Deslocadora.

— Acho que não tem como saber até obtermos mais informações. Mas, de qualquer forma, sabemos que a polícia não está correndo atrás do verdadeiro monstro. Nem mesmo acreditam que ele existe.

Phoebe bateu na parede de vidro da sala de estudos na qual estava, do outro lado. Ela agitou um pedaço de papel amarelo no ar enquanto alunos se espremiam para passar por ela no corredor da biblioteca.

— Tem uma livraria New Age em Craiger, Maryland — falou a garota assim que entrou. — Liguei para ter certeza de que abriam hoje, e uma mulher me disse que a loja fica a uma hora e meia daqui, mais ou menos, perto do rio Patuxent. — Phoebe reuniu as anotações que fizera e correu para a porta. — Venham — gritou ela, por cima do ombro.

Enquanto a garota saía, Gimble observou, e os olhos dele se demoraram muito ao sul.

— Pare de olhar para a bunda dela, ou vai andando até Maryland — avisou Mulder.

Gimble deu outra espiada.

— Vale a pena.

CAPÍTULO 16

Bowie, Maryland

16:40

— Tem certeza de que a moça no telefone disse que a livraria ficava em Craiger? — perguntou Gimble do banco de trás, estudando o mapa que tinha comprado quando pararam para abastecer o carro.

Mulder estava dirigindo por Bowie, Maryland, havia vinte minutos, enquanto Gimble servia de navegador, o que não era fácil de fazer quando a cidade pela qual procuravam não estava no mapa.

Phoebe se virou no assento e olhou com raiva para Gimble.

— Claro que tenho. Diz bem aqui. — Ela ergueu a tira de papel que tinha rasgado das Páginas Amarelas. — E anotei as direções que ela me deu no verso.

Gimble girou o mapa até que estivesse de ponta-cabeça.

— É, bem, jamais ouvi falar de uma cidade que não estivesse em um mapa rodoviário.

— Talvez seja pequena — disse Phoebe, recusando-se a ceder.

— O que a mulher disse, exatamente? — perguntou Mulder.

Phoebe soltou um longo suspiro.

— Que a loja fica na estrada 320A…

— Estamos *na* 320A — observou Gimble.

— Eu não tinha terminado — disparou Phoebe. — Na 320A perto de Powdermill Road.

— Espere aí — falou Gimble. — Powdermill Road está aqui. Continue em frente e devemos dar nela.

A estrada de duas pistas estava vazia, e em minutos Mulder viu uma placa de metal. BEM-VINDO A CRAIGER, MARYLAND.

Gimble sacudiu a cabeça.

— Que tipo de cidade não está em um mapa?

— Uma cidade que provavelmente não deveríamos visitar — falou Mulder.

— Está bem ali. — Phoebe apontou para um prédio cor de pêssego na esquina. ALÉM DO ALÉM estava escrito à mão na madeira, com as cores do arco-íris.

Mulder virou na entrada de cascalho e estacionou. Foi o primeiro a sair do carro, e olhou pela janela da frente. Longos balcões sobre estantes de vidro percorriam a parede. Havia uma caixa registradora perto da frente, ao lado de uma entrada em arco acima da qual estava escrito CAFÉ BAR em letra cursiva. As prateleiras ao longo das paredes exibiam cristais, cartas de tarô, livros e velas.

— Tem um café bar do lado de dentro — falou Mulder. — Quem compra café em um bar?

— Talvez seja uma piada. — Gimble pulou o meio-fio e se aproximou da janela. Com o nariz a um centímetro do vidro, ele apoiou as mãos em concha em torno dos olhos e espiou o lado de dentro. — Deve ser o lugar certo. Está cheio de velas e porcarias hippie.

— Vou verificar. Preciso de um pouco de cafeína. — Phoebe abriu a porta e um sino dos ventos torto soou.

— Podemos entrar logo também. — Gimble deu de ombros e a seguiu, ficando para trás tempo o suficiente para olhar a bunda de Phoebe de novo.

Assim que Mulder entrou foi atingido por um cheiro sobrepujante de canela, flores nauseantemente adocicadas e patchouli. Ele tossiu e abanou o ar.

— Essa mistura de óleos essenciais é nossa marca registrada — disse uma mulher esguia com uma juba de cachos loiros e selvagens emoldurando o rosto. Ela se aproximou de Mulder tranquilamente. — Nós chamamos de Sonho Sagrado.

Gimble ergueu o rosto de onde estava, diante de uma prateleira, já brincando com um massageador de cabeça. Assim que viu a mulher curvilínea com os cabelos selvagens, deu atenção total à bunda dela. Pelo menos não estava mais olhando para a de Phoebe.

— É *interessante* — respondeu Mulder, referindo-se ao odor desagradável.

— Nunca vi você na loja antes, e jamais me esqueço de um rosto. — A mulher piscou para Mulder. — Corinda Howell. Vidente, médium e sócia deste lindo santuário.

— Prazer. — Mulder enfiou as mãos nos bolsos, subitamente tímido. — Fox Mulder.

— Que nome poderoso. — A mulher sorriu.

Gimble se apressou e tirou o cabelo da frente dos olhos.

— Gimble.

Corinda ergueu uma sobrancelha.

— Esse é um que jamais ouvi antes.

O garoto pigarreou.

— É um nome de família.

— E aquela é Phoebe. — Mulder acenou com a cabeça na direção da amiga, mas ela não estava prestando atenção. Não neles.

Sob o arco, Phoebe falava com um dos homens mais altos que Mulder já viu. Não parecia ter a idade dos pais deles… talvez uns trinta anos? Mas os cabelos escuros e a postura confiante faziam Mulder lembrar de uma estrela de cinema dos anos 1950. Phoebe o encarava como se estivesse hipnotizada.

Mesmo que Mulder e Phoebe não estivessem juntos, ele não se sentia bem com um cara qualquer dando em cima dela. Mulder se aproximou dos dois, com Gimble ao encalço. Quando chegou ao arco, deslizou o braço ao redor da cintura de Phoebe e estendeu a outra mão para o babaca alto que estava falando com ela.

— Mulder.

Phoebe olhou para Mulder como se ele fosse louco.

O cara era bem mais alto do que Mulder, e ele esperava por um gesto dominante de valentão. Em vez disso, o cara o avaliou com os olhos suaves de uma alma experiente.

— Luz do Sol. — A voz do homem parecia tranquila, como prata líquida.

— O que tem isso? — perguntou Mulder.

— Sou eu — disse a estrela do cinema.

— Luz do Sol é o *nome* dele — falou Phoebe.

— É ainda mais esquisito que o meu — falou Gimble, juntando-se à conversa. — Meu nome é Gimble, aliás. Seus pais deram mesmo esse nome a você?

Luz do Sol sorriu.

— Eu me batizei.

Gimble acertou o gigante no braço como se fossem os melhores amigos.

— Eu também. Então, você joga Dungeons and Dragons? Aposto que você arrebentaria.

Luz do Sol olhou para Gimble de forma esquisita.

— Não estou familiarizado com isso. — Então ele se virou de volta para Phoebe. — Foi um prazer conhecer você, Phoebe. E se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Mulder queria socar aquela boca de sedutor.

Luz do Sol se juntou a Corinda, a médium e vidente, perto da porta, e os dois começaram uma conversa particular.

— Se mudar de ideia com relação a quê? — perguntou Mulder à Phoebe agora que o cara tinha ido embora.

Phoebe empurrou Mulder e seguiu até o café bar, onde uma fila já estava se formando com um grupo de pessoas que saía de uma sala nos fundos.

Ele entrou na fila ao lado da garota.

— Acha que estavam fazendo uma sessão espírita lá atrás para se comunicarem com Elvis?

Phoebe olhou com raiva para Mulder.

— Que foi? — Mulder ergueu as mãos, bancando o inocente.

— Vai se fazer de bobo depois desse showzinho que acabou de dar? — Phoebe cruzou os braços e olhou direto para a frente.

— Eu estava cuidando de você. — Foi uma desculpa horrível, mas ele não conseguia evitar a mágoa depois da conversa desconfortável naquela manhã. — Aquele cara devia ter trinta anos.

— Duvido. — Ela deu de ombros e avançou quando a fila progrediu.

— Por que está tão irritada? Estava interessada nele ou algo assim? — Agora Mulder definitivamente parecia ciumento.

Phoebe girou o corpo para encará-lo.

— Luz do Sol faz sessões particulares, e é o líder de um grupo New Age chamado Emergência Psíquica. Estava me *convidando* para a reunião deles.

— Emergência Psíquica? — Gimble se aproximou dos dois. — Que nome idiota. Aquele cara devia começar a jogar D&D. Aprenderia algumas coisas.

— Talvez eu conseguisse alguma informação dele se você tivesse mantido o ego sob controle — disparou Phoebe para Mulder.

— Meu ego?

— Hã… desculpem interromper — disse um cara latino atrás deles. — Mas este é um espaço pacífico. Não devem discutir aqui dentro.

Uma garota assustada ao lado dele fez que sim com a cabeça e sussurrou:

— Luz do Sol não vai gostar disso.

Mulder os encarou, incrédulo.

Phoebe sorriu para o casal.

— Sinto muito.

A garota atrás do balcão do café gesticulou para Mulder e os amigos.

— O que posso lhes servir?

Phoebe e Gimble pediram bebidas cafeinadas com nomes New Age idiotas enquanto Mulder ficou atrás dos dois, emburrado. Ele ainda estava irritado com Luz do Sol, e agora Phoebe estava com raiva dele. Mas em grande parte Mulder sentia raiva de si mesmo por estragar sua chance com ela.

Se é que algum dia tive uma.

Algo chamou a atenção de Mulder. Um motoqueiro de jaqueta de couro estava no balcão de cremes, no fim do café bar. Um bordado branco encardido com letras góticas pretas fazia um arco nas costas da jaqueta e dizia OS ILUMINADOS DE THANATEROS.

Gimble reparou que Mulder estava encarando e inclinou o pescoço para ver o que tinha perdido.

— Olhe a jaqueta dele — disse Mulder, mantendo a voz baixa. — O que acha que quer dizer?

Gimble deu de ombros.

— Não faço ideia. Talvez ele seja de uma banda.

Phoebe se aproximou por trás dos dois.

— Por que estão sussurrando?

Mulder inclinou a cabeça na direção do motoqueiro.

— Já ouviu falar dos Iluminados de Thanateros?

— Não — disse ela.

Gimble tirou a tampa da bebida e tomou um gole.

— Parece ocultismo.

Phoebe revirou os olhos.

— Ou grego.

— Há um segundo você achou que fosse o nome de uma banda — lembrou Mulder a Gimble.

— Eu disse *talvez*.

— Enquanto vocês dois discutem, vou até lá descobrir.

Phoebe seguiu direto para o balcão dos cremes e se colocou no espaço vazio ao lado do motoqueiro.

— Ela sempre sai correndo assim? — perguntou Gimble.

Um sorriso repuxou os cantos da boca de Mulder.

— Basicamente.

Os dois seguiram Phoebe, mas ficaram um pouco para trás.

— Com licença — disse ela ao motoqueiro, enquanto colocava leite no café. — Adorei sua jaqueta. Nunca ouvi falar dos Iluminados de Thanateros.

O motoqueiro tomou um gole da bebida. Era mais velho do que aquele canalha, Luz do Sol, e encarou Phoebe diretamente, em vez de olhar para ela de cima a baixo.

— É um grupo ao qual pertenço. Nós nos encontramos em uma das salas dos fundos.

Phoebe simulou interesse.

— Que tipo de grupo?

— Praticamos magia do caos — disse o homem, como se fosse algo completamente normal. — Já ouviu falar?

— Não — admitiu Phoebe. — Mas parece legal.

Uma fila começava a se formar atrás de Phoebe e do motoqueiro, então eles se afastaram para o lado. O motoqueiro reparou em Mulder e Gimble à espreita e gesticulou para que se aproximassem.

— São todos bem-vindos na reunião.

— Obrigada. Sou Phoebe, aliás. — Mulder e Gimble passaram para o lado dela e Phoebe acrescentou: — Esses são meus amigos.

— Mulder. — Ele não esperou ser apresentado.

— Sam.

Gimble estendeu dois dedos.

— Sou Gimble.

Sam o olhou com mais atenção.

— Tipo o do D&D?

— Você joga? — Gimble mal conseguiu conter a animação. O cara tinha acabado de fazer o dia dele. — Quero dizer, é claro que joga, se reconheceu meu nome.

Sam gargalhou.

— Eu jogava sempre. Era um paladino. Nível 16. Caótico mau.

Caótico mau? Esse cara estava falando sério?

Phoebe se aproximou de Mulder.

— Ele está falando do alinhamento do personagem dele no jogo — sussurrou ela, antecipando a pergunta. — Determina a ética e a moral do personagem.

— É mesmo?

Phoebe colocou a mão no quadril.

— Eu disse que sabia jogar.

— Sou um bardo. Nível treze. Caótico neutro — dizia Gimble a Sam, que pareceu impressionado.

— Caótico neutro, é? Boa escolha. Torna você imprevisível.

Uma loira usando um vestido branco bordado com flores coloridas colocou a cabeça para fora da sala dos fundos, na qual a reunião anterior tinha acontecido.

— Vamos começar, Iluminados.

— Por que não vêm à reunião para ver o que acham? — sugeriu Sam. — Se você gosta de D&D, pode se interessar.

Gimble olhou para Phoebe e Mulder, e os dois assentiram.

— Se você tem certeza de que não tem problema — falou Gimble.

Sam indicou para que eles o seguissem.

— Tudo a respeito de nosso grupo é legal, e estamos sempre interessados em andar com pessoas de mente aberta que têm curiosidade a respeito de magia do caos.

— Somos nós. Mente aberta e curiosos — falou Mulder, em uma tentativa de parecer entusiasmado, mas o tom de voz inexpressivo fez parecer mais sarcasmo.

Sam lhe lançou um olhar esquisito e os levou para a sala de reuniões, a qual também fazia as vezes de depósito. Cadeiras estavam organizadas em fileiras diante de pilhas de caixas de papelão para entregas.

Mulder reparou em outras salas, incluindo um estúdio de ioga.

— Por que se reunir em uma sala de depósito quando há tantas outras aqui atrás? — sussurrou ele para Phoebe.

— Não faço ideia. Talvez estejam todas reservadas.

— Podem sentar onde quiserem — falou Sam, ocupando uma cadeira no fim da segunda fileira.

Os três passaram por Sam e ocuparam três assentos juntos, deixando uma cadeira vazia entre Sam e eles.

Outras pessoas entraram na sala e se sentaram, enquanto a loira com vestido bordado foi até os fundos da sala, equilibrando uma faixa e caixas de donuts. Mulder ouviu as conversas ao redor. Não esperava que ninguém começasse a falar sobre pássaros mortos, mas esperava por algo relacionado a pedras de proteção — não um debate entre as mulheres sentadas na frente sobre qual membro dos Bee Gees era o mais gato.

A loira voltou para a frente da sala.

— Sejam todos bem-vindos. Para aqueles que são novos, meu nome é Céu Chuvoso. — A mulher fez uma pausa e sorriu para os três novatos. — Se tiverem perguntas, não hesitem em fazer.

Céu Chuvoso? Que original.

Mulder se desligou enquanto os dez Iluminados recitavam um juramento.

— … e pelo poder da crença e o equilíbrio entre Caos e Lei, nós estenderemos os limites do que é possível.

Mulder cutucou Gimble com o ombro e sussurrou:

— Seu pai não disse…?

O amigo fez que sim com a cabeça.

— Caos e Lei são dois lados da mesma moeda. — Gimble pegou um dado preto triangular do bolso e passou entre os dedos. — Infelizmente, o Major leu sobre o conceito em *A espada diabólica* e agora fala sobre isso o tempo todo. Aparentemente, Lei é importante para os *alienígenas*.

Gimble sem querer largou o dado, que caiu no chão e rolou para baixo da cadeira dele.

Mulder se abaixou para pegá-lo e então seu olhar se fixou na parede atrás deles, onde Céu tinha pendurado a faixa, e Mulder congelou.

O símbolo no meio da faixa… Mulder o vira antes.

CAPÍTULO 17

Além do Além, Craiger, Maryland

17:15

Mulder encarou o símbolo — um círculo com oito flechas irradiando do centro. Era exatamente como as flechas despontando do corpo da pega.

Phoebe o cutucou, mas Mulder não conseguia desviar os olhos. Ele ouviu a amiga arquejar e um momento depois Gimble sussurrou:

— Aquilo é…?

Mulder fez que sim.

Gimble se inclinou e gesticulou para Sam.

— Aquele símbolo nos fundos é legal. O que é?

— A maioria das pessoas dizem que é o símbolo do caos — respondeu Sam. — Mas na magia do caos nós chamamos de Símbolo do Oito.

Mulder inspirou ruidosamente.

Oito dias.

É quanto tempo o assassino mantém as crianças vivas. E as crianças têm oito anos.

— Por que oito? — perguntou Phoebe.

— É um número importante na mitologia da magia do caos. As oito flechas, junto com o Símbolo do Oito, o símbolo do caos, representam todos os caminhos possíveis que o caos é capaz de assumir. E cada uma das oito flechas tem exatamente o mesmo comprimento, para nos lembrar de que não existe apenas um único caminho “certo”.

Gimble fez que sim.

— Então é uma coisa da magia do caos?

— Oito sempre foi um número poderoso ao longo da história — explicou Sam. — Desde o Egito antigo e também na Grécia antiga, com significado na matemática, na ciência, na música e na arte.

Gimble encarou Sam de forma confusa, como se estivesse trabalhando a mente para desvendar o que aquele cara sabia e ele não. Mas assim que Sam mencionou matemática, Phoebe estava um passo à frente dele.

— Quer dizer porque o oito é um número de Fibonacci? Ou está se referindo ao fato de que, exceto pelo um, oito é o único número positivo de Fibonacci que é um cubo perfeito? — perguntou a garota a Sam. — Obviamente, o oito também é uma potência perfeita, e as pessoas descrevem o símbolo do infinito como um oito deitado.

Os olhos de Sam se arregalaram.

— Sim, tudo isso.

A resposta dele não impressionou Phoebe. Ela já não tinha mais o que tirar de Sam. Phoebe ergueu a mão, como na escola primária.

— Céu? Não sabemos muito sobre magia do caos. Alguma chance de nos dar um cursinho intensivo?

— É claro. — Céu pareceu entusiasmada ao explicar. — A magia do caos é um novo sistema de magia. É sobre reunir o poder da crença e usá-la como uma ferramenta.

A última parte chamou a atenção de Mulder.

— Como, exatamente, se faz isso? — perguntou ele.

— Uma forma é atingir um estágio de consciência alterada chamado gnose — disse Céu. — Temos discutido nas últimas reuniões. É uma prática que envolve concentrar toda sua energia em um único pensamento ou desejo.

Mulder era bom nisso.

— Ao acreditar que algo é possível, pode fazer com que aconteça — acrescentou uma garota com uma presilha de pena no cabelo.

— Hã… certo. — Gimble acenou com a cabeça para ela, mas a expressão dele deixou claro que não fazia ideia do que a garota estava falando.

— Alguém praticou gnose em casa? — perguntou Céu ao restante do grupo.

Várias mãos se ergueram. Os Iluminados se revezaram para compartilhar os estados alterados que tinham, ou não tinham, alcançado, o que envolvia sentar muito no chão e repetir mantras idiotas para “manifestar os desejos deles”.

Isso é uma baboseira completa, pensou Mulder. *Exceto pelo símbolo do caos. Isso significa alguma coisa.*

— Se não atingiu a gnose, não desista — disse Céu a todos.

— Não está acontecendo para mim. E se não conseguir encontrar uma forma de chegar a esse estado? — perguntou uma mulher usando um cristal transparente pontiagudo em torno do pescoço.

— Crença tem poder — assegurou Céu a ela. — Não pode alcançar a gnose a não ser que acredite que está a seu alcance. A magia do caos requer que abandonemos a lógica e as limitações

que a sociedade nos impôs. O poder vem de assumir o controle, ceder ao caos e confiar que ele se revelará para você.

— Então o poder vem de acreditar? — perguntou Phoebe.

— Não *de* acreditar — falou Sam. — A crença é o poder.

O resto da longa reunião se arrastou. Mulder ouviu alguns trechos da discussão sobre besteiras como técnicas para limpar a mente e criar um ambiente ótimo para a gnose. Phoebe tomou notas e Gimble fez uma pergunta a cada dez minutos, como se estivesse realmente pensando em se tornar um membro.

Mulder não conseguia passar do símbolo do caos.

O Símbolo do Oito.

Por que o assassino recriaria aquele símbolo com a pega e as flechas? Será que ele também praticava magia do caos? Nada sobre o que os Iluminados tinham falado parecera sombrio ou maligno. Será que estavam se segurando por causa dos intrusos?

Quando a reunião terminou, os Iluminados seguiram para os donuts em uma mesa dobrável. Gimble já ia pegar um lanche, mas Mulder o impediu.

— Não deixe que Sam vá embora ainda. Veja o que mais consegue tirar dele.

— Pode deixar. — Gimble mesmo assim parou para pegar um donut antes de alcançar o motoqueiro.

— Então, o que achou? — perguntou Sam, limpando açúcar de confeiteiro da jaqueta.

— Magia do caos parece bem profunda, sabe? — falou Gimble. — Me interessei em aprender mais a respeito.

— Diga a Céu que quer se inscrever na lista de correspondência — falou Sam. — Mandamos uma revista mês sim, mês não. Tem muita informação para iniciantes.

— Isso parece ótimo — falou Phoebe. — Vamos todos nos inscrever.

Sam fechou as mãos em concha e gritou:

— Céu? Temos mais três pessoas para a lista de correspondência. Isso dá 16.

Ela balançou a prancheta na direção dele.

— É só falarem comigo antes de irem embora.

Mulder não daria aos Iluminados o nome e o endereço dele. Talvez escrevesse o endereço do escritório do pai no Departamento de Estado.

Mulder pigarreou.

— Então, Sam? Tenho uma pergunta.

— Manda ver.

— Gosto do conceito de que a crença é uma ferramenta. Mas se as crenças de uma pessoa praticando magia do caos estiverem do lado mais sombrio do espectro?

Sam franziu a testa.

— A magia do caos é sobre transcendência. Não permitimos pessoas assim em nossa organização.

Céu os entreouviu.

— Nós expulsamos alguém há alguns meses porque estava interessado nesse tipo de coisa. Estava sempre falando do Campeão Eterno e da guerra entre Caos e Lei.

Gimble ficou interessado.

— O Campeão Eterno dos livros de Michael Moorcock?

Estavam falando de *A espada diabólica*? Mulder estava começando a achar que era a única pessoa que não tinha ouvido falar do livro antes de ganhar um exemplar do Major.

— Já leu? Foram parte da fundação da ideia por trás do que fazemos aqui — explicou Céu.

— Eu acabei de ler *A espada diabólica* — admitiu Mulder.

— Então imagine como seria irritante ouvir um cara falando do Campeão Eterno como se ele fosse uma pessoa real. — A garota da presilha de cabelo revirou os olhos. — Um herói lutando para restaurar o equilíbrio entre Caos e Lei. O cara achou que toda aquela coisa nos livros de Moorcock era real. Qual era o nome dele mesmo? — A garota da presilha estalou os dedos. — Burt? Merle? Não, Earl alguma coisa… Está na ponta da língua.

Mulder duvidava que estivesse. A presilha na cabeça da garota parecia ser mais do que um acessório de moda.

— Qual era o nome dele, Céu? Procure. — A garota da presilha gesticulou para a prancheta de Céu. — Enfim, esse tal de Earl era totalmente pirado, e era obcecado com Céu. Ficava falando com ela sobre o papel crítico que tinha em restaurar o equilíbrio. Por que não

consigo me lembrar do nome dele? Era Ray? Ele trabalhava em um viveiro que vendia plantas exóticas, e ficava trazendo presentes esquisitos para ela. Não deu a você uma planta carnívora? — A garota pegou a prancheta da mão de Céu e folheou as páginas, procurando pelos nomes.

Céu fez que sim com a cabeça.

— É. Eu penhorei na Corinda.

— Earl Roy! — gritou a garota da presilha de cabelo. — Era esse o nome dele!

— Tudo bem, gente. Está na hora de arrumar e sair — falou Céu, tirando a prancheta da garota.

Mulder manteve os olhos fixos à prancheta e reparou no momento em que Céu a apoiou na mesa, ao lado dos donuts. Ela saiu pela sala empilhando cadeiras e recolhendo lixo.

— O que posso fazer? — perguntou Phoebe.

Céu tirou um elástico do pulso e prendeu os cabelos em um rabo de cavalo.

— Pode terminar de tirar a mesa e jogar o saco de lixo na lixeira dos fundos, enquanto tiro a faixa.

— Sem problemas. — Phoebe olhou para Gimble e Mulder e inclinou a cabeça na direção de Céu. *Mantenham ela ocupada*, pronunciou a garota em silêncio.

— Deixa que eu ajudo — falou Gimble, seguindo Céu.

Mulder deu um passo na direção da mesa de bebidas, diante da qual Phoebe jogava guardanapos amassados na lixeira. Ela reparou e sacudiu a cabeça, avisando a Mulder que mantivesse distância. Ele se aproximou de Gimble e de Céu, mas manteve os olhos em Phoebe.

— Jogo fora a toalha de mesa de papel também? — gritou Phoebe.

— Claro. — Céu parou como se estivesse prestes a dizer outra coisa, mas Gimble a atingiu com um redemoinho de perguntas.

— Então, se eu quiser tentar entrar em um estado gnóstico, é melhor praticar no meu quarto ou na sala de estar?

Mulder observou Phoebe pela visão periférica até que ela agiu. Enquanto puxava a toalha de mesa de papel, fingiu não reparar na

prancheta de Céu e a enfiou na sacola de lixo preta junto com o restante do lixo.

Depois de Phoebe amarrar a sacola, Mulder se juntou a Gimble para atacar Céu com perguntas enquanto Phoebe andava apressada para a porta dos fundos. Ela saiu momentos antes de Céu soltar a última ponta da faixa. Mulder e Gimble ganharam tempo dobrando a faixa de forma errada, mas Céu a dobrou novamente em menos de um minuto. Ela verificou rapidamente a sala e enfiou a faixa na bolsa.

— Espere. Onde está minha prancheta? — Céu olhou em volta. — Acho que deixei na mesa.

Rápido, Phoebe.

— Tem certeza? — perguntou Gimble. — Porque perco as coisas o tempo todo.

Céu seguiu para a porta dos fundos.

— Phoebe?

Quando Céu estendeu a mão para empurrar a barra da porta, ela se abriu e Phoebe entrou segurando a prancheta.

— Isto estava no lixo — falou Phoebe, entregando-a à Céu. — Devia estar na mesa quando joguei fora a caixa de donuts e a toalha de mesa. Foi mal.

— Não precisa pedir desculpas. Acidentes acontecem. — Céu anotou os endereços falsos que eles deram para a lista de correspondência. Quando saíram do depósito, se separaram no café bar, onde Céu parou para conversar com Sam.

— Conseguiu? — perguntou Mulder a Phoebe, enquanto caminhavam para a parte da frente da loja.

— Nem vou responder essa pergunta — disse a garota.

Na saída, Phoebe parou para observar as prateleiras. Mas Mulder estava doido para ir embora. Queria ver o endereço. Ele ficou à porta, esperando.

Gimble pegou um punhado de gemas octogonais de cor vinho de uma tigela perto da porta.

— Elas parecem legais.

— São rubis brutos. — Corinda se aproximou por trás de Gimble, os cachos selvagens caindo às costas. — Têm propriedades de cura.

Uma pedra preta familiar estava na mesa ao lado da tigela.

— Qual é o nome desta? — perguntou Mulder, embora já soubesse a resposta.

— Nuumita — respondeu Corinda. — É o mineral mais antigo da Terra. Em círculos mágicos, é conhecido como a Pedra do Mago.

— Para que serve?

— Tem atributos de proteção poderosos que podem fortalecer o escudo da aura.

— Nunca ouvi falar de um escudo da aura — falou Mulder.

— É uma barreira que protege nossa aura de toda a energia negativa no mundo. — Corinda pegou a pedra preta. — Nuumita também é usada para autoexame e viagens xamanistas, um estado alterado que os xamãs alcançam e permite que vaguem para outros planos.

Ah, tá, pensou Mulder.

A garota da presilha de cabelo estava saindo e reparou que eles conversavam com a dona da loja.

— Ei, Corinda? Lembra do cara que comprou a planta carnívora para Céu?

Corinda fez que sim.

— E que comprou toda minha nuumita?

— Tinha esquecido disso — falou a garota da presilha de cabelo. — Ele ficava sentado durante as reuniões esfregando a pedra o tempo todo.

— Ele comprou mais alguma coisa? — perguntou Mulder.

— Não. Eu jamais teria vendido nada da loja para ele se soubesse que estava praticando magia negra.

— Com licença? — Phoebe acenou de onde estava, no balcão, segurando alguns livros, inclusive uma brochura de capa verde familiar. — Eu quero comprar estes livros.

— É claro. — Corinda seguiu calmamente para a registradora.

— Gimble, traga uma dessas pedras aqui. Compro uma para você — disse Phoebe, como uma mãe indulgente.

Gimble colocou uma pedra no balcão e viu *A espada diabólica*.

— Poupe seu dinheiro. Tenho uns cinquenta exemplares em casa.

Phoebe o ignorou e pagou.

— Voltem sempre — gritou Corinda enquanto eles iam embora.

— Posso ver o endereço? — perguntou Mulder assim que saíram da loja.

Phoebe tirou um guardanapo de papel do bolso e o entregou a ele.

— De nada.

— Obrigado — murmurou Mulder.

Ela tirou o exemplar de *A espada diabólica* da bolsa.

— Por que o comprou? — perguntou Gimble. — O Major já deu um exemplar para você.

Phoebe folheou o livro e leu a descrição.

— Não estou com aquele exemplar aqui, e se Earl Roy é obcecado por essa série e por essa coisa do Campeão Eterno, quero saber mais a respeito.

Mulder abriu a porta do o carro e se sentou no banco do carona. Os pensamentos dele estavam disparados, e não estava prestando atenção de verdade. Mas ouviu a última parte.

— Phoebe está certa — falou. — Precisamos saber o máximo possível sobre o Campeão Eterno.

Porque acho que vamos conhecê-lo.

CAPÍTULO 18

Estrada 320A, Craiger, Maryland

20:02

Mulder mal disse uma palavra quando Phoebe saiu do estacionamento e dirigiu para o norte na estrada 320A, na direção do endereço no guardanapo. Ele não estava em condições de dirigir.

Gimble se inclinou entre os bancos da frente para falar com Phoebe.

— Earl Roy mora perto da Reserva Florestal Patuxent, cerca de 16 quilômetros ao norte daqui, o que não é boa notícia.

— Por que não? — Subitamente, Phoebe pareceu preocupada.

— De acordo com o mapa, fica no meio da floresta.

A atenção de Mulder despertou.

— Não me importa. Vamos para a casa dele. Agora.

— Não sabemos se esse é o cara — disse Phoebe, pacientemente.

— Ele gostava de magia negra, o que deixava os Iluminados desconfortáveis, e as flechas no pássaro morto se pareciam exatamente com o símbolo do caos — disse Mulder. — E quando o "pirado" não estava ocupado polindo o estoque de nuumita, trabalhava em um viveiro que vendia plantas exóticas, onde poderia ter conseguido muitas dicas de jardinagem que o ajudassem a cuidar de todos os capuzes-de-frade que provavelmente está cultivando no jardim dele. Mas você não acha que ele é o cara?

Phoebe ignorou o tom de Mulder.

— Estou dizendo que não temos certeza. Talvez o motivo pelo qual os pedaços pareçam se encaixar seja porque nós *queremos* que se encaixem. E se estivermos errados?

— E se não estivermos? — disparou Mulder de volta.

— Então é provavelmente uma ideia ruim aparecer na casa de um assassino em série e tocar a campainha como se estivéssemos vendendo biscoitos — replicou Gimble, bruscamente.

— Precisamos pensar melhor nisso e montar um plano, Fox. E eu preciso de um hambúrguer — acrescentou Phoebe.

— Não temos tempo para parar. A vida de uma menina está em jogo — disse Mulder, como se fosse o único que se importasse.

Phoebe ficou tensa.

— Acha que não sei disso? Mesmo que ele não seja o assassino, disseram que era um pirado. Então não vou dirigir até a casa dele e agir no improviso. Como isso vai ajudar Sarah Lowe?

Mulder enfiou o guardanapo com o endereço de Earl Roy no bolso e afundou no assento. Parte dele sabia que Phoebe estava certa, mas a outra parte queria salvar aquela menina a qualquer custo. Não era apenas uma tentativa patética de se redimir. A não ser que encontrasse a irmã, redenção não era uma possibilidade. E mesmo que o fizesse, jamais conseguiria devolver a ela o tempo que tinha perdido.

Mas posso tentar evitar que o mesmo aconteça com essa menina.

— Tem uma lanchonete um quilômetro e meio à frente. — Gimble apontou para uma placa. — Fica no caminho da casa de Earl Roy.

— Tudo bem. — Mulder encarou o nada pela janela.



— Tem certeza de que isso é um restaurante? — perguntou Mulder.

Do lado de fora, Charlotte's Diner parecia mais uma casa. Quem quer que fosse o dono do lugar não tinha se esforçado muito na manutenção, a não ser que a tinta bege descascando, a moldura escura na janela e as cadeiras de madeira descombinadas na frente fossem escolhas de decoração.

— Você concordou em parar. — Phoebe passou direto por ele e ficou ao lado da porta com os braços cruzados.

Gimble deu de ombros e a seguiu.

— Também estou com fome. Não comi nada o dia todo, só uma tortinha de cereja e um donut.

A ideia de comer sequer um biscoito de água e sal deixou Mulder enjoado. A cabeça dele estava cheia de imagens de crianças aterrorizadas com veneno penetrando a pele e as mãos de um estranho sem rosto que entalhava flechas de ossos humanos.

Mulder só queria ir até o endereço escrito no guardanapo no bolso dele. Precisava saber a verdade, mesmo que o deixasse arrasado. A sensação de *não* saber apodrecia nele, como uma ferida aberta.

— Fox? Você vem? — chamou Phoebe.

— Sim.

Mulder respirou fundo e seguiu os amigos para dentro. Ele não esperava muito, e Charlotte's Diner não desapontou. Era básico — um salão com a cozinha depois de uma porta nos fundos. Toalhas de mesa xadrez vermelhas e brancas cobriam as mesas e cadeiras de madeira. Fotografias em preto e branco de lenhadores ao lado de árvores caídas e de velhas serrarias pendiam das paredes, da forma como fotos de família adornam as salas das pessoas.

A lanchonete estava quase vazia, mas o lugar inteiro cheirava a torta de maçã. Definitivamente um ponto positivo para Gimble e Phoebe.

Mulder não ligava. Ele queria entrar e sair.

O grupo se sentou a uma mesa nos fundos, e Phoebe e Gimble não perderam muito tempo lendo o cardápio. Quando a garçonete se aproximou, vestindo uma camisa social azul-claro estilo anos 1950 e uma saia combinando, Gimble fez o pedido em velocidade recorde.

— Pode me trazer um cheeseburger de bacon completo, anéis de cebola e uma porção de batatas fritas com chili e um milk-shake de baunilha?

— Contanto que tenha dinheiro para pagar a conta, posso trazer o que quiser. — Ela se virou para Phoebe. — E você, querida?

— Um cheeseburger com uma porção de fritas e café com creme e açúcar.

— Só quero um chá gelado — pediu Mulder.

— Tudo bem, então. — A garçonete bateu com a caneta no exemplar de *A espada diabólica* que Phoebe tinha colocado na

mesa. — Vocês leem isso? Meu sobrinho leu. É tudo coisa do diabo, se me perguntarem. — Ela olhou para o livro com raiva ao arrancar a folha com o pedido deles e colocar o bloquinho de volta no bolso superior da camisa, então apoiou a caneta atrás da orelha.

Phoebe folheou as páginas de *A espada diabólica*.

— Agora que a Senhora Fogo e Enxofre ali reprova, quero muito ler.

— Tem certeza de que não quer comer nada? — perguntou Gimble a Mulder.

— Nem se incomode. — Phoebe não tirou os olhos do livro. — Fox é teimoso. Se não pediu, não vai comer. Me conte os pontos principais desta coisa, Gimble. Não tenho certeza se consigo terminar esse livro inteiro sem fundir o cérebro.

— É sobre o que Major está sempre tagarelando. A série do Campeão Eterno é sobre a relação entre Caos e Lei e manter o equilíbrio entre eles. Chamam de Equilíbrio Cósmico. É onde entra o Campeão Eterno. Se um lado obtém vantagem, um Campeão Eterno é convocado para restaurar o equilíbrio.

— E esse é Elric, o elfo albino, certo? — Phoebe continuava a leitura dinâmica folheando as páginas.

Gimble suspirou.

— Elric não é um elfo.

— Certo. É o herói e um guerreiro durão que aparece para salvar todo mundo — falou Phoebe.

Mulder sacudiu a cabeça.

— Não. Elric é fraco e doente. Ele obtém o poder de Stormbringer.

— A espada? — perguntou Phoebe.

A garçonete chegou com a comida deles e trocou os pedidos, dando a cada um o prato errado. Phoebe mexeu o café e esperou a mulher sair para destrocar os pratos.

— É. — Gimble mordeu o hambúrguer. — Tem duas espadas: Stormbringer, uma Agente do Caos, e a espada-irmã dela, Mournblade, uma Agente da Lei. Mas não são espadas normais. Stormbringer e Mournblade são, na verdade, demônios que assumem a forma de espadas e se alimentam de almas.

— Onde obtêm as almas? — Phoebe enfiou uma batata frita na boca.

— Se o Campeão Eterno…

— Esse cara, Elric. — Ela mostrou a capa a Gimble.

— Isso. Nesse livro é Elric. — Gimble roubou uma batata frita do prato de Phoebe. — Então, se Elric mata, ou sequer corta alguém com Stormbringer, o demônio tem um banquete. E quando Stormbringer obtém uma alma, Elric consegue uma dose de força.

Mulder assumiu a conversa.

— Mas tem um porém. Como Stormbringer é um demônio, tem mente e vontade próprias, o que significa que Elric não tem controle total sobre a espada. Às vezes, é ao contrário.

— A espada controla ele? — Phoebe acenou com a cabeça em aprovação. — Essa é uma reviravolta legal.

Gimble gesticulou para Mulder, para que o amigo parasse de falar.

— Não entregue o final. É a melhor parte. — Ele virou para Phoebe. — As espadas podem causar sede de sangue no Campeão Eterno, e a única forma de saciar esse desejo é matando. Apenas pule para o final e leia as últimas duas páginas.

— Continue falando. — Phoebe começou a folhear o fim do livro.

Mulder e Gimble a ignoraram e esperaram enquanto a garota lia.

Os olhos de Phoebe se arregalaram.

— Isso é intenso. Stormbringer se volta contra o Campeão Eterno… e a espada mata ele!

Gimble concordou, entusiasmado.

— Sim, é o grande final da série. — Ele bebeu o milk-shake e olhou para a mesa. — Espero que minha mãe tenha conseguido terminar. Não sei se ela chegou ao fim.

Phoebe sentiu que havia algo que não sabia. Ela olhou para Mulder, mas ele sacudiu a cabeça. A garota entendeu a deixa e voltou para as batatas e para a conversa com Gimble.

— Acho que vou ficar com *Jornada nas Estrelas* — disse Phoebe. — Se Earl Roy realmente *acredita* nesse tipo de coisa, ele é maluco de carteirinha.

— Mas ele provavelmente não acha que é louco. — Mulder revirou a ideia na mente. — Crenças têm poder, como os Iluminados estavam dizendo na reunião. Se uma pessoa acredita em algo o suficiente, essa crença se torna realidade. Céu e a outra garota na reunião disseram que Earl Roy falava sobre ter um papel importante

em restaurar o equilíbrio entre Caos e Lei, e era obcecado com o Campeão Eterno. Talvez Earl Roy pense que ele é o Campeão Eterno, o grande herói que vai salvar o mundo.

Gimble fez que sim com a cabeça.

— Faz sentido. Todos os adultos que ele matou estavam infringindo a lei ou fazendo coisas suspeitas. Assassiná-los pode ser o jeito dele de virar a balança a favor da Lei.

Phoebe não engolia aquilo.

— Se Earl Roy está indo atrás de pessoas ruins como algum tipo de vigilante, por que mataria crianças inocentes?

— Não mataria — falou Gimble. — Não se está bancando o herói.

— E se Earl Roy acha que é o Campeão Eterno, não teria uma espada devoradora de almas como aquela do livro? — perguntou Phoebe. — Por que envenenaria Billy Christian em vez de usar uma espada para furá-lo?

— Tem alguma coisa que não estamos percebendo, mas não temos tempo de descobrir agora — disse Mulder, sussurrando. — Vocês já acabaram? Não podemos desperdiçar mais tempo. — Ele pegou dinheiro do bolso e deixou na mesa para pagar a conta.

Phoebe fez que sim.

— Precisamos ligar para a polícia.

A expressão de Mulder se fechou.

— Por quê?

— Fox, se está certo sobre pelo menos metade disso, precisamos mandar a polícia até a casa de Earl Roy — falou Phoebe.

— Já *tentamos* isso. Duas vezes. — Mulder elevou a voz. — De jeito nenhum vão acreditar nisso. Precisamos encontrá-lo nós mesmos.

A garçonete fez uma careta de reprovação e Phoebe deu um sorriso forçado para a mulher. Então ela se virou de novo para Mulder.

— Encontrá-lo *nós mesmos?* Está se ouvindo? Porque está agindo de forma irracional. Não estamos em Washington. A polícia aqui pode levar isso a sério, mas não saberemos até tentarmos.

— Vamos. — Mulder se levantou. — Tem um telefone público do lado de fora. Vou pegar moedas.

Phoebe foi ao banheiro enquanto Mulder e Gimble foram até a garçonete. Ela estava de pé à janela da cozinha, conversando com o cozinheiro.

— Com licença? — perguntou Gimble à mulher. — Troca um dólar?

— É claro. — A mulher contou as moedas e entregou a Gimble.

— E sabe me dizer onde fica isso? — Mulder entregou à mulher o guardanapo com o endereço de Earl Roy anotado.

— O que está fazendo? — sussurrou Gimble.

Mulder o ignorou.

— Tem certeza de que tem o endereço certo? — perguntou a garçonete. — Isso fica no meio da reserva florestal.

— Está certo — falou Mulder, esperando que fosse verdade.

A garçonete terminou de dar informações a Mulder no momento em que Phoebe saiu do banheiro. Mulder enfiou o guardanapo no bolso.

— Não diga nada — avisou ele a Gimble. — Só perguntei o caminho para o caso de acabarmos precisando.

— Tanto faz. Azar o seu.

Phoebe e Gimble seguiram Mulder para o lado de fora, atravessando o cascalho até o telefone público. Ele discou o número da emergência e inclinou o telefone para que pudessem ouvir.

— Polícia, bombeiros ou paramédicos? — perguntou o operador do outro lado da linha.

— Pode me transferir para a delegacia de polícia local? — perguntou Mulder. — Preciso falar com um policial.

— Não deveria ligar para a emergência para isso, senhor. — O operador parecia irritado. — Pode ligar diretamente para a delegacia do xerife.

— Desculpe, mas estou em um telefone público e não tenho mais trocado. Pode me transferir dessa vez?

— Por favor, aguarde.

Depois de alguns momentos, alguém atendeu.

— Delegacia do Xerife do Condado de Anne Arundel. Oficial Johannesen. Como posso ajudar?

Mulder fechou os olhos.

— Estou ligando com uma pista relacionada a um sequestro em Washington, DC. Sarah Lowe, ela desapareceu de casa há quatro dias. Sei quem a levou. O nome do homem é Earl Roy.

— E você o viu levar a criança? — perguntou o oficial.

— Não. Mas…

— Você o viu com a criança depois do sequestro?

— Não. Jamais o vi antes — admitiu Mulder.

— Tem alguma prova?

— Não. Mas…

— Ligue quando tiver. — O oficial desligou.

Mulder bateu o telefone no gancho.

Phoebe tocou o ombro dele.

— Fox…

— Eu disse que não acreditariam em mim — disparou Mulder. — E se Sarah não tiver tempo para isso? Já faz quatro dias. Se estivermos certos, ela só tem mais quatro dias. Mas e se estivermos *errados*? Não sabemos o que ele está fazendo com ela. Não podemos deixar uma criancinha sozinha lá.

Phoebe segurou Mulder pelos ombros.

— Precisa se acalmar.

— Não podemos deixá-la. — A voz de Mulder falhou.

Phoebe segurou o rosto dele.

— Ela não é Samantha. Isso não vai trazer sua irmã de volta.

Mulder tentou virar o rosto, mas Phoebe não soltou.

— Repete comigo — falou ela, com carinho.

Mulder sacudiu a cabeça.

— Preciso que você repita.

As palavras não vinham. Ele tentou se desvencilhar das mãos da amiga, mas estava preso — encurralado, sem saída, exceto para a frente.

— Sei que ela não é Samantha.

O peito de Mulder se apertou. Cada palavra parecia uma traição.

— Ela não é Samantha. — Mulder ergueu os olhos para encarar Phoebe. — Porque ela eu posso salvar.

CAPÍTULO 19

Perto da Reserva Florestal Patuxent

21:00

Gimble já se encontrava no banco traseiro do Gremlin e Mulder estava com uma perna no carro quando reparou que Phoebe não tinha se afastado do telefone público.

— O que foi? — perguntou Mulder, de pé atrás da porta aberta do carro.

— Não vou. — Os braços de Phoebe estavam cruzados, e o tom de voz dela tinha uma determinação que Mulder reconhecia. A garota estava batendo o pé. Se ele não a fizesse mudar de ideia logo, não haveria como mudar mais.

— Está com raiva porque pedi informações?

— O problema não é o caminho. Não vou acompanhar você em uma missão suicida. Se estiver certo a respeito de Earl Roy, então ele matou pelo menos meia dúzia de pessoas.

Mulder inclinou a cabeça para olhar para ela.

— A maioria das garotas acharia isso encantador.

Phoebe disparou até ele e parou do outro lado da porta aberta do carro, diante de Mulder.

— Não faça piadas. Não agora. Isso é sério.

As piadas eram estratégicas, uma tática para convencê-la de que Mulder tinha as emoções sob controle de novo — de que estava pensando direito nas coisas.

Ele ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Você venceu. Chega de piadas.

Phoebe revirou os olhos.

— Juro que você tem sarcasmo correndo nas veias no lugar de sangue.

— Que tal um acordo? — perguntou ele. — Nós dirigimos até a casa de Earl Roy e olhamos em volta. Talvez encontremos algo que possamos levar para a delegacia do xerife para convencer o oficial de que eu estava falando a verdade.

— E se não encontrarmos?

— Pensamos em um Plano B. Mas não consigo fazer isso sem você, Phoebe.

Ela esticou os braços para o alto e suspirou.

— Tudo bem. Mas só se você jurar que não vai fazer nada impulsivo.

Mulder se inclinou por cima da porta do carro e sussurrou ao ouvido da amiga:

— Beijar você foi impulsivo. Está dizendo que eu não deveria ter feito aquilo? — Mulder não sabia por que tinha escolhido aquele momento para perguntar. Mas o medo tinha o efeito oposto nele do que na maioria das pessoas. Em vez de tornar Mulder hesitante, o medo lhe dava coragem. A coragem que deveria ter tido antes.

Phoebe fixou o olhar em Mulder.

— Talvez você devesse tentar me beijar de propósito às vezes, a não ser que não queira que essa história entre nós, o que quer que seja, vá para a frente. — Ela aproximou tanto a boca da orelha de Mulder que ele conseguiu sentir o calor do hálito de Phoebe no pescoço. — Se esse é o caso, então continue com as sessões de beijos passageiras.

Ela se virou, contornou a frente do carro e sentou no banco do carona.

— Phoebe… — Mulder não teve certeza se a amiga ouviu.

Seguir o rastro de um psicopata não o assustava tanto quanto a ideia de perder mais alguém que amava, mesmo que esse alguém parecesse querer matá-lo com as próprias mãos.

Mulder entrou no carro e olhou pelo retrovisor. Gimble erguia o mapa contra a lâmpada do teto.

— Descobriu para onde vamos? — perguntou Mulder.

— Continue seguindo para o norte na 320A até chegar à River Road. Então pegue a esquerda.

Em minutos, as luzes da varanda da Charlotte’s Diner desapareceram atrás deles, e a estrada passou de escura como o inferno para um breu total. Mulder virou na River Road, um trecho estreito de asfalto que nem mesmo tinha uma linha divisória pintada no meio.

Ele se inclinou para mais perto do volante, semicerrando os olhos.

— Mal consigo ver além dos faróis do carro.

— Talvez devesse usar óculos. — Phoebe não conseguiu resistir à provocação.

— Se eu usasse óculos, pareceria elegante e bonito demais. As mulheres desmaiariam por onde eu passasse.

Phoebe resmungou.

— Tem certeza de que estamos no caminho certo? — perguntou ela, olhando para fora da janela do lado do carona com o rosto a centímetros do vidro. — Não vi uma única casa desde que saímos da 320A.

— Tenho certeza — assegurou Gimble. — A garçonete disse que há apenas poucas casas por aqui, e ficam todas deste lado do rio Patuxent.

— Talvez tenhamos passado por ela. — Phoebe não queria admitir que estava nervosa. Nenhum deles queria. Ou precisariam reconhecer o tipo de risco que estavam assumindo ao dirigirem até lá.

Gimble verificou o mapa de novo.

— Eu não…

— Espere! — gritou Phoebe, quase matando Mulder de susto. — Viu aquilo?

— Não, a não ser que eu tenha atropelado. — Ele não podia arriscar tirar os olhos da estrada.

— Volte — disse a garota.

— O que era? — perguntou Gimble.

Phoebe sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza, mas era *alguma coisa*.

— Gimble, fique de olho em faróis atrás de nós. — Mulder deu marcha à ré.

— Não vemos um carro há 15 minutos — falou Gimble. Então ele viu de relance a expressão de tensão de Mulder pelo retrovisor e se virou, fingindo vigiar.

Phoebe olhou pela janela traseira.

— Espere. Pare.

Assim que o Gremlin parou, ela saiu do carro, deixando a porta aberta. A iluminação a mais era o bastante para Mulder ver uma caixa de correio amassada pregada a um poste. Ele saiu e deu a volta até o lado do carona.

Mulder se abaixou ao lado de Phoebe e observou a caixa. Letras foram gravadas no metal na lateral. *ER* e outra letra que parecia um *P*.

Earl Roy.

Gimble colocou a cabeça para fora da janela.

— Então?

Mulder engoliu em seco.

— Esta é a casa dele.

A entrada de terra para carros ao lado da caixa de correio serpenteava pelas árvores, não era nada além de marcas de pneu no meio da vegetação. Se Mulder estivesse sozinho, teria arrancado com o carro e seguido a trilha. Ele ficou parado onde o acostamento da River Road e a terra marcada por pneus se encontravam.

Mulder e Phoebe voltaram para o carro. Todos ficaram em silêncio quando ele virou e dirigiu pelo caminho de terra. Mulder se agarrava ao volante com as palmas das mãos suadas enquanto galhos arranhavam as laterais do Gremlin.

— E se ele vir o carro? — sussurrou Phoebe, como se Earl Roy conseguisse ouvi-la.

— Encoste aqui à esquerda. — Gimble apontou para um trecho de grama na lateral da entrada.

— Tem uma luz acesa adiante — falou Phoebe. — Está vendo?

— Quero olhar mais de perto. — Mulder estacionou, apagou os faróis e abriu a porta para sair, mas Phoebe segurou o braço dele.

— Tem certeza disso? Poderíamos sair e ir buscar a polícia agora mesmo.

Porque a polícia foi tão prestativa até agora?, pensou Mulder.

Ir até a polícia era a opção mais inteligente e mais segura para *ele*, mas e quanto à Sarah Lowe? E se ela estivesse lá dentro naquele momento, e estivesse ferida? Mulder se imaginou aproximando-se da casa e ouvindo gritos da menina. Não poderia fracassar com ela.

E não poderia dar as costas se havia uma chance de que Earl Roy tivesse informações a respeito de Samantha.

— Só quero dar uma olhada. E se o lugar estiver abandonado? Ou se ele não morar mais lá e nós trouxermos a polícia até aqui? E isso presumindo que vão nos ouvir. Não temos muitas pistas. Já perdi a credibilidade com um departamento de polícia. — Mulder saiu e puxou o banco para que Gimble saísse.

— Então vamos mesmo fazer isso? — perguntou ele.

— Se quiser esperar aqui, tudo bem — disse Mulder ao amigo.

Gimble reparou que Phoebe estava saindo e se empertigou.

— Tranquilo.

Os três amigos seguiram juntos pela entrada de carros, seguindo a tênue luz amarela como se fosse um farol. Poucos metros depois, a casa apareceu. A luz da varanda expunha trechos da construção em ruínas. Parecia mais um barraco do que uma casa.

— Está escuro do lado de dentro e não há carros na frente. — Secretamente, Mulder se sentiu aliviado. — Ele não deve estar em casa. Fiquem aqui enquanto verifico.

— Isso não foi o combinado — lembrou Phoebe a ele.

— Olhem. — Mulder apontou para as janelas escuras. — Não tem ninguém aqui. Só quero ver o que tem nos fundos.

— Isso é uma má ideia. — Gimble olhou por cima do ombro. — E se o cara chegar em casa?

— Assobiem ou algo assim.

— Isso não é meio óbvio? — perguntou Gimble.

— Não se preocupe. — Mulder se virou e caminhou na direção da casa aos pedaços. Ele estava perdendo tempo. — Voltarei em três minutos.

— Fox… — suplicou Phoebe.

Mulder se importava com Phoebe mais do que com qualquer outra pessoa, exceto a mãe, mas não podia dar as costas àquilo, nem mesmo por tempo o suficiente para procurar a delegacia medíocre de Craiger.

Mulder ficou perto das árvores que ladeavam a entrada de carros e a beira do quintal — se é que um caminho de terra delimitado por galhos espinhentos podia ser chamado de quintal. Conforme Mulder se aproximava da casa e seus olhos se ajustavam à escuridão, detalhes perturbadores revelaram a condição da construção. A varanda se inclinava perigosamente para um lado, e o corrimão de madeira tinha caído há muito tempo. As tábuas que compunham as paredes externas estavam em diversos estágios de putrefação. Era o tipo de casa que costumava ter uma placa de CONDENADA pregada à porta.

A vegetação era mais densa na lateral da casa, e os pés de Mulder ficavam presos a raízes de árvores e heras. Quando ele finalmente chegou ao quintal dos fundos, a pouca iluminação que a luz tênue da varanda oferecia tinha sumido. Um fiapo de luar

atravessava as árvores, projetando um brilho pálido sobre uma pilha de metal do tipo que se vê em ferro-velho.

Era alta o bastante para que Mulder se agachasse atrás da pilha, e ofereceria uma vista livre da porta dos fundos. Ele disparou na direção da pilha de metal, totalmente ciente do quanto cada passo era ruidoso. Mas do lado de dentro, a residência permanecia escura. Mulder se sentiu idiota por temer uma casa velha aos pedaços e a vegetação assustadora.

Por que se deixava ser contagiado pela paranoia de Phoebe e de Gimble?

O caminho até os degraus dos fundos era direto. Não poderia fazer mal olhar pela janela da porta. Mulder provavelmente não veria nada, exceto uma casa vazia e um beco sem saída. Ele deu a volta até a frente da pilha de metal e algo duro lhe cutucou a costela. Mulder olhou e levou um segundo para perceber o que o tocara — o guidom da bicicleta de uma criança.

Um calafrio percorreu a espinha dele. O garoto semicerrou os olhos, examinando a pilha de metal. Pedaços de plástico metálico reluziam ao luar. Fitas pendiam de outro guidom. Mulder estendeu a mão e a passou pelo metal. Bancos de vinil não muito maiores do que a palma da mão dele. Pequenos pneus. As curvas de diversos conjuntos de guidons.

Dezenas de bicicletas e triciclos — alguns velhos e enferrujados e outros parecendo novos em folha — estavam empilhados com descuido em uma montanha de memórias de infância.

A quem pertenciam? Onde estão essas crianças agora?

Billy Christian e Sarah Lowe não estavam andando de bicicleta quando foram levados. Será que aquele desgraçado tinha sequestrado outras crianças que não estavam nos artigos de jornal que Mulder encontrou?

Uma imagem percorreu a mente dele. Um triciclo azul-metálico parecido com uma moto, com banco branco e guidom combinando, e dois estribos atrás. Samantha tinha escolhido sozinha quando tinha quatro anos. Na loja de brinquedos, ela passou pelos triciclos cor-de-rosa e parou diante do azul chamativo.

— Este aqui — dissera a menina.

Mulder se lembrava de sentir como se tivesse passado o verão inteiro com um pé na traseira daquele treco enquanto Samantha gritava:

— Me empurra, Fox!

Uma onda súbita de ódio tomou Mulder. Ele quis arrancar cada uma das bicicletas e jogar na casa decrépita de Earl Roy.

Mulder atravessou o quintal, deu alguns passos em direção à porta dos fundos e olhou pela janela suja. Conseguiu discernir as silhuetas da geladeira e do forno, o brilho pálido da luz da varanda chegava até o fim do corredor. Mulder tentou abrir a porta sem pensar. A tranca emitiu um clique e a porta se moveu.

Coincidências não existem.

Isso tinha se tornado o mantra de Mulder, e o lugar cimentava a crença.

O destino o levou até ali.

No fundo, Mulder sabia que Samantha não estava naquela casa. Mas Earl Roy poderia ter respostas às perguntas que o assombravam há 1.952 dias.

Samantha ainda estava viva? Se não estivesse, o que aconteceu com ela?

Podia ser tarde demais para salvar a irmã, mas se Sarah Lowe estava do lado de dentro — ou se ali havia informações que pudessem ajudar a polícia a encontrá-la — talvez Mulder fosse capaz de salvar aquela menina de oito anos.

Atravessou o batente.

Calma. Você vai estar longe daqui antes que ele volte para casa.

Mulder respirou fundo e seguiu em linha reta pela casa até a porta da frente. Queria avisar a Gimble e Phoebe por que estava demorando tanto, embora Phoebe fosse matá-lo quando percebesse que Mulder tinha entrado.

Vou compensá-la. Por tudo isso.

A cozinha minúscula e ultrapassada era surpreendentemente limpa. No corredor, fotografias em preto e branco, em molduras simples de madeira, pendiam da parede. O lugar parecia meio normal, até que Mulder viu um sofá dourado com entalhe ornamental em um cômodo e seis cadeiras douradas descombinadas na sala de jantar. As cadeiras tinham estofamento

de veludo, cada uma de uma cor, e lembravam a Mulder a mobília chique na sala de estar da tia, a qual bunda alguma jamais afundara. Os móveis pareciam deslocados na casa de um homem adulto.

Em uma pequena mesa ao lado da porta da frente, uma única moldura de prata estava orgulhosamente exposta.

Mulder acendeu a luz e abriu a porta da frente, inclinando o corpo para fora. Ele acenou, e Phoebe e Gimble saíram das árvores. Mulder não conseguia ver o rosto de Phoebe, mas sabia o quanto a garota estava irritada.

As silhuetas dos dois se moveram na escuridão, como se caminhassem na direção da casa. Mulder entrou de novo e pegou a moldura prateada na mesa. Uma criança sorria de volta para ele. O garoto encarou a imagem, o coração saltando no peito.

Então ele viu algo de relance pela visão periférica, e as coisas aconteceram em uma rápida sucessão, como dominós caindo.

Um braço passou em torno do pescoço de Mulder e o ergueu do chão.

A moldura prateada deslizou da sua mão e se estatelou no piso…

Mulder arquejou, mas não conseguia puxar fôlego.

Um menino o encarava por trás da teia de vidro quebrado na moldura.

Billy Christian.

A pressão do braço em volta do pescoço de Mulder aumentou e ele foi arrastado para longe da porta. A visão do rapaz ficou embaçada e saiu de foco.

Uma bota chutou a porta.

A última coisa que Mulder viu foi a porta da frente se fechando com força.

CAPÍTULO 20

Residência de Earl Roy

21:27

X chafurdara pela lama nas botas novíssimas, seguindo Mulder e os amigos nervosos dele. O agente aturara isso porque o garoto era inteligente, e havia noventa por cento de chance de estar certo a respeito de Earl Roy, um fanático por magia do caos que tinha sido expulso dos Iluminados sabe-se lá o quê, um clube para esquisitões New Age.

Em uma ação nada genial, Mulder e os amigos estacionaram um AMC Gremlin laranja chamativo ao lado da estrada de terra que servia de entrada de carros para a casa de Earl Roy. Qualquer um que passasse pela estrada veria o escandaloso automóvel a dez metros de distância.

Foi assim que X acabou chafurdando pela lama. Precisou estacionar fora de River Road e dar a volta pelo bosque para alcançar as crianças sem ser visto.

No entanto, X não foi rápido o suficiente. Quando chegou à frente do barraco em ruínas, os amigos de Mulder estavam de pé na entrada de carros, expostos. Está certo que X usava um protótipo de óculos de visão noturna, mas mesmo sem eles, dois adolescentes loiros não eram difíceis de enxergar.

Em que droga de lugar estava Fox Mulder?

Uma luz se acendeu no cômodo da frente da casa e a carreira de X passou diante dos olhos dele — e se Mulder continuasse provocando o destino, seria uma carreira curta.

Porque X viu Mulder abrir a porta da frente daquele ensaio patético de casa e acenar para os amigos. O idiota deve ter um complexo de herói de proporções épicas. X imaginou Earl Roy estacionando a picape e vendo o adolescente de pé em sua sala.

Tem como essa missão ficar pior?

Assim que a ideia se cristalizou na mente de X, ele se arrependeu de se permitir pensar nela. As coisas sempre podiam piorar e, de acordo com a experiência de X, sempre ficavam.

Quando ele começou a se virar, uma figura curvada surgiu atrás de Mulder e passou o braço em volta do pescoço do adolescente. Os amigos dele congelaram onde estavam. Devem ter visto o cara agarrar Fox também. O que não tinham como ver sem a visão noturna de X era tão apavorante que fez os pelos nos braços do agente se arrepiarem.

O homem atrás de Fox parecia usar uma máscara branca, como um psicopata de um filme de terror.

Earl Roy se virou para chutar a porta da frente com a bota e X percebeu que não era uma máscara. Era tinta.

X estava pronto para disparar até a porta e ir atrás do garoto. Mas ele não podia deixar que Fox ou os amigos o vissem.

— Entrem na porcaria do carro — murmurou X consigo mesmo, esperando que os outros dois adolescentes reagissem.

Mas a garota se recuperou primeiro do choque e arrastou o menino nanico até o carro.

— Isso mesmo — falou X. — Vão buscar a polícia.

Ele observou o motor do Gremlin ser ligado e o carro virar para a estrada principal.

Mas o carro virou para a esquerda em vez da direita. X xingou baixinho. Estavam dirigindo para a direção errada.

Importava mesmo? A delegacia do xerife mais próxima ficava a trinta minutos — talvez mais —, e isso se eles estivessem dirigindo para a direção *certa*.

Assim que o Gremlin arrancou, X entrou em ação. Precisava tirar o filho de Bill Mulder daquela casa sem deixar que o menino o visse — um garoto esperto com uma memória como a de Fox reconheceria X da delegacia de Washington, com certeza, e isso não era permitido.

Ele passou pela porta da frente e olhou rapidamente a sala de estar antes de seguir para a cozinha. Parecia arrumada e limpa a princípio, mas X estivera em uma casa como aquela antes — comum e genérica demais. X crescera em uma dessas casas. Os segredos estavam todos ali, se a pessoa soubesse onde procurar.

X abriu a despensa, meio que esperando que um corpo caísse. Algo se moveu e X cambaleou para trás. Uma massa preta se precipitou na direção dele.

Um rei dos ratos.

Um aglomerado de ratos se contorcendo — com as caudas entrelaçadas e torcidas, o que os transformava em uma criatura monstruosa.

Algumas pessoas acreditavam que reis dos ratos eram maus presságios, um fenômeno tão raro que apenas poucos espécimes

existiam em museu de história natural. Mas X sabia bem. Os espécimes existiam sim, mas não havia nada de natural a respeito deles. X tinha 11 anos, talvez 12, quando leu sobre o fenômeno em um livro que levou para casa da biblioteca da escola. Certa noite, a brochura sumiu. X o encontrou na sala de estar. O pai estava sentado na poltrona manchada dele, bêbado, como sempre, com o livro na mão.

— Sabe que essa besteira não é real, não sabe?

O agente não se moveu.

— Neste livro, eles perguntaram a todos os cientistas famosos e nenhum deles conseguiu explicar. — O pai de X gargalhou, gotas de saliva cobriram X e o livro. — Aposto que não perguntaram a um zelador.

O pai de X tomou um gole da garrafa que segurava.

— Ratos não são espertos, mas fazem qualquer coisa para sobreviver. Está vendo isto? — Ele apontou para a foto do espécimen de rei dos ratos. Vinte ratos, com as caudas entrelaçadas e presas no centro, com as cabeças apontadas para fora. — Se ratos se emaranhassem assim na vida real, sabe o que fariam? — O pai de X tomou outro gole. — Eles mastigariam as próprias caudas para se libertarem.

O homem bateu na foto.

— Pessoas fizeram isso. Amarraram as caudas dos ratos para que não pudessem se soltar. A natureza não cria monstros. Apenas os homens fazem isso.

X observou a massa escura de ratos disparar para a sala, os pedaços de barbante e lã com que Earl Roy amarrara os animais seguiram o emaranhado.

Agora X sabia que estava lidando com um monstro.

Earl Roy devia estar entocado no porão. Quando X tentou abrir a porta, estava trancada pelo lado de dentro. Ele tinha duas opções — arrombar a porta e proteger Fox Mulder, a diretriz do Fumante, ou seguir protocolo da organização e proteger a identidade. X sabia qual opção o chefe esperaria que ele fizesse.

Mas como poderia deixar o garoto?

X respirou fundo e pensou no menino preso lá embaixo com um monstro. Então pensou em outro garoto — um menino que ficou no

cantinho durante horas até cair de exaustão enquanto o pai enchia a cara e brigava com ele. Um menino que se sustentou durante a faculdade e se juntou à organização. Havia sacrifícios que não estava disposto a fazer.

X fez sua escolha.

Ele entrou na cozinha e encontrou um telefone preto antigo de disco. Então discou o número que todos sabiam de cor.

Depois X se virou e saiu pela porta dos fundos.

CAPÍTULO 21

Residência de Earl Roy

21:59

— A Lei escolhe os pecadores. — A voz soava alta e distante ao mesmo tempo.

Mulder sentia sua cabeça pesar.

Será que estava sonhando?

Não. Não era isso…

Mulder inspirou profundamente. O que era aquele cheiro? Perfume? Flores? Ele tentou se esticar, mas não conseguia mover os braços.

Algo estava errado.

Outro som permeava a névoa que nublava os pensamentos dele — um piado melódico.

— Cante para mim, e lhe darei mais bife — disse um homem com a voz grave.

Era a mesma voz que Mulder acabara de ouvir. Ele se forçou a abrir os olhos e imediatamente se arrependeu. A luz suave no quarto o cegou, como se encarasse o sol. Mulder tentou proteger os olhos, mas não conseguiu erguer os braços diante do corpo. Levou um segundo para entender que estava com os pulsos atados às costas e que olhava para barras metálicas finas.

Então se lembrou — de entrar na casa de Earl Roy e acender a luz, de Phoebe e Gimble avançando na direção dele, de sentir um braço em volta do pescoço e do rosto de Billy Christian por trás do vidro quebrado.

Estava em algum tipo de jaula metálica. Se curvasse o corpo, conseguia se sentar sem bater com a cabeça. Mulder se abaixou para ler um adesivo prateado rasgado no fundo da jaula: CASAS CÃO FELIZ.

Estava em uma gaiola de cachorro.

A percepção tomou conta dele — junto com o pânico. O homem que o enforcara e o trancara ali dentro já matara uma criança e sequestrara outra. O que ele faria com Mulder, um intruso que invadira sua casa?

Me matar.

Mulder não podia pensar daquela forma. Gimble e Phoebe deviam ter visto Earl Roy agarrá-lo, então a polícia já devia estar a caminho.

Vou conseguir sair daqui, e Sarah também.

Mulder observou os arredores. A combinação das paredes de pedra áspera e das velas grossas e longas banhando o quarto em luz amarela, o lugar parecia um cruzamento entre um castelo medieval e o quartel-general de uma sociedade secreta.

O símbolo do caos, ou o Símbolo do Oito, como chamavam os Iluminados, estava pintado à mão na parede com tinta preta que escorrera em alguns lugares, deixando longas faixas que desciam até o chão. A parede oposta estava coberta com texto e uma única flecha apontada para cima, e pétalas de rosas brancas cobriam o piso de pedra lisa.

Do outro lado do quarto, uma gaiola de pássaros requintada, folheada a ouro, pendia do teto, com um pássaro preto e branco dentro que alternava entre pios e o canto melódico que Mulder ouvira um minuto antes. Parecia exatamente com a pega que ele vira deitada sobre o peito de Billy Christian no cemitério.

Earl Roy não estava à vista.

Sons abafados ecoaram do outro lado da parede — passos, um sino tocando, raspar e a mesma voz grave, murmurando e cantando. Mulder se pôs de novo de lado para fazer parecer que ainda estava inconsciente. O ângulo permitia que ele olhasse para cima, do fundo da jaula, e vigiasse.

Um homem de ombros largos entrou de costas no quarto, arrastando algo. As solas das pesadas botas de trabalho dele faziam um baque surdo contra o piso de pedra, cada passo era lento e deliberado. A metade superior do macacão azul do homem pendia da cintura, e as costas da camisa branca que ele usava por baixo estavam manchadas de suor. O homem segurava o encosto de uma cadeira dourada elegante, como aquelas do andar de cima, inclinando-a cuidadosamente para trás conforme a puxava quarto adentro.

Earl Roy tinha algo branco nos braços e nas mãos. Não era empoado como talco de bebê. Parecia mais tinta de parede. Mas o homem se manteve de costas para Mulder, então ele não conseguiu ver muito sem se erguer. A pega piou, e Earl Roy abaixou as pernas da frente da cadeira e a deixou virada para a parede.

Ele se virou e apontou para a jaula.

— Não me teste.

Mulder viu o rosto de Earl Roy e congelou. Olhos azuis observavam de uma máscara de branco que cobria cada centímetro do rosto do homem e se misturava ao limite dos cabelos dele, descendo pelo pescoço em pinceladas descuidadas. A cor opaca e a textura oleosa lembravam Mulder da maquiagem que palhaços e mímicos usavam para pintar os rostos.

Ou da capa de *A espada diabólica*.

Um guerreiro albino.

Earl Roy tinha se transformado na imagem do Campeão Eterno, Elric, do livro. O efeito apagava as feições do assassino, exceto pelos olhos azuis em pânico que percorriam o quarto.

— Mais quatro dias — disse Earl Roy para si mesmo, usando o tom de voz sussurrado de quem guarda um segredo, ou que tenta se convencer a não fazer algo precipitado. — Você pode esperar mais quatro dias para destruir o demônio. Já fez isso antes.

Mais quatro dias.

Ele estava falando do oitavo dia, quando matava as crianças.

O lado lógico de Mulder disse a ele que ficasse calado e torcesse para Earl Roy deixasse o quarto por tempo o suficiente para libertar as próprias mãos. Mas a lógica quase nunca vencia com Mulder. Ele agia por instinto. No momento, sua intuição lhe dizia para conseguir o máximo de informação a respeito de Earl Roy quanto fosse possível.

Iniciar uma conversa com um homem instável parecia arriscado, mas ele não ficaria sentado em uma gaiola de cachorro sem fazer nada.

— O que acontece em quatro dias? — perguntou Mulder, com a voz pouco mais alta do que um sussurro.

— O ciclo recomeçará. — Earl Roy não olhou para Mulder, mas pelo menos não pareceu irritado pelo garoto ter falado com ele.

Mulder se arrastou para o lado da jaula que estava mais próximo de Earl Roy, e viu algo pendendo do assento da cadeira.

Dois pés pequenos.

— Me deixe em paz. A decisão não é sua — disse Earl Roy, encarando a gaiola do pássaro e o encosto da cadeira. Estava falando com o pássaro de novo? Earl virou a cadeira, deixando manchas de tinta oleosa branca no veludo azul.

Sarah Lowe estava sentada na cadeira dourada, o pequeno corpo aninhado contra o veludo. A menina usava um vestido branco, os cabelos loiros estavam cuidadosamente escovados e uma guirlanda de rosas brancas caía pelos ombros dela como uma capa. O encosto da cadeira estava decorado com festão prateado de Natal e laços baratos de embrulho, como se fosse um trono improvisado. Faixas de tecido envolviam o peito e os pulsos da menina, amarradas em laços de muitas voltas, prendendo-a à cadeira.

Os olhos da criança estavam fechados, mas Mulder viu que os ombros dela estremeciam, como se estivesse tendo um pesadelo. A menina parecia drogada, provavelmente com um sedativo como aquele listado no relatório da autópsia de Billy Christian.

— O receptáculo está fazendo um sacrifício honroso. Quer um presente? — Earl Roy ficou de pé diante de Sarah, parecendo enojado. — Em quatro dias, darei a você o presente que merece.

Que diabos está acontecendo?

Earl Roy disparou para fora do quarto. Mulder ouviu o sino de novo e outro farfalhar. Ele viu de relance algo rosa próximo à porta.

Não…

Mulder sentiu gosto de bile no fundo da garganta. Earl Roy estava empurrando uma bicicleta rosa de criança com fitas da cor do arco-íris e um sino dourado reluzente. A mente de Mulder reviu a pilha de bicicletas atrás da casa. Será que foram “presentes” para outras crianças um dia?

— Aqui está — disse Earl Roy, orgulhoso, quando presenteou a criança drogada com a bicicleta.

Entre no jogo. Faça com que ele fale de novo.

Mulder pigarreou.

— Essa bicicleta é bem legal — disse ele, lutando para permanecer calmo. — Vai deixar que ela ande?

— Nunca tive uma bicicleta. — O assassino se virou para Mulder, mas não fez contato visual. — Meu pai dizia que bicicletas eram caras. Coisas especiais são para pessoas especiais. — Ele foi até a bicicleta rosa e tocou o sino dourado. — Ele disse que eu não era especial o bastante para ter uma. — Os lábios brancos pintados do assassino formaram uma linha tensa e ele sacudiu a cabeça. — Eu. O único humano que consegue ver a espada.

Mulder tinha feito Earl falar. Mas agora que falara, como Mulder deveria responder? Ele precisava do Major para traduzir.

— Se deixar o efeito da droga passar, Sarah pode andar de bicicleta quando acordar — disse Mulder. — Não deu nada que vai machucá-la, deu?

Earl Roy gesticulou para a menina, confuso com a pergunta.

— Stormbringer não precisa de proteção.

Por que ele está chamando a menina de Stormbringer?

Nos livros, Stormbringer era um demônio que assumiu a forma de uma espada — não uma criança.

Será que Earl Roy estava alucinando? Ele estava definitivamente delirante. Mas acreditava em cada palavra que dizia.

E há poder na crença.

— Mas a menina nessa cadeira não é uma espada — disse Mulder.

O assassino se aproximou da jaula, o rosto branco estava a centímetros das barras de metal fino. O homem fechou os dedos em torno delas.

— *Você* não consegue ver a lâmina crescendo dentro dela. Sou o único que consegue, porque *eu sou* especial. — Earl Roy olhou de novo por cima do ombro, como se achasse que Sarah, ou, na mente dele, a espada-demônio Stormbringer, estivesse entreouvindo a conversa deles. — Neste mundo, as crianças são os receptáculos. É assim que Stormbringer me atormenta. Ela sabe que não quero ferir inocentes.

Mulder pensou no fim do livro. A espada-demônio se voltou contra o Campeão Eterno e o matou. Será que Earl Roy temia que o mesmo acontecesse com ele?

— Por isso mata as crianças? — perguntou ele. — Para evitar que Stormbringer mate você?

— O demônio não vai me ferir. Eu o alimento de almas. Ele quer o Campeão Eterno.

Earl Roy não fazia sentido. Ele não deveria ser o Campeão Eterno?

Mas Earl Roy ficava falando do Campeão Eterno como se fosse outra pessoa. Será que o Campeão era uma alucinação, como as

espadas brilhantes que o assassino via dentro das crianças? Ou uma voz na cabeça dele?

A pega piou e Earl olhou com raiva para Sarah.

— Não sussurre suas mentiras para o pássaro. Ele obedece ao Campeão Eterno, e transportará a alma da criança para a próxima vida, onde poderá encontrar paz. — O lunático estava ficando mais agitado a cada segundo. — Então enterrarei o corpo do receptáculo em um local de honra.

Earl Roy bateu com os punhos nas têmporas — diversas vezes.

— Fique fora de minha cabeça, Stormbringer, ou cantarei a canção. “E quando o Caos me embala no sono, suplico à Lei que minha alma guarde…”

— Por isso matou os adultos? Os “pecadores” cujos ossos levou? Como o senhorio do cortiço e o psiquiatra? Você os matou para que pudesse alimentar Stormbringer com as almas deles? Eu entenderia se fosse o caso — mentiu Mulder. — O demônio te disse para fazer isso, não foi? E eram pessoas ruins mesmo.

— Verdade. Mas esse não é meu trabalho, e eu jamais poderia fazer isso.

— Então quem os matou? — perguntou Mulder.

— A Lei escolhe os pecadores. — Earl Roy inclinou a cabeça e olhou Mulder com curiosidade. — A próxima pessoa que ele escolher pode ser qualquer um. Até mesmo você.

Mulder visualizou o mapa do Major. Ele ficava retornando à distância entre aquela casa e as localidades em que as vítimas adultas dos assassinatos foram descobertas. Algumas das localidades dos crimes, como a margem do rio na cidade de Washington, eram uma boa caminhada. Será que um assassino em série deixaria as crianças sozinhas por tanto tempo?

A intuição de Mulder tomou conta e ele percebeu que havia outra possibilidade…

Talvez nós tenhamos entendido tudo isso errado.

Mulder observou os olhos vazios do assassino.

— Você é o Campeão Eterno?

Earl Roy sacudiu a cabeça.

— Não.

— Mas você ficou falando sobre o Campeão Eterno… e você tem a Stormbringer, a espada dele. — Mulder soava como um louco, mas não conseguia se impedir. — E quanto à sua pele? Você a pintou de branco como a de Elric. Por que faria isso se não fosse o Campeão Eterno?

— Porque sou o protetor dele.

CAPÍTULO 22

Residência de Earl Roy

22:27

Mulder se lembrava desse detalhe do livro.

— Certo. O Campeão Eterno sempre tem um companheiro, um protetor.

— É meu trabalho destruir Stormbringer antes que o demônio se torne poderoso demais para ser controlado. Não se pode confiar na espada. Ela trairá o Campeão Eterno e o matará. Mas descobri como mudar a história.

— Como? — insistiu Mulder.

— O Campeão Eterno jamais empunha Stormbringer. A espada e o receptáculo ficam comigo. — Earl Roy esfregou o rosto, espalhando tinta branca pela bochecha. — Até a meia-noite do oitavo dia, quando eu a destruo. Mas Stormbringer sempre retorna. Ela encontra outro receptáculo, e o Campeão Eterno me faz buscar a espada.

— Nos livros, o Campeão Eterno recebe o poder de Stormbringer e, em troca, a alimenta com almas — observou Mulder. — Se Stormbringer fica com você, então como o Campeão Eterno obtém o poder de que precisa para restaurar o equilíbrio entre Caos e Lei?

— O Campeão Eterno me dá os ossos dos pecadores, e eu os entrego a Stormbringer.

— Mas não é assim que funciona nos livros — argumentou Mulder. — Não pode simplesmente reescrever a história. Já foi escrita.

— Cale a boca! — Earl Roy se virou subitamente, como se alguém tivesse gritado o nome dele, com ódio incandescente nos olhos. — Você não sabe de nada sobre a forma como as coisas funcionam. Nem deveria estar aqui. O que quer que aconteça não é minha culpa. — O assassino caminhou até o trono assustador e parou diante de Sarah. Ele acenou com a cabeça, como se a menina falasse com ele. — Se eu fizer, vai ter que me deixar em paz. Apenas por um pouco de tempo — suplicou Earl Roy.

O estômago de Mulder se revirou. Um assassino em série insano estava negociando com a voz psicótica na própria cabeça, e pelo que Mulder conseguia entender, a alma dele era a moeda de troca.

Earl Roy calçou luvas de borracha amarelas e pegou um pincel largo, como os que a mãe de Mulder usava para pintar a cozinha, e

um recipiente de vidro. Ele abriu o recipiente com cuidado e tirou uma pincelada de uma polpa marrom-esverdeada.

Aconitina. O veneno que tinha matado Billy Christian.

Earl Roy devia ter amassado as folhas.

— “E quando o Caos me embala o sono, suplico à Lei que minha alma guarde…”

— O que está fazendo? — Mulder se espremeu no canto traseiro da jaula e desesperadamente tateou em busca de um pedaço de metal áspero com que pudesse serrar as cordas. A lógica disse a ele que jamais teria tempo de cortar sequer um centímetro, mas era só o que podia fazer.

— Não é culpa minha — disse Earl Roy quando caminhou até a jaula. — Stormbringer quer uma alma. Você não deveria estar aqui.

Mulder olhou para a menina enquanto raspava a corda contra a jaula. Tinha fracassado de novo. Talvez Phoebe e Gimble voltassem a tempo de salvar Sarah.

Earl Roy se abaixou diante da jaula e a destrancou com uma das mãos, segurando o pincel com a outra.

É isso.

Se fosse para morrer naquela noite, Mulder queria morrer com a resposta à pergunta que jamais deixara de assombrá-lo.

— Samantha Mulder se sacrificou também? Dia 27 de novembro de 1973. Chilmark, Massachusetts, Vine Street número 2790. Você a sequestrou? — gritou Mulder.

— “Quando na escuridão da noite eu despertar, mostre-me que alma devo levar” — Earl Roy estendeu a mão para dentro da jaula.

Mulder chutou, mas o assassino segurou a perna dele e o arrastou para fora de costas no chão. A mão de Mulder raspou em um pedaço de metal áspero, e a cabeça dele acertou a borda da jaula, então bateu do piso de pedra.

Earl Roy congelou e apontou um dedo trêmulo para Mulder.

— O que é isso na sua mão?

Ele está falando comigo?

— Isso é…?

Os olhos de Earl Roy se arregalaram. Ele soltou a perna de Mulder e recuou, engasgando e com ânsia de vômito. Depois de jogar longe o pincel, Earl Roy tirou as luvas amarelas com

dificuldade. Os olhos dele desviaram para o chão ao lado de Mulder, e o assassino engasgou de novo, tapando os olhos com o braço.

Mulder olhou ao redor.

Uma faixa vermelha de sangue manchava o chão.

Ele se sentou e se virou, de forma que pudesse ver as mãos. Uma delas estava sangrando. Devia ter cortado na jaula, mas não era nada demais. Pelo menos não para Mulder.

Mas Earl Roy agia como se Mulder tivesse perdido um membro.

— Não olhe. — O assassino tentou se acalmar.

Mulder se virou para deixar a palma ensanguentada diante de Earl Roy.

— Para minha mão? Vai parar de sangrar. Espero… — acrescentou ele, usando a fobia do sequestrador contra ele.

— Limpe. Isso tudo! — Earl Roy manteve o rosto escondido.

— Não sei se consigo — falou Mulder. — Tem *taaanto* sangue.

Earl Roy cometeu o erro de mover o braço e viu o sangue de relance. Ele teve ânsia de vômito de novo, e dessa vez vomitou na frente da camisa.

A verdade atingiu Mulder com tanta força que ele quase se sentiu enjoado também.

O assassino que tinha mutilado os corpos das vítimas adultas para remover os ossos delas não vomitaria ao ver sangue.

O homem que se acovardava diante dele não era capaz de executar nenhuma dessas tarefas.

O que significa que há um segundo assassino. O verdadeiro Campeão Eterno.

Earl Roy limpou a boca na manga da camisa e cambaleou para fora do quarto. Mulder ficou de joelhos e rastejou até o par de luvas de borracha amarelas no chão. Ele queria chegar ao pincel, mas com a mão atada, provavelmente não conseguiria colocar as luvas para pegá-lo. Mesmo assim, precisava tentar. Mesmo que não conseguisse impedir Earl Roy, atrasar o cara seria o melhor que poderia fazer.

Mas Mulder não chegou sequer perto das luvas ou do pincel, porque Earl Roy voltou um minuto depois carregando um cobertor pesado para mudanças e uma pilha de panos. Tinha algo a mais na outra mão, mas Mulder não conseguia ver.

Earl Roy abriu um olho apenas o bastante para determinar a localização de Mulder e atirou os panos contra ele.

— Limpe agora! — rugiu Earl Roy. — Tudo isso!

— E se eu não limpar? — desafiou Mulder.

O assassino disparou pelo quarto e pegou a bicicleta rosa. Ele atirou o objeto contra Mulder. A bicicleta errou por centímetros, e se chocou contra a jaula.

— Se não limpar, vou jogar este cobertor sobre você e espancá-lo até ficar inconsciente de novo. — Ódio brilhou nos olhos de Earl Roy. — Então lidarei com Stormbringer. — Ele ergueu a outra mão e Mulder finalmente viu o que o assassino segurava.

Um taco de beisebol.

Medo irradiou por Mulder, destruindo sua falsa sensação de calma.

— Não quer me bater com isso. Vou sangrar ainda mais.

— Tudo depende de onde eu acertar você. — Earl Roy soltou o cobertor e o chutou pelo chão. — Entre debaixo do cobertor.

— Espere. Apenas ouça — suplicou Mulder.

— Estou cheio de ouvir você e a espada.

— Apenas me dê um segundo.

— Entre debaixo do cobertor agora! — gritou ele.

— Estou indo. — Mulder rastejou para baixo enquanto Earl se aproximava dele.

Então Mulder ouviu um ruído…

Batidas.

Seguidas por escadas rangendo e vozes.

Um exército de botas pretas desceu as escadas.

— Xerife do condado. Mãos para cima — gritou um oficial para Earl Roy.

— Não toque no pincel no chão — avisou Mulder. — Está cheio de veneno.

Quando os oficiais perceberam que Earl Roy não estava armado, três deles investiram contra o assassino e o jogaram no chão, enquanto outro policial segurou Mulder pelos ombros e o puxou para fora do caminho.

— Tem uma menininha ali. — Mulder acenou na direção de Sarah. — Acho que foi drogada. O nome dela é Sarah Lowe. Por

favor, ajude Sarah.

Outro oficial correu até a menina. O policial rapidamente desatou a corda em volta dos pulsos de Mulder.

— Está bem?

Mulder fez que sim.

Nem de perto.

Earl Roy estava deitado de barriga para baixo, com as mãos algemadas às costas. A maior parte da tinta branca tinha saído do rosto dele e o homem se parecia mais com uma pessoa normal.

Monstros não deveriam conseguir se misturar às pessoas normais. Se uma criança se encontrasse frente a frente com um, como saberia?

Um oficial libertou Sarah Lowe, depois envolveu a pequena silhueta da menina com o casaco dele e a pegou nos braços. Mulder correu até Sarah e envolveu mais as pontas da jaqueta em torno da menina.

— Ela vai ficar bem? — Ele engoliu em seco, com medo da resposta.

— Não sei o que ele deu a ela, mas uma ambulância está a caminho. — O oficial reparou no olhar de preocupação de Mulder e acrescentou: — Mas está respirando e a pulsação está normal, são bons sinais.

O xerife observou os símbolos pintados nas paredes com um olhar de puro desprezo, então disparou até o local em que o assassino estava deitado no chão.

— Earl Roy Propps, você está preso. — O xerife acenou com a cabeça para um dos oficiais dele. — Leia os direitos desse filho da mãe.

Earl Roy começou a cantar.

— “E quando o Caos me embala no sono, suplico à Lei que minha alma guarde…”

— O que está esperando? Tire essas crianças daqui. — O xerife gesticulou para as escadas, então voltou a dar ordens para o resto da equipe. O oficial carregava Sarah enquanto levava Mulder ao longo do perímetro do quarto até as escadas.

O xerife os alcançou no primeiro andar.

— Vou precisar pegar seu depoimento. Mas estou curioso. Como acabou aqui esta noite?

— Meus amigos não lhe contaram? — Conhecendo Phoebe, ela provavelmente não tinha desperdiçado tempo algum nos detalhes.

— Está falando daqueles jovens do lado de fora, no carro laranja?

— Isso.

— Ainda não falamos com eles — disse o xerife. — Alguém ligou e deu uma pista anônima. A pessoa disse que testemunhou um homem arrastando um adolescente inconsciente para uma casa e nos deu este endereço.

Uma pista anônima?

Aquela casa ficava no meio de uma reserva florestal, e ninguém, exceto os amigos de Mulder, estavam por perto quando Earl Roy o sufocou. Por que Phoebe e Gimble ligariam com uma pista em vez de simplesmente dizer à polícia o que tinha acontecido?

Quando eles chegaram à porta da frente, Mulder parou.

— Xerife, preciso lhe contar uma coisa.

— O que está pensando?

Mulder esfregou a parte de trás da cabeça, onde um enorme galo tinha surgido.

— Earl Roy não estava trabalhando sozinho. Ele tem um parceiro, e o outro assassino está à solta.

O xerife colocou a mão no ombro de Mulder.

— Você teve uma noite difícil, e acho que está em choque. Pode causar paranoia. Mas é normal. Vai passar.

— Não estou em choque. Earl Roy não suporta ver sangue. Ele tem pavor. Cortei minha mão e…

— Precisa descansar, filho.

— Estou bem. Juro. Se puder apenas…

O oficial cutucou a porta da frente para abri-la, e quando os paramédicos viram a criança nos braços do homem, se reuniram em volta de Sarah Lowe e a levaram para longe. A entrada de carros de terra era agora um mar de viaturas policiais e luzes piscando.

— Fox! — gritou Phoebe, correndo até os degraus da varanda. As marias-chiquinhas dela tinham se soltado e os cabelos estavam embaraçados. A garota envolveu Mulder com os braços e o apertou. — Desculpe. Tentamos encontrar a delegacia.

— Mas pegamos a direção errada — disse Gimble, em tom de desculpas.

— O xerife disse que alguém ligou com uma pista anônima. Por que simplesmente não disseram quem eram vocês? — perguntou Mulder.

Phoebe pareceu confusa.

— Não fomos nós. Virei no lugar errado na estrada principal. Por fim, descobrimos e demos a volta. Então vimos as viaturas e eu as segui.

— Então quem ligou com a pista?

Mulder estava confuso. Os cabelos da nuca dele estavam arrepiados. Será que outra pessoa os estava vigiando? Gimble deu de ombros.

— Não sei. Só agradeça por terem ligado.

Um paramédico passou por Gimble e Phoebe e se aproximou de Mulder.

— Preciso verificar você.

— Estou bem.

— Vamos ter certeza. — O paramédico examinou a mão de Mulder.

— A menina está bem? — perguntou Mulder.

Ele fez que sim.

— Ainda está desorientada, mas os sinais vitais estão bons.

— Você salvou a vida dela. — Phoebe apoiou a cabeça no ombro de Mulder e pegou a mão dele. Ela reparou no sangue e arquejou. — Está ferido!

— Não é nada.

Mulder sorriu quando Phoebe estudou a palma da mão dele com a intensidade de uma cirurgiã. Secretamente, adorava que a garota se preocupasse com ele.

O paramédico passou um antisséptico no corte e o envolveu com ataduras. Então fez algumas perguntas a Mulder e acendeu uma lanterna nos olhos dele, checando se havia uma concussão.

— Tudo parece bem, mas deveria ir ao pronto-socorro para que um médico o examine. E tome uma antitetânica para o corte. Um oficial encontrou ratos na cozinha.

— Tudo bem — disse Mulder, embora não tivesse intenção de ir ao pronto-socorro. Queria ir para o mais longe possível daquela casa.

O xerife fez algumas perguntas a Mulder e ele contou de novo a história enquanto Phoebe roía as unhas e Gimble andava de um lado para outro.

— Se eu mesmo não tivesse visto aquele porão, não tenho certeza se teria acreditado. — O xerife entregou um cartão de visitas a Mulder. — Ligue se você se lembrar de mais alguma coisa.

— Vamos embora daqui. — Phoebe pegou a mão intacta de Mulder, entrelaçando os dedos nos dele. — Tenho certeza de que terei pesadelos com este lugar.

— É. Eu também.

Phoebe apertou a mão de Mulder e se aproximou.

— Você não dorme mesmo.

— Eu dormi quando você estava na minha cama — sussurrou ele. — Talvez precise ficar nela mais vezes. — Mulder não estava flertando de fato. Falava sério. As emoções estavam muito à flor da pele para que ele fizesse piada com qualquer coisa.

Os olhos azuis de Phoebe observaram os castanhos de Mulder e se encheram d'água.

— O que foi? — Mulder envolveu as costas de Phoebe com o braço, os dedos deles ainda entrelaçados, e a puxou contra o peito.

Ela sacudiu a cabeça.

— Vou parecer insensível por dizer isso logo depois de você salvar a vida de uma criança… — Ela inspirou soluçando.

Mulder observou os longos cílios da garota roçarem pelas bochechas rosadas. Um dia reuniria coragem de dizer à Phoebe como se sentia de verdade.

— Pode falar.

— Não faça nada assim de novo, Fox. Por favor. Preciso que você comece a se importar consigo mesmo. Porque eu me importo com você… muito.

— Muito, quanto? — Mulder deu um sorriso tímido para Phoebe.

Ela o empurrou de leve.

— Sabe o que quero dizer.

Mulder puxou a garota para si. Quando os lábios deles se tocaram, o beijo não pareceu com os beijos anteriores deles.

Esse beijo lançou uma queimação pelo corpo de Mulder, até a alma. Era feito de medo e dor no coração, alívio e antecipação, promessas e esperanças. Lembrou a Mulder que ele ainda tinha alguém em quem se apoiar naquele mundo deturpado.

Mulder e Phoebe se apoiaram um no outro, se beijando na escuridão, e por alguns minutos, a vida dele foi perfeita.

CAPÍTULO 23

Washington, DC

3 de abril, 2:00

Mulder tinha ensaiado a história que planejava contar ao pai na viagem de volta de Craiger para a cidade de Washington. Estava farto de mentir e esconder as coisas para deixar os pais felizes.

Talvez *felizes* fosse a palavra errada.

Nada fazia a mãe e o pai dele felizes. Nada, desde que a irmã dele sumira. Mulder era apenas algo que o sequestrador de Samantha deixara para trás, como uma impressão digital borrada — prova de que o criminoso tinha estado lá, sem deixar para ninguém um rastro a ser seguido.

Quando ele finalmente chegou em casa, todo o ensaio no carro se revelou um desperdício, pois o pai não estava lá. Phoebe se aninhou no sofá enquanto Mulder tomou o banho mais longo da vida. Esfregou a pele até que ardesse. Estar no mesmo quarto que um monstro que matava crianças deixou uma mancha permanente nele, como um tipo diferente de veneno.

Mulder se secou e vestiu a última calça jeans limpa. As roupas que usara antes estavam caídas em uma pilha no chão do banheiro. Mulder as pegou e jogou no lixo, então lavou as mãos, duas vezes.

Na sala, Phoebe estava dormindo no sofá. Mulder pensou em acordá-la, mas ela estava apagada. Ele tirou uma manta da poltrona e a cobriu. Por alguns minutos, ficou apenas observando.

E se Earl Roy estivesse do lado de fora da casa em ruínas mais cedo naquela noite, e tivesse agarrado Phoebe em vez dele? Mulder jamais deveria ter colocado a amiga ou Gimble em risco.

Eu deveria me limitar a estragar minha própria vida.

Com Phoebe no sofá, Mulder não teve escolha a não ser dormir no quarto dele — o que significava ficar acordado a noite inteira. O garoto caminhou pelo corredor e parou diante da porta do quarto, colocou a mão na maçaneta e fechou os olhos. Era a mesma coisa que fazia sempre que estava sozinho daquele lado da porta.

Mulder manteve os olhos fechados bem cerrados até entrar no quarto. Ele imaginou abrir a porta e ver Samantha sentada na cama, embaralhando os cartões de beisebol dele, como se ela jamais tivesse partido. Quando criança, Mulder acreditava que se fizesse isso sempre, um dia abriria os olhos e a irmã estaria ali. O coração dele batia forte no peito quando abriu os olhos devagar.

Como em todas as outras vezes, Samantha não estava sentada na cama.

O quarto estava vazio.

Os Iluminados de Thanateros estavam errados. Acreditar em algo com força o bastante não fazia com que acontecesse, pelo menos não para Mulder.

Ele passou a maior parte da noite lendo capítulos de livros teóricos de psicologia, autobiografias de assassinos em série e *The Meaning of Murder*, de John Brophy. Ficou sentado no chão com as costas na parede, cercado por livros sobre assassinos, e pela primeira vez em meses, caiu no sono antes que o sol nascesse.



Mulder acordou na manhã seguinte ao som do telefone tocando. Ele se sobressaltou e levantou, então disparou para o telefone no quarto do pai. Se fosse a mãe, Mulder não queria que ela se preocupasse.

— Alô? — disse Mulder, ofegante.

— É seu pai. — O pai de Mulder sempre sentia necessidade de dizer isso, como se estivesse preocupado que Mulder pudesse esquecer.

— Onde você está? Achei que ia voltar para casa ontem à noite.

O pai de Mulder suspirou, e ele soube o que viria a seguir.

— Ainda estou no Novo México. Preciso ficar aqui mais três dias. Algumas coisas inesperadas aconteceram e não posso ir embora agora. O Projeto está em um estágio crítico.

Algumas coisas inesperadas aconteceram aqui também.

Mulder ouviu o pai abafar o telefone e falar com alguém que estava na sala com ele.

— … cronograma mudou… resultados… a mercadoria… tudo bem… diga a Openshaw que estou a caminho. — Então o pai dele voltou ao telefone. — Mulder, você me ouviu?

— Em alto e bom som — disse Mulder, sentindo-se estranhamente imune à decepção. Não se incomodaria em contar ao pai o que tinha acontecido. Ele podia descobrir quando chegasse em casa.

— Vou ligar de novo à noite. — O pai de Mulder nem mesmo mencionou Phoebe ou lembrou ao filho de dormir no sofá, o que significava que tinha se esquecido da visita dela.

— Tudo bem. — Mulder desligou. Ele não ligaria, os dois sabiam disso.

A parte estranha?

Mulder não se importava mais. Ele estava mais interessado em falar com o pai de Gimble do que com o próprio.

Depois de testemunhar a reação de Earl Roy na noite anterior, quando Mulder se cortou, era óbvio que o homem não poderia ter desmembrado ninguém para roubar os ossos. E os delírios dele não eram o que tinham pensado originalmente. Havia outro assassino em série andando pelas ruas.

Mas como Mulder poderia encontrá-lo? O assassino devia ter deixado para trás alguma pista que Mulder perdeu, e ninguém sabia mais a respeito do Campeão Eterno ou das vítimas adultas do que o Major.

Mulder ligou para Gimble, esperando que o telefone estivesse conectado. Depois do terceiro toque, ele estava prestes a desistir.

— Alô? — perguntou Gimble, hesitante.

— Sou eu. Preciso ir até aí conversar com seu pai.

— Você está bem? Eu ainda estou meio apavorado.

— Estou bem, mas vou até aí.

— *Agora*?

— Sim. Vou sair assim que desligarmos — disse Mulder.

— Não vou estar em casa. Estou saindo pra jogar D&D. Depois de ver Earl Roy te dar um mata-leão, preciso de algumas horas sem assassinos em série.

— Está brincando, certo? — Mulder não queria agir como um babaca, mas aquilo era importante.

— Não precisa de mim aqui. — Gimble tentava achar uma solução. — O Major conhece você. Eu aviso que você está vindo. Apenas bata na porta e dê a ele a senha quando perguntar.

— Tem certeza? Não quero que ele corra atrás de mim com um esfregão. — Mulder tinha a impressão de que o Major era ainda mais truculento do que parecia.

— Espere cinco minutos. Ligo de volta se houver problema — disse Gimble. — Caso contrário, pode vir.

— O que disse a ele sobre a noite passada? — Mulder não queria cometer um deslize e causar problemas a Gimble.

— Disse que você é uma bosta de motorista e que nos deixou perdidos no meio do nada.

— Entendi. Mas não deveria contar a verdade? E se a delegacia ligar? — perguntou Mulder, aliviado pelo pai ainda estar fora.

— Não pensei nisso. — Gimble ficou em silêncio por um momento. — Vou deixar o telefone desconectado e levar comigo para o jogo.

— Se eu não tiver resposta, saio em cinco minutos. — Mulder desligou.

— Aonde vai? — A voz de Phoebe veio do nada, e Mulder se assustou. Ser atacado e preso em uma gaiola de cachorro deixava a pessoa nervosa.

— Achei que ainda estivesse dormindo — falou Mulder.

Phoebe se recostou no batente da porta.

— Não respondeu à minha pergunta.

— Vou até a casa de Gimble falar com o Major. Acho que ele pode ajudar a encontrar o outro assassino. — Mulder esfregou a nuca. — Quer vir?

A garota sacudiu a cabeça, cabelos loiros embaraçados roçaram no pescoço dela.

— Vou ligar para meus pais. Eles vão descobrir em algum momento. É melhor se souberem por mim.

— Isso provavelmente é uma boa ideia. — Não que Mulder fosse fazer o mesmo. — Pode pedir que não falem nada? Apenas diga que minha mãe ficaria constrangida de falar sobre isso.

— Pelo menos contou a ela? — perguntou Phoebe, chocada.

— A resposta é *não*. Meu pai pode lidar com isso quando chegar em casa.

Gimble não ligou de volta, o que deu a Mulder sinal verde. Ele ficou com Phoebe até que a garota estivesse pronta para ligar para os pais dela.

— Me deseje sorte — disse Phoebe, quando Mulder estava de saída.

Ele sorriu para ela.

— Boa sorte.

Para nós dois.



Mulder tocou a campainha e aguardou. O Major estava esperando por ele, mas lidar com a mente confusa do homem sem Gimble ali para ajudar parecia estranho.

— Senha? — perguntou o Major do outro lado da porta.

— Agente do Caos. — O nome agora deixava Mulder arrepiado.

O som de cinco trancas se destravando foi um alívio.

O Major entreabriu a porta e espiou o lado de fora.

— Entre aqui antes que *eles* vejam você. — O Major apressou o garoto para dentro.

Mulder se perguntou se com *eles* o Major queria dizer o *governo* ou os *alienígenas*.

— Obrigado por me deixar vir, senhor.

— Então, em que está pensando, piloto? Gary disse que precisa da minha ajuda. — Ele entrou na sala. A televisão estava ligada em um canal de notícias locais. — Presumo que a conversa que estamos prestes a ter seja confidencial?

— Completamente. — Mulder fez que sim e seguiu para o mapa na parede do Major. — Eu queria dar outra olhada em toda a informação que coletou.

— Pode olhar, e vou pegar algo para bebermos. — O Major não precisava oferecer duas vezes.

Mulder olhou para os artigos de jornal e as imagens granuladas, e para as fotografias maiores de cenas de crime que Sergio tinha roubado do escritório do médico-legista. Ele ficou imediatamente hipnotizado. As fotos cinzentas o atraíram, como se as imagens tivessem gravidade própria. Deixara de ver algo da primeira vez em que estivera naquele lugar. Mas isso foi *antes* de Earl Roy revelar sem querer que não era o único assassino. Mulder ouviu o Major batendo na cozinha. Ele espiou e viu o pai de Gimble remover a corrente da bicicleta dos puxadores da geladeira.

A mãe de Mulder jamais se recuperou da perda de Samantha, mas ela conseguia viver normalmente — tirando caçarolas queimadas e incêndios na cozinha. Mas o Major não estava queimando o jantar. Perder a mulher o destruíra.

Mulder voltou a estudar as fotografias das cenas de crime e os mapas em busca de pistas, e o Major voltou com duas garrafas de vidro de água com gás Perrier.

Quem bebe água engarrafada? Isso não é coisa de europeus?

Ele entregou uma garrafa a Mulder.

— Verifique a tampa — disse o Major, fazendo o mesmo. — É melhor prevenir…

Mulder girou a tampa para abrir e tomou um gole, a atenção ainda concentrada na parede.

— Está em perigo, filho? Porque está com a aparência de um homem obcecado.

Mulder respirou fundo.

— Minha irmã desapareceu quando eu tinha 12 anos. Eu estava na sala com ela, mas apaguei ou algo assim, e não me lembro de nada. — Ele não tinha certeza de por que tinha escolhido aquele momento para contar ao Major, mas ele queria que o pai de Gimble entendesse por que aquilo era tão importante.

— Parece um apagamento de memória. Tecnologia avançada. Avançada demais para ser feita pelo homem. Eu fui apagado em 1973.

— O que aconteceu? — Mulder estava intrigado. No pior dos casos, ele poderia usar a história para uma redação.

O Major foi até os fundos da sala, onde o assunto na parede mudava dos adultos assassinados para alienígenas. Imagens de óvnis e círculos em plantações estavam coladas ao lado de páginas de revistas com entrevistas de cientistas e pessoas “abduzidas” por alienígenas.

O Major tocou em uma foto dele mesmo de pé ao lado de uma placa com o nome de uma base aérea.

— Em outubro de 1973, eu estava alocado na base El Rico da Força Aérea. Era uma missão horrível, sem qualquer razão, com *G-men*, os civis do governo, perambulando por lá, “avaliando” nosso desempenho. Essa foi a história que nos foi passada.

— Sabe o que estavam avaliando?

O Major riu com escárnio.

— Nada. Era uma história de fachada para manter oficiais como eu fora do caminho deles enquanto eles faziam besteira em um de nossos hangares. — O Major franziu a testa e sua expressão ficou sombria. — Não percebi na época, mas as forças do Caos e da Lei estavam no meio de uma disputa bem debaixo dos nossos narizes.

O Major esfregou o couro cabeludo, como se coçasse intensamente.

— Eu deveria saber que cada maldita palavra que meu comandante me dizia era mentira. Ele estava a par da operação

toda. E do acobertamento.

— Sabe o que estavam escondendo?

O Major se apressou até as estantes de livros.

— Não sabia na época, mas descobri depois. Minha equipe tinha acabado de completar uma operação de reconhecimento, e não tinha ido bem. Estava tarde, mas eu não conseguia dormir, então decidi caminhar para espairecer. — O Major virou a almofada da poltrona reclinável e tirou um livro de capa verde em brochura de baixo.

Outro exemplar de *A espada diabólica*. Ver o livro sobre a espada fictícia que constituía a base dos delírios de Earl Roy fez com que bile subisse pela garganta de Mulder.

O Major segurou o livro contra o peito como se fosse um cobertor reconfortante.

— Saí para o hangar, aquele do qual todos na base deveriam manter distância, e dei a volta pelos fundos do prédio. — Ele esfregou a mão no rosto. — O que eu vi… Não me lembrei por muito tempo. Então o efeito do apagamento mental passou por tempo o suficiente para que eu recuperasse a memória. O rosto do Fumante retornou à minha mente primeiro. Ele estava de pé atrás do hangar. Eu sabia que era um homem do governo. A gravata e o sobretudo preto o entregavam. Estava segurando um cigarro, esperando enquanto um bando de outros homens de terno entrava. Ele pegou uma bandeira americana dobrada de um deles e seguiu o grupo para dentro.

— Entendi… — Mulder não tinha certeza do sentido daquela história.

— Entrei de fininho atrás deles e me escondi na parede dos fundos, nas sombras. Os homens seguiram para o centro do hangar e o outro extremo do prédio se abriu, e uma luz forte brilhou pela porta. O Fumante deu um passo adiante e abaixou a bandeira como uma oferenda…

Mulder estava tão envolvido na história que encorajou o Major a continuar falando.

— Para quem?

— Não para *quem*… para *o quê.* — O Major se agarrou ao livro com mais força. — Eu não teria acreditado se não tivesse visto com

meus próprios olhos. Era um alienígena vivo, respirando. O corpo da criatura era humanoide, mas a pele era cinzenta e enrugada, e a cabeça era grande demais para o corpo. Mas foram os olhos do alienígena que me assustaram. Ele tinha olhos gigantes, como os de um inseto, e pretos como uma tela de televisão desligada.

— Talvez estivessem pregando uma peça? Um cara fantasiado ou algo assim? — sugeriu Mulder, mas parte dele queria acreditar na história.

— Era um *deles*. Apenas um. — Os olhos do Major dispararam pela sala. — E o Fumante… estava falando com ele.

Mulder encarou o pai de Gimble, sem palavras.

— É isso. — O Major pareceu derrotado. — Fiquei com medo e fugi para não me pegarem.

Isso pareceu muito para Mulder.

— Eu sei o que vi. — O Major parecia o líder dos escoteiros do episódio de *Projeto UFO*. Ele foi até a poltrona reclinável e endireitou a almofada antes de se sentar. — Mas ninguém acreditou em mim, e ela pagou o preço.

A esposa dele.

Um silêncio pesado recaiu sobre a sala.

O homem do tempo na TV tagarelava ao fundo.

— … máxima de 14 graus, com dez por cento de chance de chuva.

Então uma mulher interrompeu.

— Obrigada, Tom. E agora as notícias mais recentes sobre Earl Roy Propps, o homem que a imprensa chama de Assassino da Canção de Ninar. Se você perdeu nossa cobertura do caso esta manhã, Earl Propps, de 32 anos, de Craiger, Maryland, foi apreendido pela Delegacia do Xerife do Condado de Anne Arundel tarde da noite de ontem.

Filmagens da casa em ruínas apareceram na tela da televisão. Parecia ainda mais ameaçadora à luz do início da manhã.

— Depois de receber uma denúncia anônima, a delegacia do xerife chegou à casa de Propps e fontes nos disseram que encontraram Earl Roy Propps no porão com dois reféns, Sarah Lowe, de oito anos, que estava desaparecida há cinco dias, e um garoto adolescente cujo nome não foi revelado. Oficiais

apreenderam diversas armas na casa. O Assassino da Canção de Ninar levou medo aos corações de pais da área metropolitana quando imagens como essa surgiram.

Gimble definitivamente precisaria contar ao Major agora.

Uma foto da pega com flechas despontando do corpo tomou conta da tela, e a âncora continuou:

— Embora a delegacia do xerife tenha se recusado a especular, o pássaro encontrado com Billy Christian, outra das jovens vítimas de Propps, claramente representa ocultismo.

— Conte a verdade, maldição! — gritou o Major para a televisão. — Os alienígenas levaram aquelas crianças. Esse tal de Earl Roy é só um peão no jogo do governo.

Mulder não podia contar ao Major que Earl Propps tinha tentado matá-lo.

— O WJLA News acaba de receber novas informações relacionadas ao caso — disse a âncora. — Brian North está ao vivo na cena, no cemitério Rock Creek.

— O que acha que estão tramando agora? — perguntou o Major.

Mulder sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza.

O noticiário cortou para o repórter de campo de pé sobre a colina que dava para os mausoléus.

— Aqui é Brian North e estou no cemitério Rock Creek onde outra tragédia é rapidamente revelada. O Assassino da Canção de Ninar está atrás das grades, mas mesmo assim conseguiu deixar outra vítima. O corpo de Daniel Tyler, de oito anos, foi descoberto esta manhã. Tyler desapareceu de casa em Cookstown, Virginia, há seis meses. De acordo com o FBI, o Assassino da Canção de Ninar deixou o cartão de visitas com o corpo de Daniel, uma pega perfurada com oito flechas. Agora estamos todos fazendo a mesma pergunta: Earl Roy Propps também deixou para trás os corpos de outras vítimas?

O repórter olhou por cima do ombro para os agentes do FBI na cena com a expressão séria.

— Ainda não temos resposta, mas podemos nos consolar com o fato de que um assassino em série está fora das ruas.

— O FBI vai descobrir — disse Mulder, sussurrando. — Não podem ser tão burros assim.

O Major apoiou a mão no ombro de Mulder.

— Filho, acabo de contar a você que alguém do governo americano fez contato com um alienígena em uma base militar americana. Quem sabe quantos outros homenzinhos cinza os desgraçados estão escondendo? E você está se perguntando se agentes do FBI são burros?

— Você não entende… — Mulder esfregou os olhos. A falta de sono estava vencendo. Ele respirou fundo e recomeçou. — Tem outro assassino à solta, a pessoa que deu os ossos a Earl Propps. Earl Roy tem uma séria aversão a sangue, como uma fobia. Ele não suporta ver sangue. Um cara desses não poderia ter cometido esses assassinatos.

O Major parecia desconfiado.

— Eu não ouvi sobre isso no noticiário. Onde conseguiu essa informação?

Mulder não podia contar a verdade ao Major sem causar problemas a Gimble.

— Inteligência — respondeu Mulder, pensando rápido. — Você tem suas fontes, eu tenho as minhas.

O Major contraiu os lábios, observando Mulder.

— Bom trabalho, piloto. Continue.

— Earl Roy deixou o símbolo do caos nos corpos de Billy Christian e Daniel Tyler. Estou pensando que talvez ele seja o Caos e o outro assassino seja a Lei? A polícia encontrou alguma flecha de osso deixada com as vítimas adultas?

O Major suspirou com desdém.

— Não. Mas isso não quer dizer que o símbolo dele não estivesse lá. O departamento de polícia é cheio de tolos, assim como o FBI, os Federais Birutas Incompetentes. Lei deixou o nome dele em todas as cenas de crime.

Por um segundo, Mulder não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Não acredita em mim? — O Major parecia divertir-se.

Mulder percebeu que estava boquiaberto.

— Não. Eu…

— Estou acostumado a que as pessoas duvidem de mim. Nem todos querem ver a verdade. — Ele marchou até ao que Mulder começava a ver como a parede do assassinato. — Quer ver do que estou falando, piloto?

— Sim, senhor.

O Major apontou para uma versão aumentada do artigo sobre a cafetina morta, que prostituía garotas adolescentes.

— Vítima número um. O corpo dela foi descoberto às oito da manhã em ponto. — Ali. — O Major apontou para a caçamba de lixo. — Notou algo incomum na foto?

Mulder semicerrou os olhos, concentrando-se.

— Umm… o sapato dela está no chão? Talvez tenha caído durante a luta?

— Esta será sua última operação secreta se não puder fazer melhor do que isso. — O Major tamborilou os nós dos dedos contra a parede. — Não perguntei o que *achava*. Perguntei o que está *vendo*.

— Uma caçamba em um beco e um sapato alto de mulher. Pichação e a placa de uma loja de bebidas.

— Tem certeza de que é uma pichação?

Subitamente, Mulder percebeu o que estava vendo — uma única flecha apontando para cima, pintada com tinta em spray acima da caçamba.

— E quanto a esta? — O Major seguiu para uma fotografia em preto e branco lustrosa do quarto do psiquiatra traficante.

— Sergio conseguiu essa foto para você também?

— Sergio trabalha em várias frentes — disse o Major, com orgulho. — A CIA o queria, mas Sergio os recusou.

Aposto que sim, pensou Mulder.

O Major bateu na foto.

— Está vendo?

Mulder procurou por uma flecha na imagem. Os olhos dele pararam na mesa de cabeceira. As pílulas que o psiquiatra tinha tomado — ou, mais provavelmente, que alguém o forçara a tomar — estavam espalhadas no tampo da mesinha, entre frascos vazios de remédios controlados.

Agora que Mulder sabia o que procurar, ele viu — uma flecha reta formada por algumas das pílulas.

— Não acredito que a polícia deixou de ver isso.

O Major deu de ombros.

— Não estavam procurando por isso. As pessoas veem o que querem. Ou o que o governo lhes diz para ver.

Mulder começava a concordar com o homem.

— E é assim que mantêm alienígenas em segredo — acrescentou o Major.

Se o Major parasse de usar tanto a palavra *alienígenas*, ele pareceria bem genial.

— Certo — falou Mulder, concentrando-se na fotografia do senhorio pendurado no ventilador de teto com uma corda no pescoço. — Ali está. — O Major apontou para uma folha de papel no chão, ao lado de um saco de fast-food e uma pilha de roupas. — No panfleto.

As instruções no aviso diziam: SE DESPEJADO, DEIXAR CHAVES DO APARTAMENTO NESTE COFRE.

Uma flecha vertical apontava para o topo da página, onde uma faixa de fita adesiva percorria a borda.

— A polícia deve ter achado que o cara estava prestes a *pendurar* o aviso — explicou o Major. — Mas alguém poderia facilmente ter tirado e deixado dentro do apartamento.

— Isso não acabou. — Mulder sentiu o peso das palavras dele e o que realmente significavam.

— Não está nem perto. — O pai de Gimble olhou por cima do ombro e abaixou a voz. — Os alienígenas não vão parar até conseguirem o que querem.

— E o que eles querem, exatamente?

O Major olhou para baixo, para o exemplar desgastado na mão.

— Tenho minhas teorias, mas apenas uma pessoa sabe com certeza. O homem que vi falando com um deles.

O Fumante da Base da Força Aérea El Rico — se é que o homem era mais do que um puro fruto da imaginação do Major.

— Preciso ir, senhor. — Mulder seguiu para a porta. — O outro assassino ainda está à solta.

— Não sei onde conseguiu suas informações, piloto, mas isso é grande demais para você enfrentar sozinho.

A cena no porão de Earl Roy provara que Mulder não conseguia sequer lidar com o coadjuvante do Campeão Eterno. E se ele se defrontasse com o outro assassino, o "verdadeiro" Campeão Eterno?

— Então pedirei ajuda. Talvez devesse falar com alguém no FBI?

O Major seguiu Mulder até a porta.

— Ouviu uma palavra do que eu disse? O FBI não pode ajudar ninguém, e podem estar trabalhando com os alienígenas. E se denunciarem você?

— Eu preciso arriscar… pela minha irmã. Não sei se Earl Roy foi a pessoa que a levou, mas mesmo assim preciso tentar. — Mulder sabia que, se fosse Earl Roy, as chances de Samantha estar viva eram quase nulas.

Mulder estendeu a mão.

— Obrigado por sua ajuda, senhor. — Os dois apertaram as mãos e Mulder segurou o aperto por mais um segundo. Ele olhou o Major nos olhos.

— Senhor, só quero dizer que sinto muito pelo que aconteceu com sua mulher.

O Major assentiu e ficou em silêncio por um momento. Então ele ergueu o rosto.

— Tem algo que preciso lhe dar.

— Não precisa… — Mulder não precisava de outro exemplar de *A espada diabólica*.

— Não discuta com um oficial superior a não ser que queira um chute no traseiro. — O Major rabiscou algo em um pedaço de papel e o entregou a Mulder. — Se a coisa apertar demais, ligue para esse número. Sergio atenderá. É uma linha segura, mas ele mesmo assim pedirá a senha…

— Agente do Caos? — Mulder não tinha certeza de como um cara que operava as missões ultrassecretas dele do porão da mãe poderia ajudar, mas era grato pelo gesto. — Obrigado de novo, senhor. E da próxima vez que eu vier, quero mesmo ver aquele telescópio.

— Quando quiser, piloto. — O Major destravou as trancas e levou a mão à maçaneta. — Mas tome cuidado. Se começar a juntar as peças do quebra-cabeça, o FBI vai começar a prestar atenção. Não pode confiar neles.

Mulder não sabia muito sobre o FBI.

Mas preciso confiar em alguém.

CAPÍTULO 24

Residência dos Mulder

20:42

Mulder estava entocado no quarto há horas. Depois da conversa com o Major, ele foi direto para casa e revirou o quarto em busca de cada livro didático de psicologia de segunda mão que tinha trazido de casa. Phoebe ajudou, embora não tivesse certeza do que o amigo estava tentando encontrar. Mulder também não tinha certeza.

The Meaning of Murder era o livro de referência dele para qualquer coisa relacionada ao tópico. O livro citava distúrbios de personalidade e condições psicológicas, e compreendê-los parecia subitamente crucial.

A informação em um daqueles livros poderia conter a resposta para pegar Lei — o Campeão Eterno.

Mulder estava mergulhado em um texto de psicologia anormal para aprender mais sobre os sinais de dupla personalidade quando a porta do apartamento bateu.

Por uma fração de segundo, ele se esqueceu que Earl Roy estava sob custódia policial.

— Mulder? — gritou o pai dele da sala de estar. — Mulder? Onde diabo você está?

— Ele parece bem irritado — sussurrou Phoebe. — E quando começou a chamar você assim?

— É uma longa história.

Interagir com o pai era péssimo em um dia normal, mas depois de ser trancafiado em uma jaula de cachorro por um psicopata delirante, Mulder não estava no clima. Ele soltou o livro na cama e se preparou para disparar do quarto quando a porta dele se escancarou. Ela bateu tão forte na parede que quicou e quase acertou a cara do pai.

— Por onde diabo você andou? — O ódio nos olhos do pai de Mulder o tomou de surpresa.

— Estive aqui a noite toda. — Mulder pegou o livro de psicologia. Ele nunca tinha visto o pai tão transtornado. — Lendo e passando o tempo com Phoebe.

Phoebe acenou.

— Achei que não voltaria para casa por mais três dias.

Os olhos do pai se semicerraram, e ele olhou para Mulder com desprezo.

— Também achei, até receber uma ligação do FBI!

Ops.

— Quer explicar por que estava em Craiger, Maryland, procurando um assassino em série que quase cortou você em pedacinhos no porão dele? — A voz do pai se elevou.

— O cara estava sequestrando e assassinando crianças. Alguém precisava encontrar a menininha desaparecida.

O pai de Mulder ergueu o dedo.

— Por que precisava ser você?

A pergunta pairou no ar.

— Você sabe por quê — disparou Mulder de volta.

— Essa sua obsessão é perigosa. E acaba aqui.

Mulder saltou para fora da cama.

— Você não pode decidir quando *acaba*. Não vai acabar para mim até eu encontrar minha irmã.

Phoebe olhou para baixo, para as mãos unidas no colo. Mulder desejou que a garota não precisasse ouvir aquilo.

O pai dele se recostou à parede.

— Ela se foi. Não pode salvá-la. Você e sua mãe precisam esquecer isso.

Parecia que um buraco havia se aberto no estômago de Mulder, como se o pai o tivesse socado, e cada músculo do corpo do garoto ficou tenso.

— Vou descobrir o que aconteceu com ela.

O pai de Mulder pareceu encolher diante dos olhos dele. Bill Mulder já desistira da possibilidade de encontrar Samantha. Assim como tinha desistido do casamento e do relacionamento com o filho. Samantha não foi a única que desapareceu naquela noite, quase cinco anos e meio antes. O pai de Mulder também sumira.

Mas ele teve escolha.

Talvez o pai dele o culpasse por ter desmaiado e não salvado a irmã.

— Quer falar sobre o que aconteceu na casa daquele homem?

Mulder olhou para o pai, enojado.

— Com você? Não, obrigado.

— Tudo bem. Mas o FBI quer que se apresente amanhã à tarde. Eles têm perguntas. E nós *não* vamos contar à sua mãe nada sobre isso. Você tem sorte por terem ligado para mim primeiro. — Bill

Mulder deu à Phoebe um olhar severo, para se certificar de que a garota sabia que a ordem dele se aplicava também a ela. Ele disparou para fora do quarto e a porta do escritório bateu um momento depois.

— Você está bem? — perguntou Phoebe.

— Sim. — Mulder pegou uma pilha de livros e as anotações dele. — Mas quero terminar isto antes de falar com o FBI.

— O que você vai terminar, exatamente? — perguntou Phoebe.

— Ainda não tenho certeza. — Era verdade.

Phoebe fez que sim.

— Então termine e descubra.

Mulder voltou a atenção para os livros. Abriu o exemplar de *A espada diabólica* e tentou imaginar que tipo de homem assumiria a persona de "Lei" — alguém que escolhe os pecadores e acha que tem o direito de agir como juiz e júri. Um homem que é dependente do poder que acredita que obtém de uma espada demoníaca.

Mulder fez uma lista de tudo que sabia sobre Earl Roy Propps e do elaborado mundo de fantasia que ele tinha criado com base na série de Michael Moorcock — na qual Earl Roy era o companheiro e protetor do Campeão Eterno.

Mulder traçou a cronologia, incluindo o período de oito dias em que as crianças eram drogadas e mantidas em cativeiro no porão do assassino, os rituais detalhados que Earl Roy empregava para prepará-las para o fim e a forma como ele arrumava os corpos das crianças depois de envenená-las. Os livros de psicologia confirmavam o que Mulder já sabia — Earl Roy sofria delírios e alucinações, como ouvir a "espada" falar com ele e ver o brilho dela dentro das crianças.

Entre o ínfimo tempo que passara com Earl Roy e os trechos de informação que tinham sido divulgados sobre o homem, estava claro que ele não era um gênio. Tinha largado a escola aos 15 anos e mesmo como mecânico passara mais tempo trocando óleo do que consertando carros de fato. Então passou a descarregar plantas em um viveiro. Um cara desses não conseguiria fingir uma overdose por drogas ou um suicídio de forma convincente o bastante para enganar a polícia.

Havia também o complicado nó de pescador usado no enforcamento do senhorio. O oficial levara apenas alguns segundos para desatar as cordas em torno dos pulsos de Mulder. Um nó como o de pescador teria requerido mais tempo.

Mas as confissões de Earl Propps enquanto ele estava sozinho com Mulder e a aversão do homem a sangue eram a verdadeira prova.

Mulder pegou um bloquinho novo e começou a escrever. Fez anotações até que a mão estivesse dormente e a visão embaçada. Não parou de escrever quando Phoebe caiu no sono, logo depois das três horas da manhã, ou quando o pai dele bateu à porta para dizer que Gimble estava na sala — ou quando o amigo entrou e se sentou no chão diante dele. Mulder não parou de escrever até colocar um ponto final na última frase.

— Mulder. — O pai dele irrompeu no quarto. — Precisamos sair. Agora.

Mulder ignorou o pai e virou as páginas para a frente do bloquinho.

— Você se importa se eu pegar uma carona com você, Sr. Mulder? — perguntou Gimble. — Também me esperam para prestar depoimento. Mas meu pai não dirige… nem sai de casa. — Gimble estendeu um papel dobrado. — Ele me deu um bilhete.

— Claro. — Bill Mulder olhou para Gimble com pena.

— Também vou — falou Phoebe. — Meus pais só vão chegar hoje à tarde, então não tenho mais nada para fazer.

— O FBI ligou para eles? — perguntou o pai de Mulder.

— Sim. Vão me levar para a entrevista amanhã. — Phoebe pegou a bolsa. — Só me dê um minuto para eu me trocar.

Bill Mulder voltou a atenção para o quarto do filho, olhando para os livros e os papéis espalhados pelo chão.

Mulder estava ao lado de Gimble.

— Como o Major recebeu a notícia quando contou a ele?

Gimble sacudiu a cabeça.

— Não consegui contar. O FBI apareceu lá em casa porque não conseguiram entrar em contato com meu pai por telefone. Principalmente depois que eu o esqueci na casa do meu mestre de RPG.

O pai de Mulder abriu o armário dele.

— Onde está seu terno? — perguntou ele, percorrendo as roupas penduradas.

— Eu mesmo encontro — disparou Mulder, mas o pai o ignorou. E daí? Não havia nada de interessante ali mesmo, e Mulder queria ouvir o resto da história de Gimble.

— O Major pirou? — perguntou ele.

Gimble deu de ombros.

— Basicamente. Não os deixou entrar em casa, então precisaram ficar na entrada para falar com ele. Mas foi pior depois que foram embora. Ele não acreditou que fomos até a casa de Earl Roy. Acha que o FBI inventou a história toda. Queria dirigir até o Canadá para que não me entrevistassem.

— Que droga. — Mulder se sentiu mal pelo amigo, e pelos agentes do FBI que apareceram na porta do Major.

— Nem me fale. Ele acha que os alienígenas vão me abduzir do quartel-general do FBI.

O pai de Mulder marchou até a cama e jogou uma pilha de roupas ainda no cabide. Blazer azul-marinho, camisa social branca, calça cinza e uma gravata azul listrada que definitivamente não pertencia a Mulder. O pai dele provavelmente estava sorrateiramente colocando roupas de almofadinha no armário, todas aprovadas pela Universidade de Georgetown.

— Troque de roupa. A não ser que queira esperar que o FBI apareça na nossa porta também. — O pai de Mulder disparou para fora do quarto e Gimble o seguiu, ostentando um sorriso.

Mulder trocou de roupa e pegou o bloquinho. Aquela era sua chance de falar com um verdadeiro agente do FBI — alguém com o poder de lançar uma investigação e caçar um assassino em série. Só precisava encontrar uma pessoa que o ouvisse.

Que acreditasse.

CAPÍTULO 25

Prédio do FBI J. Edgar Hoover, Washington, DC

4 de abril, 15:15

O prédio Hoover dominava a Pennsylvania Avenue entre a 9th Street e a 10th Street, como uma fortaleza de concreto. Não era o único prédio monstruoso no centro da cidade, mas o fato de que o FBI e suas subdivisões eram os únicos ocupantes causava uma baita impressão.

Quando Mulder e os amigos entraram no prédio com o pai dele, a insígnia do FBI na parede imediatamente chamou a atenção de Gimble. Mulder a vira antes, em fotografias, mas era bem mais legal ver a insígnia dentro do prédio do FBI. No centro de um círculo azul, dois galhos de louro flanqueavam um escudo listrado de vermelho e branco, com uma balança acima dele e um pergaminho branco abaixo. A imagem estava cercada de estrelas douradas e uma borda azul com letras em bastão sobre ela.

Todos olhavam maravilhados, exceto o pai de Mulder, que conseguiu parecer entediado e irritadiço ao mesmo tempo.

Gimble puxou a gravata.

— Quero ler o que diz.

Mas Bill Mulder não estava com paciência para turismo. Gimble mal tinha dado um passo quando ele disse:

— Departamento de Justiça. Agência Federal de Investigações. Agora vamos registrar a entrada de vocês ou vão se atrasar.

Ele passou pelo grupo até o balcão de segurança.

Phoebe apertou as marias-chiquinhas com um olhar destemido, como se ajustasse uma armadura, então marchou até a insígnia. Mulder e Gimble a seguiram.

Quando eles a alcançaram na parede, Phoebe virou para Mulder.

— Lembra as vezes em que briguei com você por ser exigente demais com seu pai? Eu me sinto mal dizendo isso, mas você estava certo. Ele é um babaca.

Mulder cutucou o ombro da amiga.

— Acho que ele tem uma condição crônica que o impede de agir como um ser humano por mais do que dez minutos por vez.

— Talvez seja um ciborgue? — Gimble sorriu, quase gargalhando da própria piada.

— Ele teria um quociente de empatia maior se fosse — falou Mulder, observando enquanto o pai se virava do balcão e olhava em volta, procurando os três. Bill Mulder sacudiu a cabeça e sua

expressão endureceu quando percebeu que os jovens tinham ignorado a ordem inútil dele. Mulder viu aquela expressão no rosto do pai várias vezes, e sempre o incomodou.

Até aquele dia.

Mulder apressou Gimble e Phoebe de volta ao balcão em que o pai dele esperava. Bill Mulder ignorou o filho e continuou jogando conversa fora com o homem atrás do balcão até que um agente chegou para acompanhá-los ao quinto andar.

Quando todos saíram do elevador, Mulder e os amigos seguiram os adultos, que estavam numa conversa chata sobre o Departamento de Estado. Mulder estudou as fotografias emolduradas nas paredes enquanto caminhava pelo corredor. Eram, na maioria, imagens velhas em preto e branco de Washington — a Casa Branca e o Capitólio, o Memorial de Lincoln e a vista do Espelho D'água, e o antigo prédio do FBI.

O agente os levou para um grande escritório com uma área de espera. Um homem alto, usando óculos com armação fina e um terno azul-marinho conservador, aguardava à mesa, falando com a mulher atrás dela. O batom da mulher tinha um tom escuro de vermelho, como a mãe de Mulder costumava usar quando o pai a levava a algum lugar especial — na época em que ela ainda tinha lugares especiais para ir.

— Tenho uma entrevista marcada com o agente Barnes — disse o homem de óculos. Ele ficava arrumando a gravata, apertando e afrouxando de novo, como se não estivesse acostumado a usar aquela peça.

Aquilo deixou Mulder menos envergonhado com todos os ajustes de gravata que ele vinha fazendo.

A mulher de batom vermelho entregou ao homem a carteira de motorista dele.

— Relaxe. Se vai se encontrar com o agente Barnes, a agência está interessada em você.

— Espero que esteja certa — confidenciou o homem, mexendo na gravata de novo. — Vou me formar em maio e este é o primeiro emprego que me interessou.

Phoebe chutou o pé de Mulder com força o suficiente para chamar a atenção dele.

— Olhe os pôsteres — sussurrou a garota.

Olhos vazios e expressões frias os encaravam dos pôsteres de PROCURADO PELO FBI presos às paredes. Mulder girou em um círculo, examinando os rostos. Alguns eram familiares — John Wayne Gacy, o Palhaço Assassino, que finalmente fora capturado no ano anterior, depois de matar 33 rapazes em Illinois; David Berkowitz, Son of Sam; Edward Wayne Edwards, um assassino em série condenado que tinha voltado a matar depois de sair em condicional. Alguns dos pôsteres tinham a palavra CAPTURADO estampada sobre eles em vermelho.

— Esta sala vai me dar pesadelos — sussurrou Gimble.

Não a Mulder.

As imagens lançavam arrepios pela nuca dele, e uma descarga de adrenalina pulsante pelas veias. A ideia de pegar monstros como aqueles retratados nos pôsteres o fez pensar em Samantha, Billy e Sarah. Pegar aqueles monstros fazia diferença.

— Só levará um minuto — disse o jovem agente que os acompanhara para cima.

— Sei — disparou o pai de Mulder, assim que os ouvidos do agente estavam fora de alcance. Ele mal conseguiu dizer as palavras antes que uma porta se abrisse e outro agente saísse para cumprimentá-los.

— Agente John Douglas, da Unidade de Ciência Comportamental do FBI. — O homem estendeu a mão a Bill Mulder, que deu um breve aperto.

— William Mulder. Sou do Departamento de Estado. Alguém de seu escritório ligou e pediu que eu trouxesse meu filho.

O agente Douglas tinha uma aparência desleixada de que Mulder gostou.

— Na verdade, estou agendado para me encontrar com Gary Winchester…

— Sou eu. — Gimble deu um passo adiante.

— Prazer em conhecê-lo — disse o agente Douglas a Gimble, antes de continuar a conversa com o pai de Mulder. — O agente Ressler sairá em um minuto. Ele conduzirá a entrevista com seu filho.

O pai de Mulder suspirou, irritado com o atraso.

O agente Douglas o ignorou.

— Então, onde está seu pai, Gary? Nós falamos rapidamente ao telefone, depois que os outros agentes falaram com ele em sua casa.

— Ah. Ele não sai de casa — disse Gimble, como se fosse completamente normal. — Ele me pediu que desse isto a você. — Gimble entregou ao agente Douglas uma folha de papel dobrada em um quadrado perfeito.

O agente do FBI ergueu uma sobrancelha e abriu.

— "Eu, major William Wyatt Winchester, major aposentado do 128º Esquadrão de Reconhecimento da Força Aérea dos Estados Unidos, concedo à Agência Federal de Investigações dos Estados Unidos permissão para entrevistar meu filho, Gary William Winchester, em 4 de abril de 1979. Não concedo permissão a agentes do FBI, ou outras pessoas empregadas pelo governo dos Estados Unidos, para fazer a meu filho perguntas sobre mim ou meu trabalho enquanto civil. Atenciosamente, major William Wyatt Winchester, USAF."

O agente Douglas coçou a cabeça e examinou o bilhete.

— Nunca vi nada assim.

Gimble deu de ombros.

— É. Meu pai gosta de fazer as coisas do jeito dele.

— Não costumamos aceitar documentos legais sem um selo de cartório, ou escritos com marca-texto.

— Eu disse a ele, mas ele não conseguiu encontrar uma caneta — explicou Gimble.

— Certo. — O agente Douglas gesticulou para que Gimble o seguisse ao abrir a porta. — Por que não começamos logo, Gary?

Antes que a porta se fechasse, Mulder ouviu o amigo dizer:

— Aliás, todos me chamam de Gimble.

— Você não me disse que o pai do seu melhor amigo tinha um parafuso a menos — falou o pai de Mulder.

Phoebe lançou um olhar irritado para ele.

Mas até onde Mulder sabia, o pai estava sendo bonzinho demais.

— Não fale assim do Major. Ele é um cara legal. Não me importa o que você pensa.

O rosto do pai de Mulder ficou vermelho.

— O que você acabou de dizer para mim?

Mulder ouviu a porta atrás dele se fechar e se virou, vendo outro agente do FBI observando-os.

— Agente Robert Ressler. — O agente se aproximou de Bill Mulder e estendeu a mão. — Sou da Unidade de Ciência Comportamental.

O pai de Mulder se apresentou e Ressler se virou para Mulder.

— Fox, certo? — As mangas da camisa do agente Ressler estavam enroladas e a roupa estava amassada, como se tivesse dormido com ela.

— Pode me chamar de Mulder, e esta é minha amiga Phoebe Larson.

Phoebe sorriu.

— Prazer em conhecer.

— Acho que nosso compromisso é amanhã, Srta. Larson — disse o agente Ressler.

— Então acho que vejo você de novo amanhã — respondeu Phoebe.

O pai de Mulder pigarreou e gesticulou para a porta aberta atrás do agente.

— Vamos acabar logo com isso.

O agente Ressler estendeu a mão.

— Prefiro falar com seu filho sozinho, se não tem problema para você? Há um excelente café do outro lado da rua. A melhor torta de chocolate com creme que já comi.

Bill Mulder abriu a boca para discutir, mas Ressler continuou falando.

— Aposto que o Departamento de Estado faz um cara inteligente como você trabalhar sem parar.

— Eu *estava* em uma viagem profissional quando seu escritório me ligou — resmungou o pai de Mulder. — Vim de avião na noite passada.

Ressler ofereceu um aceno de cabeça solidário.

— Então estamos ambos sobrecarregados. Vá em frente, faça uma pausa. Coma um pedaço de torta.

— Tudo bem para você entrar sozinho? — perguntou o pai de Mulder a ele.

— Sim. — Há uma semana, Mulder teria se importado com o fato de o pai o abandonar durante uma entrevista sobre ter sido mantido em cativeiro por um assassino em série para comer torta. Agora ele via o pai como era: um covarde que tinha desistido da família.

— Vou esperar aqui — disse Phoebe, plantando-se em uma poltrona de vinil. — Dando apoio moral.

— Levarei F… — Ressler se interrompeu. — Mulder e Phoebe para o outro lado da rua quando terminarmos. — Ele caminhou com Bill Mulder até o corredor antes que o homem mudasse de ideia.

Ressler voltou e levou Mulder na direção da porta do escritório dos fundos. O garoto olhou por cima do ombro para acenar para Phoebe, e ela ergueu um polegar para ele.

— Posso trazer um refrigerante ou um lanche para você antes de começarmos? — perguntou o agente Ressler enquanto seguiam pelo corredor.

— Você se livrou do meu pai, então estou bem.

Ressler gargalhou.

— Meu pai também não é a pessoa mais fácil de lidar.

Quando Mulder se sentou diante da mesa do agente Ressler, ele se sentia confortável o suficiente para explicar ao agente o que tinham descoberto e os eventos que aconteceram na casa de Earl Roy. Ressler se sentou atrás da mesa e tomou notas, embora estivesse gravando a conversa. Ele parava Mulder sempre que tinha uma pergunta ou precisava de esclarecimento, mas em grande parte, apenas ouviu.

Quando Mulder finalmente terminou de contar a história dele, afundou na poltrona de couro.

— Parece que acabei de correr uma maratona.

— O que você fez exigiu coragem. Salvou a vida de Sarah Lowe e parou um assassino que matou pelo menos duas crianças. — disse Ressler.

Mulder ajeitou a postura.

— Você disse “pelo menos”. Quer dizer que acha que ele matou mais crianças? Outras que vocês ainda não encontraram?

Porque é isso o que eu acho.

— Recuperar o corpo de Daniel Tyler provou algo que eu temia.

A garganta dele secou.

— O quê?

Ressler abiu uma embalagem de antiácidos que estava sobre a mesa, enfiou duas pastilhas na boca e engoliu.

— Que Earl Roy Propps não começou a assassinar crianças há cinco *dias*. Ele está fazendo isso há muito tempo.

Algo estalou na mente de Mulder.

— Encontrou as bicicletas no quintal? Elas pertenciam a outras crianças? Earl Roy tinha uma bicicleta para Sarah. Ele disse que era um presente. Achei que talvez as outras bicicletas também tenham sido presentes.

— Encontramos as bicicletas — falou Ressler. — Mas ainda não temos certeza de a quem pertenciam.

— Então o que o fez pensar que Billy Christian não foi a primeira vítima de Earl Roy?

— É parte de meu trabalho pegar assassinos como Earl Roy, e estou fazendo isso há tempo o bastante para reconhecer quando estou lidando com um assassino em série experiente. — O agente Ressler afastou a cadeira da mesa e se levantou. — Eu não deveria lhe contar isso, mas vai ouvir no noticiário esta noite, se a mídia ainda não descobriu. — Ele se inclinou contra a parede atrás da mesa. — Encontramos o corpo de uma terceira criança, em outro mausoléu no cemitério Rock Creek. Então são quatro vítimas agora.

— Como sabia onde Earl Roy tinha escondido os corpos? Encontrou algo na casa dele? Como uma lista? Ou ele mesmo contou?

Ressler se sentou de novo e apoiou os cotovelos na mesa.

— Não. Não tínhamos nada concreto dessa forma. Mas deixar os corpos em mausoléus se encaixava no perfil de Earl Roy.

— Não tenho certeza do que quer dizer com o perfil dele.

— Não é um termo que muitos usam fora da UCC. Um perfil é uma descrição psicológica de um criminoso violento com base no que sabemos sobre os crimes dele — explicou Ressler. — É como montar um quebra-cabeça quando não se tem todas as peças, ou a imagem da caixa para ajudar. Meu trabalho é preencher as peças faltando; idealmente, antes que o assassino deixe um rastro de vítimas.

Mulder se sentou na beira da cadeira, atento a cada palavra de Ressler.

— Então o perfil ajudou você a descobrir onde procurar pelos corpos?

— Exatamente. Earl Roy é o que chamamos de assassino ritualístico. Emprega rituais específicos que têm significado simbólico para ele. — Ressler arregaçou as mangas. — Por exemplo, ele matou Billy depois de oito dias, e planejava fazer o mesmo com Sarah. Deixou um pássaro perfurado por flechas que foram dispostas com o mesmo padrão em cada corpo, tudo apontava para um assassino que se desfaria dos corpos da mesma forma, e os deixaria em locais semelhantes.

— Então começou a procurar em criptas? — Mulder imaginou Ressler e um bando de agentes do FBI perambulando pelo cemitério Rock Creek com pés de cabra.

— Deixei os cães farejadores de cadáveres fazerem essa parte — explicou Ressler. — São treinados para encontrar restos mortais humanos.

— Em um cemitério? O lugar todo é cheio de restos mortais humanos. — Parecia como procurar uma agulha em um palheiro do tamanho de um arranha-céu.

— Eu disse o mesmo da primeira vez em que um de meus instrutores na academia do FBI apresentou o conceito. Mas esses cães farejadores são altamente treinados. Alguns apenas detectam restos mortais antigos, e outros cães, como aqueles que levamos para o cemitério Rock Creek, são treinados para detectar odores relacionados a certos estágios de decomposição.

— Ainda não entendi — falou Mulder.

— Não vai parecer muito científico, mas usamos os registros do cemitério e o processo de eliminação. Como Earl Roy deixou Billy em uma cripta vazia, presumimos que ele teria feito o mesmo com as vítimas anteriores. Então só buscamos mausoléus, não túmulos, e eliminamos aqueles sem criptas vazias. Começamos com os mausoléus mais próximos daquele em que o corpo de Billy foi encontrado.

Depois que Mulder percebeu que os agentes do FBI não estavam sendo arrastados pelo cemitério agarrados às coleiras de uma

matilha de cães farejadores, ficou impressionado com a natureza científica da coisa toda.

— Quanto tempo levou para os cães encontrarem as criptas certas?

— Algumas horas. O corpo de Daniel estava em um mausoléu a dois túmulos daquele em que o corpo de Billy foi encontrado, e os restos mortais da menina foram recuperados do mausoléu de frente para esse.

— A outra vítima é uma menina? — Mulder mal conseguiu dizer as palavras.

Ressler fez que sim.

— Ela desapareceu em 1972.

— Tem certeza? Poderia ter sido 1973? — perguntou Mulder, com a pulsação acelerada.

— Normalmente, eu diria talvez. Restos mortais tão antigos assim levam mais tempo para serem identificados. Mas nesse caso pudemos identificar a vítima por causa de evidência cirúrgica. Tinha pinos no quadril de uma cirurgia ortopédica depois de um acidente de carro.

Mulder ouviu o que Ressler estava dizendo, mas se sentiu alheio às palavras, como se fossem insignificantes. O corpo da menina que tinham recuperado não era de Samantha. Isso ele registrou. Mas se Earl Roy estava matando crianças já em 1972, a irmã dele poderia ter sido uma delas.

— E quanto a 1973? — disparou Mulder. — Sabe onde Earl Roy estava ou o que ele fazia na época? Estou perguntando porque minha irmã, Samantha, foi sequestrada em 1973, em 27 de novembro, da nossa casa em Chilmark, Massachusetts. Ela estava na sala e a luz acabou. Quando voltou, Samantha tinha desaparecido e a porta da frente estava aberta, da mesma forma como aconteceu com as outras crianças.

— E você estava lá — disse Ressler. Não era uma pergunta.

— Sim. Mas eu apaguei e não me lembro de nada. — Mulder encarou o agente Ressler. — Acha que Earl Roy Propps levou minha irmã?

Ressler desligou o gravador.

— Oficialmente? Não sei. A verdade? É possível.

— Você estava envolvido com a investigação?

— Não. Mas perguntei por aí depois que li o resumo de seu histórico.

— E? — O coração de Mulder martelava nos ouvidos.

— Nenhuma evidência foi recuperada, e jamais houve suspeito algum, ou pistas. — Ressler sacudiu a cabeça. — Sinto muito. Eu queria mesmo ter mais para contar.

Mulder assentiu. A verdade parecia pesada e fria, como usar um casaco molhado na rua quando estava congelando. Ele não suportaria se sentir daquela forma pelo resto da vida. Quem quer que tivesse levado sua irmã precisava ter deixado algum vestígio — uma minúscula pista para que Mulder seguisse.

Em algum lugar.

O agente Ressler ligou o gravador de novo.

— Nada pode compensar o que você perdeu, mas você salvou a vida de uma menina. E salvou as vidas de todas as crianças que Earl Roy poderia ter ferido se ele continuasse livre.

O reconhecimento de Ressler não deu paz alguma a Mulder. O Campeão Eterno ainda estava à solta.

— Não fiz o suficiente. Earl Roy não fez isso sozinho.

— Do que está falando?

— Tentei dizer ao xerife, mas ele não quis ouvir. Há um segundo assassino. A pessoa que deu os ossos a Earl Roy.

Ressler pegou a caneta.

— Você viu essa pessoa?

— Não.

— Então o que o faz pensar que há outro assassino?

— Earl Roy não desenterrou alguns ossos velhos quaisquer para fazer aquelas flechas, mas acho que você já saiba disso. Os ossos vieram de adultos assassinados, e remover os ossos deu algum trabalho, como serrar mãos.

— Earl Roy contou a você sobre isso? — Ressler franziu a testa e sacudiu a cabeça, enojado.

Mulder não contaria ao agente Ressler que conseguiu a informação entrando de fininho na delegacia e olhando para as fotos que a “fonte” do Major, Sergio, tinha roubado do necrotério.

— Isso não importa. O que estou tentando dizer a você é que Earl Roy não podia ter feito nada daquilo. Ele não suporta ver sangue. — Mulder prosseguiu. — Quando estava trancafiado no porão dele, cortei a mão. Quando Earl Roy viu o sangue, o cara ficou maluco.

Ressler começou a escrever.

— Estou falando de um ataque de pânico total por um pouco de sangue manchando o chão.

Mulder estendeu a mão para que Ressler pudesse ver a palma.

— Este é o corte.

Era tão pequeno que Ressler precisou debruçar o corpo por cima da mesa para olhar mais de perto.

— Mas Earl Roy saiu rastejando para longe de mim como se eu tivesse cortado uma artéria. E ele me implorou, ao *prisioneiro* dele, que não chegasse perto. Por isso envenenava as crianças. Nada de sangue. Como um cara daqueles poderia desmembrar um corpo?

— Não poderia — confirmou Ressler. — O que você está descrevendo se chama hemofobia. E deduziu que havia um segundo assassino com base na conexão entre os ossos e a hemofobia de Earl Roy?

— Earl Roy também me disse que havia outro assassino — disse Mulder. — De um jeito meio delirante.

— Não tenho certeza se entendi.

— Ele é obcecado com essa série de fantasia sobre o Campeão Eterno, um personagem que luta para restaurar o equilíbrio entre Caos e Lei. É bem complicado.

Ressler fez que sim.

— Sabemos sobre os livros e o Campeão Eterno. Propps não parou de falar neles.

— Ele também não calava a boca quando eu estava lá. Ficava dizendo que ele era o protetor do Campeão Eterno. Mas não me dei conta até que vi a reação dele ao sangue.

O agente Ressler se reclinou na cadeira, estudando Mulder.

Mulder reconheceu aquele olhar.

— Você também não acredita em mim.

— Na verdade, acredito. — Ressler abriu uma pasta e folheou uns papéis do lado de dentro. — Testemunhei em primeira mão a hemofobia de Earl Roy.

— Como?

— Quando falei com o xerife, ele me contou que você estava em choque, e que eu deveria esperar alguns dias até entrevistá-lo. Disse que você achou que havia outro assassino porque Earl Roy morria de medo de sangue. Ele não levou você nem um pouco a sério.

— Mas você levou? — perguntou Mulder.

— Não posso receber o crédito. Mencionei a conversa com o agente Douglas e ele decidiu fazer um experimento. Jogou uma foto de cena de crime na mesa enquanto interrogávamos Earl Roy.

— O que aconteceu? — Mulder tentou imaginar a cena.

— Ele quase deslocou o ombro tentando passar para debaixo da mesa para fugir da fotografia. Muita gente por aí não teria juntado todas essas peças, Mulder. Se fosse mais velho, eu o contrataria. — Ressler não parecia debochar de Mulder.

— Espere. Então você acredita que há outro assassino em série? — Mulder encarava o agente, chocado.

Ressler desviou da pergunta fazendo outra pergunta.

— Quando você estava sozinho com Earl Roy, ele mencionou o irmão?

A palavra atingiu Mulder como um tijolo.

— Ele tem um irmão?

— Montgomery Propps. É três anos mais velho do que Earl Roy, e suspeitamos que ou estava diretamente envolvido nos crimes dele ou pelo menos tinha conhecimento. O fato de que não apareceu para trabalhar na manhã seguinte à prisão de Earl Roy torna os dois cenários mais prováveis.

Mulder colocou o bloquinho com as anotações que tinha feito na mesa de Ressler e o empurrou na direção do agente.

— Não sei se isso vai ajudar.

Ressler pegou o bloco e folheou.

— Você escreveu isto?

— Sim. Fiquei a noite toda acordado trabalhando nisso.

— Isso não são anotações, Fox. É um perfil de Montgomery Propps. — Ele encarou Mulder, chocado. — E *vai* ajudar. Às vezes perfis nos ajudam a identificar criminosos violentos, mas também os utilizamos para localizar criminosos mais rápido. Preciso mostrar

isto ao agente Douglas, então entregar para nossa equipe da UCC. Obrigado.

O agente Ressler levou Mulder de volta à recepção, onde Phoebe lia um folheto.

— Me dê alguns minutos — disse Ressler. — Então vou até o café encontrar seu pai.

— Ficaremos bem sozinhos — disse Mulder. — É logo do outro lado da rua.

— Fique aqui — ordenou Ressler, ainda lendo as anotações de Mulder enquanto empurrava a porta do escritório com a mão livre.

Assim que a porta se fechou, Phoebe perguntou:

— O que acabou de acontecer?

Mulder precisou de um momento para responder.

— Não tenho certeza. Mas acho que acabei de ajudar o FBI.

CAPÍTULO 26

Café do outro lado do prédio do FBI J. Edgar Hoover

16:54

Mulder viu o pai assim que entrou no café com Phoebe e o agente Ressler. Bill Mulder estava sentado a uma mesa nos fundos do restaurante e, pelos pratos na mesa, parecia que estava no segundo pedaço de torta.

O pai de Mulder se levantou assim que viu o agente do FBI andar na direção dele.

— Como foi? Meu filho foi útil?

Ressler fez que sim.

— Muitíssimo. Mulder é incrivelmente inteligente e os instintos dele são excepcionais, duas qualidades que estimamos muito na UCC.

O pai de Mulder jogou algumas notas na mesa.

— Que bom ouvir isso. Mas precisamos ir. Precisam de mim no escritório. O Departamento de Estado pegou um projeto bastante ambicioso, e sou o único que entende as complexidades. — A observação parecia uma tentativa deprimente de ressaltar que os genes excepcionais de Mulder tinham sido herdados do pai ainda mais excepcional.

— Ainda não podemos ir. Gimble ainda está na reunião com o agente Douglas — falou Mulder.

— Devem terminar em breve — assegurou o agente Ressler a Bill Mulder. — Me deixe comprar uma xícara de café para você.

— Vou sentar ali com Phoebe. — Mulder apontou para uma cabine do outro lado do corredor. Ele estava cheio do pai por aquele dia.

E pelo dia seguinte.

Mulder pegou a mão de Phoebe, levou a garota até a cabine e então se sentou.

— O que o agente Ressler disse a respeito do que você escreveu? — perguntou Phoebe assim que se sentou.

A garçonete apareceu antes que Mulder pudesse responder.

— Posso trazer algo para vocês, crianças? — perguntou ela, tirando o lápis de trás da orelha.

Os dois não tinham olhado os cardápios enfiados atrás do porta-guardanapos. Mas Mulder só queria se livrar da mulher para que pudessem ficar sozinhos.

— Só quero um pedaço de torta — disse ele.

— Eu também — falou Phoebe.

— De que tipo? Temos maçã, cereja, limão, creme…

Mulder a interrompeu.

— Batata-doce.

A garçonete ergueu as sobrancelhas, mas anotou.

— E para você? — perguntou à Phoebe.

— Chocolate?

— Chocolate com creme ou meio-amargo?

— Chocolate com creme — respondeu Phoebe rapidamente, sentindo que Mulder estava ficando impaciente. A garçonete começou a fazer outra pergunta, então a garota acrescentou: — E duas águas. Muito obrigada.

Quando a garçonete finalmente se afastou, Phoebe cruzou as pernas e se acomodou.

— Então, o que o agente Ressler pensou de suas anotações?

— Não sei. Ele pareceu meio… impressionado. Ressler disse que as anotações que dei a ele são chamadas de perfil.

— Suas anotações têm nome? — Agora ela também estava impressionada.

— Parece que sim. — Um indício de sorriso surgiu nos lábios de Mulder. — De acordo com o que Ressler me contou, um perfil é como uma janela para a mente de um criminoso violento. O FBI utiliza perfis para caçar assassinos em série como Earl Roy Propps.

Phoebe se recostou no sofá da cabine e inclinou a cabeça, estudando o amigo.

— Você só ficou na sala dele por uma hora e já conhece o jargão?

Mulder deu de ombros, subitamente envergonhado.

— Não é nada de mais.

Phoebe olhou do outro lado da mesa para ele e os dois se encararam.

— Você salvou a vida de uma menina, Fox. Nada é muito mais do que isso.

— Obrigado. — Mulder só queria impedir um monstro e proteger aquela menina, da forma que não conseguira proteger a irmã. Mas ele finalmente se permitiu sentir orgulho do que tinha feito.

A garçonete se aproximou e entregou as tortas deles. Ela esqueceu as águas.

Mulder enfiou uma garfada de torta na boca.

— Se o agente Ressler ficou impressionado com o perfil, então deve ter acreditado quando contou a ele sobre o segundo assassino — falou Phoebe.

Mulder se aproximou.

— Ressler já sabia. Um dos oficiais contou a ele sobre a forma como Earl Roy pirou ao ver sangue. Então Ressler armou para o maníaco e mostrou a ele a foto de uma cena de crime.

— E? — Phoebe estava atenta a cada palavra.

— Earl Roy tentou se enfiar debaixo de uma mesa e se esconder. Além disso, Ressler acha que sabe com quem Earl Roy estava trabalhando. Ele tem um irmão. Montgomery Propps.

— E esse irmão ainda está à solta em algum lugar? — Phoebe empurrou o prato, deixando a torta intocada.

— Sim. Mas o agente Ressler disse que o perfil que escrevi poderia ajudar o FBI a encontrá-lo mais rápido.

— Parece que você é bom nisso. E talvez seja algo em que esteja interessado?

A garçonete se aproximou da mesa de novo.

— Os dois homens naquela cabine ali pagaram sua conta.

O pai de Mulder e o agente Ressler tinham se levantado. O pai dele gesticulou para a frente do café.

— Parece que estamos indo embora — disse Phoebe.

Mulder não estava ansioso para voltar ao apartamento. Não tinha mais nada a dizer ao pai — exceto que não iria para a Universidade de Georgetown no outono.

— Fico feliz porque tivemos a chance de nos conhecer, Fox Mulder. — O agente Ressler estendeu a mão.

Mulder a apertou.

— Eu também.

— Não vem? — perguntou Phoebe a Ressler.

— Vou voltar para Quantico, para a UCC. — Ele olhou para Mulder. — Tem um perfil que quero entregar a meus colegas o mais rápido possível.

Quando Ressler se virou para ir embora, Mulder percebeu que tinha outra pergunta.

— Agente Ressler? Que curso a pessoa deve fazer na faculdade se quiser entrar para o FBI depois?

Ressler sorriu.

— Psicologia.

— Ciência política e economia vão levar você mais longe e Georgetown tem programas de ponta nos dois cursos. — O pai de Mulder não conseguiu resistir a mencionar.

— Bom saber — disse Mulder. — Mas não vou para Georgetown.

Phoebe escancarou a boca.

As narinas de Bill Mulder se dilataram e os músculos do maxilar dele se contraíram.

— O que você disse?

Mulder o ignorou e olhou para o agente do FBI.

— E qual universidade tem o melhor programa de psicologia?

— Isso é fácil. Oxford.

— Obrigado.

Mulder observou enquanto Ressler puxava as mangas enroladas e abria a porta para ir embora. O agente parou para dizer mais uma coisa.

— Me procure quando precisar de um emprego daqui alguns anos.

CAPÍTULO 27

Washington, DC

16:58

A janela deslizou e se abriu, como se alguém tivesse passado óleo nela apenas para X. As pessoas gastavam quantias absurdas em dinheiro comprando portas reforçadas e trancas de alta tecnologia para proteger os lares, mas nove entre dez pessoas eram sovinas com as janelas — e qualquer criminoso chinfrim sabia disso.

Ele começou a empurrar a janela até o topo, quando ela emperrou.

X ouviu a voz do próprio pai no fundo da mente.

— É isso que ganha por ser um sabichão.

Parece que o perdedor do seu pai estava certo uma vez na vida. Era uma pena que o homem estivesse morto e enterrado e não pudesse saborear o momento.

A boca de X se abriu em um sorriso satisfeito.

Você jamais se esquece da primeira pessoa que mata.

Dois minutos e 12 segundos depois, ele colocou a gazua que usava para abrir trancas de volta na carteira e passou por baixo da estrutura da janela para dentro do quarto.

Um lampejo vermelho chamou sua atenção e X reparou no pôster atrás da porta.

Farrah Fawcett.

O garoto tinha bom gosto.

Ele tirou a poeira da calça e sentiu uma pontada de… culpa? Certo, talvez se sentisse um pouco mal pelo garoto. Era difícil para um menino perder o pai.

A não ser que você mesmo o matasse.

Era o tipo de coisa que o chefe de X diria.

Ele passou pela escrivaninha e mexeu em um modelo da *Enterprise*, de *Jornada nas Estrelas,* pendurado acima dela.

— Desculpe, garoto. — X observou o modelo girar. — Seu pai deveria ter ficado de boca fechada.

Ele saiu de fininho do quarto e fechou a porta atrás de si, mas não antes de beijar dois dedos e levá-los aos lábios de Farrah. No corredor, ele ouviu estalos de estática, seguida pela voz de um homem.

Hora de ir trabalhar.

No meio da escada, X viu de relance seu alvo. Aquilo seria mais fácil do que ele esperava.

— Sergio, consegue me ouvir? — Mais estática. — Sargento? Seu relatório.

— Sergio está *indisponível* — falou X. — Você parece um verdadeiro lunático chamando por ele nessa coisa. Se ao menos todos soubessem o quanto você não é louco…

O homem soltou o microfone. Mas ele se recuperou rapidamente e ficou de pé.

— Quem diabo é você, e o que está fazendo em minha casa?

X tirou o blazer e o colocou sobre o corrimão.

— Não se lembra de mim, major Winchester? Isso dói.

O Major observou X.

— Não conheço você, e jamais me esqueço de um rosto.

— A não ser que nós queiramos que esqueça. — X caminhou até o Major. — Parece que está se lembrando de muita coisa ultimamente. Infelizmente, isso é um problema. — Ele tirou luvas de couro preto do bolso e as colocou. — E sou um *solucionador* de problemas.

Os olhos do Major se arregalaram.

— Você é um *deles*. — Ele deu um passo para trás. — O que fez com Sergio?

— Se eu fosse você, estaria preocupado comigo mesmo.

— O que quer que tenham prometido a você, é tudo mentira — gaguejou o Major. — Querem nosso planeta. Vai simplesmente entregar a eles?

X se aproximou.

— O mundo é um lugar bem deturpado…

O Major estendeu as mãos diante do corpo.

— Tenho um filho. Ele precisa de mim. Apenas me dê um pouco de tempo para me certificar de que ele ficará bem.

— Gary, certo? — perguntou X, avaliando a reação do Major. — Não se preocupe com ele. É um garoto esperto. Já estamos de olho nele.

— Deixe meu garoto em paz, ou vou encontrar você até no inferno. — O tom de voz do Major ficou gélido. — Isso é uma promessa.

— Você tem muita garra, major Winchester. É uma pena ter escolhido o time errado.

— Não precisa fazer isso. — O Major tentou dar mais um passo para trás, mas não havia mais para onde ir.

— É engraçado… Sua esposa disse exatamente o mesmo. — X inclinou a cabeça para o lado. — Acha que isso é uma coincidência?

A expressão do Major ficou sombria.

— Coincidências não existem.

Ele disparou contra X, que desviou para o lado no último momento possível. Quando o Major passou direto pelo agente, X foi para trás dele. Em uma rápida sucessão de movimentos, ele passou os braços para além dos ombros do Major e agarrou o queixo do homem. Então segurou a nuca do Major com a outra mão e puxou em direções opostas.

— Concordo.

X sentiu a vértebra se partir e deixou que o corpo do Major caísse no chão como uma pilha de roupas.

Agora o verdadeiro trabalho começava. X arrancou os artigos de jornal e as fotografias de óvnis falsos das paredes. Não tinha nada contra o status de investigador particular amador do Major, mas não tinha tempo de verificar toda aquela porcaria. Então tudo precisava ser destruído.

O porão veio a seguir. Um cabo grosso e um cadeado trancavam a porta. X devia ter trazido o corta-vergalhão. O bom de adeptos de teorias da conspiração que esperavam uma invasão alienígena era que sempre tinham muitos acessórios de emergência. E os guardavam no mesmo lugar na cozinha, como todo mundo.

— O armário debaixo da pia — disse X, quando se abaixou e o abriu. Ele pegou o extintor de incêndio vermelho e marchou de volta para a porta do porão. X bateu a base do extintor de incêndio com força contra o topo do cadeado.

Uma vez.

Duas.

Três vezes — e o cadeado quebrou.

O chefe de X queria um arquivo específico. Número 12179.

— Terá “Base da Força Aérea El Rico” estampado na frente.

Bem fácil.

O interruptor no alto da escada tinha sido removido, deixando os fios expostos. Com a porta do porão aberta, X conseguia ver bem o

suficiente para descer as escadas e localizar a corrente que pendia de uma lâmpada simples na base. Ele puxou a corrente e um painel de luzes fluorescentes no teto se acendeu aos poucos.

O quarto inteiro estava cheio de caixas de papelão empilhadas até o alto. Uma copiadora comercial estava enfiada entre duas pilhas de livros de capa verde. X pegou um.

— *A espada diabólica*? Você era um louco e tanto, major Winchester. — Ele abriu uma caixa com arquivos e tirou de dentro uma das pastas de cor creme.

Nº 12179. BFA EL RICO.

X pegou mais duas pastas, então abriu outra caixa e verificou aquelas. Todas as pastas tinham a mesma etiqueta.

Nº 12179 BFA EL RICO.

— Você venceu esta batalha, Major. — X parou diante da parede que dava para a escada.

O Major tinha escrito uma mensagem com letras pretas imensas.

VOCÊ AGUENTA A VERDADE???

— Você nunca vai descobrir — disse X ao puxar a corrente sob a lâmpada e subir as escadas.

X recuperou o blazer de onde o tinha deixado pendurado sobre o corrimão e o vestiu. Ele então caminhou pela cozinha e parou ao fogão. Do bolso interior do blazer, pegou o presente do chefe.

Nada extravagante. Apenas prático.

Um simples giro de um dos botões e a boca se acendia. X se aproximou com o Morley entre os lábios e acendeu o cigarro. Uma tragada, então ele seguiu para a porta dos fundos. Um halo de chamas laranja dançava na boca do fogão quando X jogou o Morley no chão da cozinha.

Ele estava no meio do beco atrás dos pequenos prédios de tijolinhos quando a cozinha do major Winchester explodiu, levando o restante da casa com ela em questão de segundos.

X pensou no filho do Major. Ele tinha quase 18 anos, e em Washington a pessoa só precisava ter 17 anos para ser legalmente declarado um adulto.

O garoto vai ficar bem.

Mas X tinha um arrependimento.

Eu deveria ter levado a Enterprise.

CAPÍTULO 28

Do lado de fora da residência dos Mulder

17:55

O sedan preto com as janelas fumê estava estacionado do outro lado da rua do apartamento de Bill Mulder.

X bateu na janela e a porta do passageiro se abriu.

— Como foi? — perguntou o chefe dele, sem mexer no Morley enfiado no canto da boca.

— Fumei meu primeiro cigarro — disse X, recostando-se no banco.

— O que achou?

— Não é ruim. Mas me vejo mais como um fumante social.

— Você inventou isso agora? — O chefe deu uma tragada no Morley, então apontou o cigarro para X. — E se inventou, não me diga. Parece o tipo de lixo que um cara de macacão branco diria, e ninguém deveria usar um, exceto por Elvis. E ele está morto.

O Fumante estava irritado com alguma coisa. X esperava que não tivesse nada a ver com ele. O volume de cinzas no Morley crescia a cada tragada. X não se incomodou em tomar cuidado com elas. As cinzas não se partiriam até que o chefe permitisse que caíssem.

— Pegou o arquivo? — Ele exalou e a fumaça serpenteou na direção de X.

— Arquivos. Plural. Caixas e caixas de fotografias.

— Presumo que seja esse o motivo para seu espetáculo de fogos de artifício na residência Winchester?

— Isso.

— E o Major?

— Quebrou o pescoço — disse X. — Eu teria encenado uma morte natural, mas o cara estava agitado. E não havia tempo.

— Não faça disso um hábito. — O Fumante soprou um longo rastro de fumaça. — Alguma coisa a relatar sobre Fox Mulder?

— Bill voltou para casa ontem à noite, e os dois começaram uma discussão. — X sacudiu a cabeça. — O pai do garoto é mesmo um babaca.

— Bill tem boa intenção. Um filho nem sempre pode entender as motivações do pai. Sobre o que discutiram?

— O FBI chamou Fox para fazer algumas perguntas. — O indício de um sorriso surgiu nos lábios dele. — O garoto se encontrou com o agente Ressler da UCC.

O chefe fez que sim.

— Conheço Bob. Fomos pescar uma ou duas vezes. O cara não leva jeito para navegação. Vomitou o tempo todo. — O chefe bateu a ponta do cigarro no cinzeiro e o volume de cinzas se partiu inteiro, como sempre. — Como Fox se saiu com Ressler? Em terra o homem é rigoroso.

— Ressler pareceu impressionado. Ficou surpreso porque o garoto decifrou o caso sozinho.

O Fumante girou o cigarro entre os dedos.

— Seguiu Fox Mulder por aí nos últimos dias. Como ele descobriu tudo isso?

X pensou na pergunta por um momento.

— Ele definitivamente tem bons instintos. E jamais ignorou ninguém sem dar uma chance à pessoa. Ouviu até mesmo o major Winchester.

— Fox Mulder está disposto a acreditar.

O Fumante continuou encarando o prédio.

Ele deu mais uma tragada.

— A crença tem sua utilidade.



AGRADECIMENTOS

Johnathan Maberry, meu amigo e colega autor: por pensar na ideia louca de escrever sobre Fox Mulder quando adolescente, e por jamais abandoná-la. Se não tivesse me convencido a escrever o conto “Black Hole Son” sobre Fox Mulder aos 16 anos para sua antologia, este livro não existiria. E ninguém mais poderia ter escrito a história da origem de Dana Scully. Você é o verdadeiro Agente do Caos.

Jodi Reamer, minha agente literária e a melhor no ramo: por me encorajar a seguir minhas ideias doidas para dentro da toca do coelho e me ajudar a encontrar o caminho de volta quando me perco.

Erin Stein, minha editora na Imprint: por conseguir este trabalho para mim e passar três dias em minha casa delineando a história de Mulder comigo. Mas, mais do que tudo, por me deixar assumir riscos em meus livros.

Joshua Izzo e Nicole Spiegel da Twentieth Century Fox: por sua animação e seu apoio, e por nos ajudar a fazer isso tão rápido; e para a equipe da IDW: pelas histórias incríveis que contam no mundo de *The X Files: Origens*.

Chris Carter, criador de *The X Files.* Por criar Fox Mulder, um dos personagens mais legais e icônicos da história da televisão, e por me permitir escrever esta história de origem.

David Duchovny, o ator que deu vida a Fox Mulder: por fazer com que todos nós acreditemos tão completamente.

Ellen Duda, designer sênior na Imprint: por criar uma arte de capa linda que capta o coração do livro.

Aos que “acreditam” na Imprint: Natalie Sousa, Rhoda Belleza e Nicole Otto. E para todos os que “acreditam” na Macmillan: Jon Yaged, Angus Killick, Allison Verost, Molly Brouillette Ellis, Kelsey Marrujo, Lucy Del Priore, Kathryn Little, Johanna Kirby, Mariel Dawson, Robert Brown, Jeremy Ross, Caitlin Crocker, Grace Rosean, Jennifer Gonzalez e a incrível equipe de vendas dela, John Nora, Alexei Esikoff e os olhos de águia de Valerie Shea e Christine Ma.

Writers House, minha agência literária: por representar a mim e a meus trabalhos literários, com um agradecimento especial a Cecilia de la Campa e Alec Shane.

Dr. Thomas Sixbey, MD, e Dr. Edward Kurz, MD: por seu conhecimento profissional inigualável sobre assassinos em série, mente criminosa, FBI e ciência comportamental. Não tenho como agradecer o suficiente por gastarem horas respondendo minhas perguntas e mensagens de texto. São os psiquiatras mais legais que já conheci, e este livro não seria o mesmo sem vocês.

Lauren Oliver, minha amiga e colega autora: por saber ainda mais sobre assassinos em série do que eu sei e por pensar no que sempre será conhecido como “a solução sangrenta”.

Sarah Weiss-Simpson, minha assistente: por organizar minha vida para que eu possa ter tempo de escrever. Não conseguiria chegar

ao fim do dia sem você.

Chloe Palka, minha gerente de mídia social: por seu conhecimento, criatividade e habilidade de ler minha letra. Você merece seu próprio arquivo X.

Erin Gross, Yvette Vasquez e Ursula Uriarte, minhas amigas e três das mulheres mais inteligentes que conheço: por sua genialidade, paciência e amizade.

Benjamin Alderson, Caden Armstrong, Katie Bartow, Yvette Cevera, Bri Daniel, Andye Eppes, Jen Fisher, Vilma Gonzalez, Kristen Goodwin, Erin Gross, Sara Gundell, Ruthie Heard, Mara Jacobi, Taylor Knight, Hikari Loftus, Caden Sage, Evie Seo, Tracey Spiteri, Amber Sweeney, Natasha Tomic, Ursula Uriarte, Lauren Ward, Jenny Xemanek e Heidi Zweifel — por serem "inconsequentes" e me oferecerem suas ideias, sua criatividade e seu apoio. Não posso agradecer o bastante ou expressar o quanto significam para mim.

Vania Stoyanova, minha amiga e fotógrafa: por me fazer parecer bem em minha foto de capa.

Lorissa Shepstone do Being Wicked, minha designer gráfica: por desenhar gráficos maravilhosos e floreios, pouco ou nem um pouco notados.

Eric Harbert e Nick Montano: por cuidarem de mim e serem os melhores no que fazem.

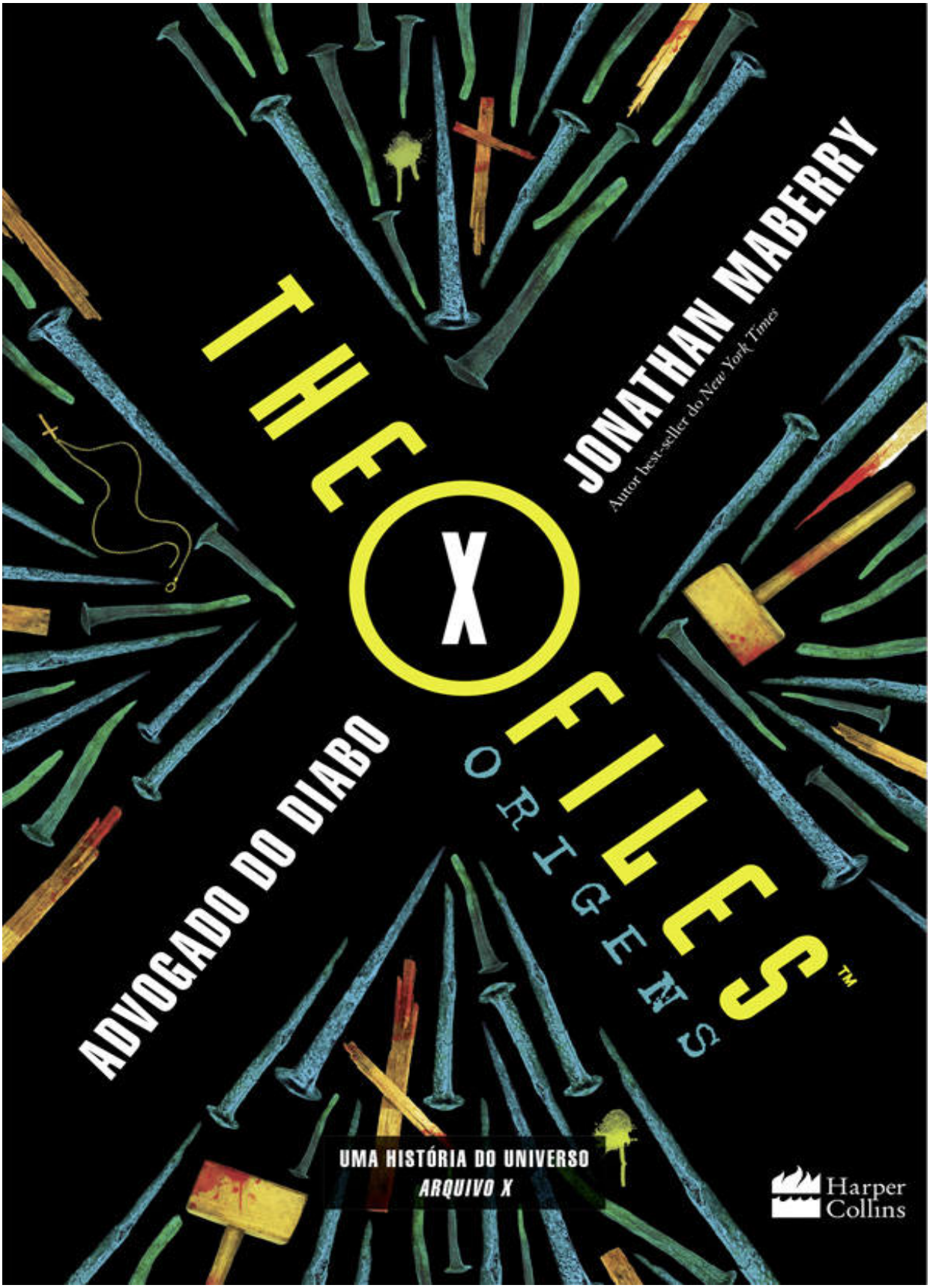
Alan Weinberger, meu reumatologista: por se certificar de que eu não me despedace.

Bibliotecários, professores, livreiros, bloggers, bookstagrammers, booktubers e meus leitores: por me acompanharem quando me aventuro em novos territórios, conectando-se com meus personagens e divulgando os livros de *The X Files: Origens* e todos os meus livros. Vocês são minha tribo.

Mãe, pai, Celeste, John, Derek, Hannah, Hans, Alex, Sara, Erin, Temple, Ryley, Sawyer, meus pais, padrastos, irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas: por seu apoio e incentivo. Amo todos vocês.

Alex, Nick e Stella: por acreditarem em mim, mesmo quando eu não acredito em mim mesma. Amo vocês.

NÃO PERCA A HISTÓRIA DE DANA SCULLY


THE X FILES™
ORIGENS
ADVOGADO DO DIABO
JONATHAN MABERRY
Autor best-seller do New York Times
UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO
ARQUIVO X
Harper Collins

PUBLISHER
Omar de Souza

EDITORA
Giuliana Alonso

COPIDESQUE
Társio Abranches

REVISÃO
Rodrigo Austregésilo
Iris Figueiredo

DESIGN DE CAPA E MIOLO
Ellen Duda

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio

Table of Contents

Relatório de campo
Rosto
Créditos
Sumário
Dedicatória
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Agradecimentos
Não perca a história de Dana Scully
Ficha técnica